LOUD!

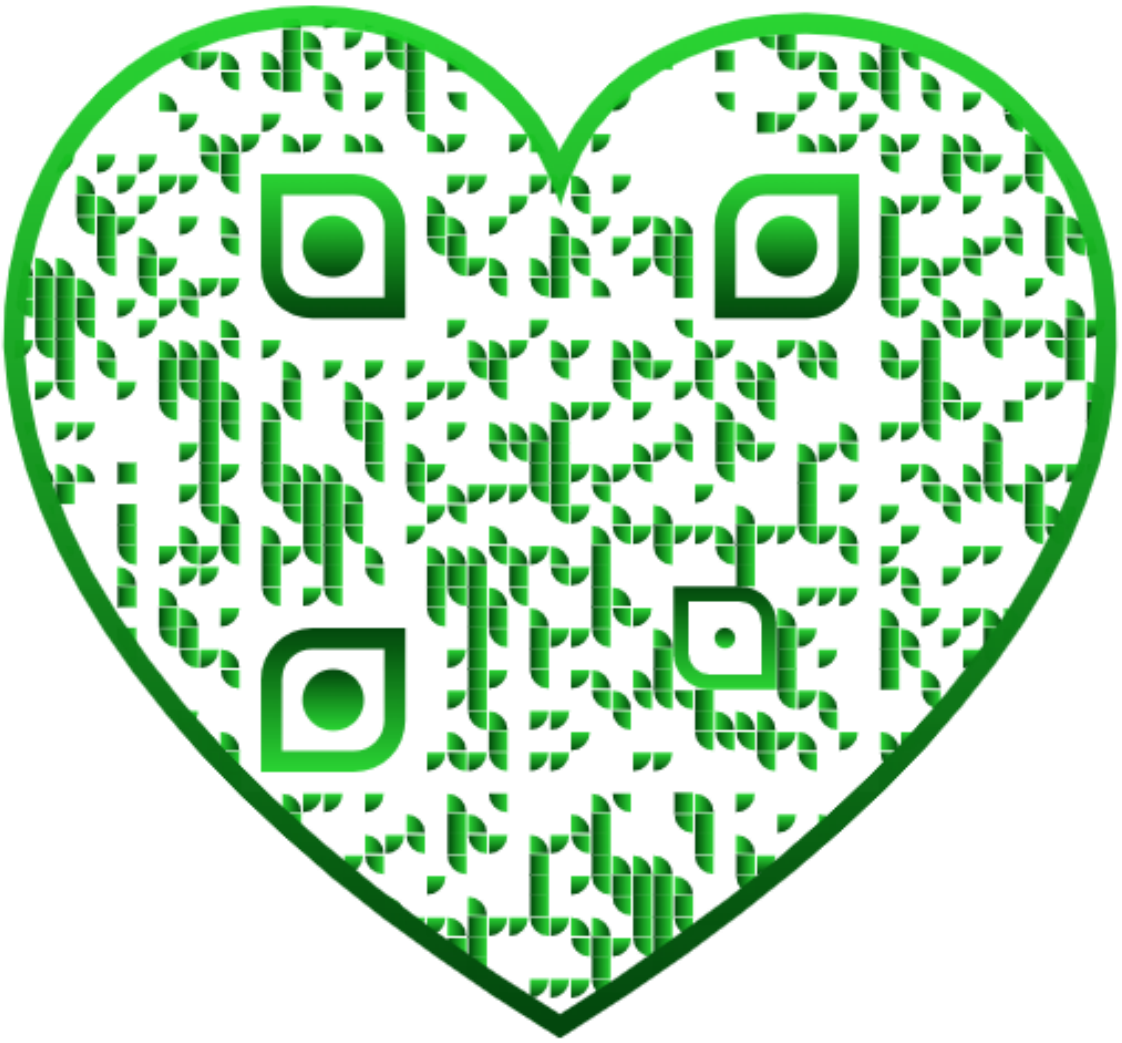
MAGAZINE

MENSAL
ANO XIX
N.º 198
09/2017
€3.50
[CONT.]

SATYRICON

Passado, presente e... futuro?

DEFTONES QUEENS OF THE STONE AGE EPICA
PARADISE LOST VENOM INC. CRADLE OF FILTH
BESTA WOLVES IN THE THRONE ROOM UFOMAMMUT MYRKUR



"One of the greatest hardcore records of the year!"
FUZE (GER)

COMEBACK KID
OUTSIDER

CD | LP | DOWNLOAD - IN STORES **08.09.**
DIGITAL SINGLES "ABSOLUTE (FEAT. DEVIN TOWNSEND)" AND "SURRENDER CONTROL" AVAILABLE

DIVERSE, PROGRESSIVE, CATCHY, MAGNIFICENT!
A MASTERPIECE OF MODERN METAL!

NOVELISTS
NOIR

CD | DOWNLOAD - IN STORES **08.09.**
DIGITAL SINGLES "THE LIGHT, THE FIRE", "UNDER DIFFERENT WELKINS" AND "A BITTER END" AVAILABLE

UK punk legends are proud and happy to announce the release of their best album ever!

PETER AND THE TEST TUBE BABIES
That Shallot

CD | LP | DOWNLOAD - IN STORES **15.09.**
DIGITAL SINGLE "NONE OF YOUR FUCKING BUSINESS" AVAILABLE

"Dark groovy riffs mixed with haunting melodies and a breath of pure fresh heavy rock - that's what DIABLO BLVD is all about"
METALLIAN (F)

DIABLO BLVD
ZERO HOUR

CD | DOWNLOAD - IN STORES **22.09.**
DIGITAL SINGLE "GOD IN THE MACHINE" - OUT: 08.09.

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-92826 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

Prime ARTISTS

PRIME ARTISTS & PEV ENTERTAINMENT APRESENTAM

ALTER BRIDGE

29 OUTUBRO
COLISEU DOS RECREIOS
LISBOA

PEVENTERTAINMENT

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
BILHETEIRA ONLINE (WWW.BOL.PT). ESPANHA: MASQUETICKET (WWW.MASQUETICKET.COM).

PHOTO: CRISTEL BROUWER

M/6

FEAT FIRST MANAGEMENT + CONTRA PROMOTION PRESENT

EPICA

ANNEKE VAN GIERSBERGEN'S VUUR

MYRATH

21 NOV. › MEO ARENA (SALA TEJO) › LISBOA
22 NOV. › HARD CLUB › PORTO

TICKETS AND VIP AVAILABLE AT EPICA.NL

»TICKETLINE LOUD!

GRAVEYARD

FEN-FIRE TOUR 2017

»TICKETLINE LOUD!

25 NOV - LISBOA AO VIVO

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
TICKETLINE (1820 - WWW.TICKETLINE.PT). ESPANHA: MASQUETICKET (WWW.MASQUETICKET.COM).

M/6

AN EVENING WITH

STEVEN WILSON

TO THE BONE TOUR

31.01.2018 Meo Arena - Sala Tejo

STEVENWILSONHQ.COM

NEW ALBUM **TO THE BONE** RELEASED AUGUST 2017

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
www.primeartists.eu | fb.com/primeartists

Prime ARTISTS

EDITORIAL

DE PROFUNDIS

Por esta altura, os Satyricon já são uma daquelas bandas que dispensam quaisquer apresentações para os leitores desta revista, mas torna-se impossível não olhar para trás e apreciar o percurso que fizeram durante as últimas duas décadas. Sobretudo porque, um bocado à laia de um "*nós já sabíamos que ia ser assim desde o início*", tudo apontava para aqui. Talvez por terem surgido já na explosão do fenómeno black metal escandinavo – em 1994, quando lançaram a estreia, os Darkthrone já tinham quatro discos no currículo, os Immortal estavam na fase do «Pure Holocaust» e o «Hvis Lyset Tar Oss» tinha acabado de ser lançado –, passaram incólumes às polémicas e aos crimes que envolveram o *boom* da tendência para fora do underground e, desde o início, preferiram deixar que a sua música falasse mais alto que o resto. O «Dark Medieval Times» e o «The Shadowthrone», os dois primeiros álbuns, tenham envelhecido melhor ou pior, marcaram toda uma geração.

Desde cedo, a dupla formada por Satyr e Frost fez questão de mostrar (e provar) a sua identidade própria e, acima de tudo, uma vontade imensa de quebrar as fronteiras muito rígidas – não só naquela altura, mas também actualmente – do estilo em que se inserem. A atitude, alimentada pela enormíssima força de vontade e poder de persuasão de um indivíduo que, ainda hoje não se percebeu muito bem como, tornou real a aparição do *logo* dos Darkthrone no cartaz do Wacken Open Air, valeu-lhes críticas duras. O arrojo, é sabido, não é propriamente bem-vindo numa "cena" em que muito boa gente vive com aversão ao crescimento e à popularidade. Em certa parte, a eterna polémica do *sell-out*, do compromisso, do "fazem música para vender!", muito burburinho gerou em torno do projecto ao longo dos anos. Os dois músicos nunca cederam, no entanto, à pressão.

Parece-nos, inclusivamente, que, a má-língua só os tornou ainda mais determinados e serviu de combustível para construírem uma carreira sempre em crescendo, tanto comercial como criativamente. Ao longo de todo este tempo, mostraram uma resiliência sem rival – e nunca se separaram, nunca fizeram uma pausa para regressarem uns anos depois com uma formação diferente, nunca sequer pararam de continuar a tentar fazer mais e melhor, a cada novo passo. A verdade é que, até aqui, têm conseguido, à força de muito engenho. A estreia com o «Dark Medieval Times», por muito que o disco hoje soe datado, cimentou a vertente mais folk do black metal. O «Shadowthrone» foi, a par do «Panzerfaust», um dos primeiros discos do género a ser gravado sem efeitos na voz e o «Nemesis Divina», que comemorou o 20º aniversário em 2016, adensou ainda mais a força obscura e cortante da banda, com as melodias da «Mother North» a fazerem crescer de forma exponencial a sua base de fãs.

Teria sido fácil fazerem como os Immortal e manterem-se agarrados à fórmula, mas isso não lhes chegava. Na fase pós-1999, os Satyricon transformaram-se numa força camaleónica, adoptando uma abordagem mais contemporânea no «Rebel Extravaganza» e, depois, no «Volcano», apostando forte no *back to basics*. O disco de 2006, assim como os seus sucedâneos, «Now, Diabolical» e «The Age Of Nero», deram origem a algum do mais brilhante black'n'roll e definiram o projecto como o conhecemos hoje. Talvez por isso, quando já toda a gente pensava saber o que esperar, o disco auto-intitulado de há quatro anos mostrou-os a rebelarem-se contra as produções modernas. Nesse sentido, o «Deep Calleth Upon Deep» é o passo seguinte lógico no trajecto do duo, mas não se fica por aí. Não podia, de resto. Depois de ter sido diagnosticado com um tumor cerebral, o Satyr, mostrando uma lucidez assinalável, percebeu que este podia bem ser o último registo que gravava e tratou de elevar um pouco mais a fasquia. Nas palavras do próprio, criaram "*um verdadeiro monstro de som obscuro e espiritual*". Nós tendemos a concordar.

José Miguel Rodrigues

LOUD!

N.º 198 / SETEMBRO 2017

LOUD!
Rua Carlos Mardel, 32 . 3º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 218075103

E-mail
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

COLABORADORES
Ana F. Carvalho, Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, Luís Pires, Luís Rattus, Nelson Santos [ns@loudmagazine.net], Pedro Pedra, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Amadeu Sousa, André Coelho, Bela Hilário, Bruno Guerreiro, João Maio Pinto, José Baetas, Stebba Ósk, Pedro Silva

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
Bernardo Serralha [bernardo.serralha@loudmagazine.net], Pedro Oliveira [pedro.oliveira@loudmagazine.net]

DEPARTAMENTO MULTIMEDIA
Daniel Marujo
[daniel.marujo@loudmagazine.net]

WEBDEVELOPER
Marco Morais
[marco.morais@gmail.com]

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.

DISTRIBUIÇÃO
VASP

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

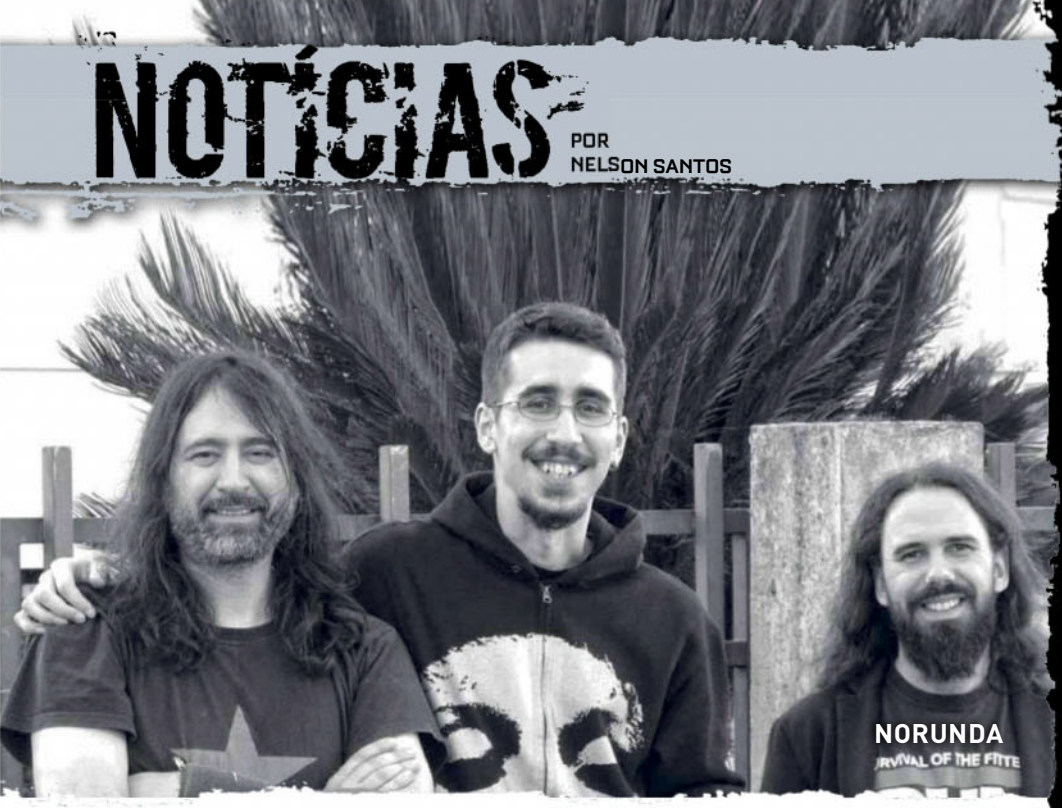
26 PARADISE LOST

6 **NOTÍCIAS**
8 **REVERENCE SANTARÉM – GUIA**
10 **STUDIO REPORT** BESTA
12 **STUDIO REPORT** SCARIFICARE
14 DEFTONES
18 PARADISE LOST
22 **PASSATEMPOS**
23 **ASSINATURAS**
24 **LOUD! DJ** HOURSWILL
26 EPICA
28 QUEENS OF THE STONE AGE
30 CRADLE OF FILTH
32 UNSANE
34 SATYRICON
40 MYRKUR
42 VENOM INC.
44 UFOMAMMUT
46 WOLVES IN THE THRONE ROOM
48 DISCOS
58 **TESOURINHO PERTINENTE** BURNT BY THE SUN
59 **LIVE & LOUD!**
66 **AGENDA**

34 SATYRICON

NOTÍCIAS

POR NELSON SANTOS



Já está fechado o cartaz para a sétima edição do **FARO ALTERNATIVO**. Dois dias de Outono – 6 e 7 de Outubro – que prometem levar muita gente ao Algarve, já que o alinhamento final contempla alguns dos nomes mais fortes da música de peso nacional. No primeiro deles, uma 6ª feira, teremos os Switchtense e os WAKO. a encabeçar o certame, com os Medo, Artigo 21, Terror Empire e Albert Fish a prometerem também aquecer e de que maneira as primeiras horas. No Sábado seguinte, serão os lendários Mata-Ratos a fechar com chave de ouro, e o público terá que encontrar energia em algo lado, já que imediatamente antes actuam os For The Glory. O resto do dia fica completo com Somber Rites, Challenge, Broken Distance e Minority Of One. Os bilhetes já estão à venda em www.letsgo.pt, e podem ainda tentar a vossa sorte nos nossos Passatempos na pág. 22, onde vos oferecemos a oportunidade de ganhar uma entrada gratuitamente.

Está previsto para este mês de Setembro, o lançamento do álbum de regresso dos black/*thrashers* **ALASTOR**. «The Dark Tower» é o título, tendo como tema/vídeo de avanço, «O Mal Morto». A edição cabe à War Productions, quatro anos depois do grupo de J.A. dos Decayed – aqui, o guitarrista Desecrator – ter lançado «From The Hellish Abyss». Na banda está também Gualter Charrua, baixista/vocalista que, com os seus Karseron, já lançou este ano «Nail Your God Down».

CAEDEUS é a designação de um projecto idealizado por Paulo J. Mendes, compositor e multi-instrumentista a residir nos Estados Unidos. No novo *single* «Siege Of Draedemor», o músico é acompanhado por Rute Fevereiro, vocalista dos Enchantya e Black Widows, pelo baterista Bruno Guilherme, baterista dos Cruz De Ferro e ex-W.A.K.O., pelo guitarrista Bernardo Rodrigues e pelo baixista Manuel Pinto. Com natureza sinfónico-extrema, o projecto terá álbum cá fora, em Fevereiro, na forma de «Domini Tenebrarum».

Três anos após o lançamento de «Inevitable», os **HOURSWILL** apresentam agora os primeiros avanços para o novo trabalho, «Harm Full Embrace», a sair no dia 11 de Setembro. Os temas escolhidos são «Blinding Light» e «Abyss Syndrome», já com a prestação de três novos elementos integrantes da banda: Leonel Silva (também dos Mindfeeder) na voz, Pedro Costa no baixo e Rodrigo Louraço na guitarra solo, para além de José Bonito na guitarra ritmo e de Nuno Peixoto na bateria. Produzido por Fernando Matias e pelo grupo, «Harm Full Embrace» é composto por oito temas e inclui convidados como o próprio produtor e músico de Sinistro, Ricardo Correia, igualmente de Sinistro e de Besta, Valter Freitas de Opus Diabolicum e João Paulo Farinha, ex-Desire e ex-Thragedium. A capa deste segundo trabalho da banda de metal progressivo da Grande Lisboa tem o traço do pintor Pedro Rego e edição da independente Ethereal Sound Works.

Há um novo trio ibérico a dar que falar – mais português que espanhol – denominado **NORUNDA** e composto pelo talentoso baterista portuense Marcelo Aires (Colosso, The Ominous Circle, Oblique Rain), pelo produtor e baixista Pedro Mendes (Heavenwood, Demon Dagger, etc.) e pelo vocalista e guitarrista Rubén Cuerdo. Já este ano lançaram o álbum de estreia «Irruption», mas são também notícia porque farão suporte aos Moonspell na jornada espanhola da *1755 Tour* entre 3 e 8 de Novembro. Seis datas em cidades do país vizinho onde também actuarão os Bizarra Locomotiva.

Os **VEINLESS** estão de volta e com uma formação renovada para os próximos concertos, integrando agora o baixista Alexandre Duarte. O recente álbum «IX» foi lançado pela NBQ Records e inclui nove temas, número intrinsecamente ligado ao conceito deste segundo longa-duração da banda de Almada. Abrindo com «Wake Up» e tendo como primeiro *single* «Outra Vez», este é um trabalho com canções em inglês e em português, onde também estão expressas as diferentes proveniências musicais dos cinco elementos, desde o metal alternativo ao thrash.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
DEFTONES – White Pony
GRAVE PLEASURES – Motherblood
PONTIAK – Dialectic Of Ignorance
POISON BLOOD – Poison Blood
UNSANE – Sterilize

JOSÉ CARLOS SANTOS
AMENRA – Mass VI
GRAVE PLEASURES – Motherblood
PRIMITIVE MAN – Caustic
KARI RUESLÅTTEN – Silence Is The Only Sound
CELAN – Halo

NELSON SANTOS
ARCHSPIRE – Relentless Mutation
UFOMAMMUT – 8
ENSLAVED – E
THEN COMES SILENCE – Blood
FATES WARNING – The Spectre Within

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO
THE HAUNTED- Strength In Numbers
SVART CROWN - Profane
VATTNET VISKAR - Sky Swallower
DHG – A Umbra Omega
CHELSEA WOLFE - Hiss Spun

RICARDO AGOSTINHO
LEPROUS – Malina
INCANTATION – Profane Nexus
THE QUARTET OF WOAH! – The Quartet Of Woah!
SLAYER – Seasons In The Abyss
THE LURKING FEAR - Out Of The Voiceless Grave

PEDRO ALMEIDA
ROKY ERICKSON AND THE ALIENS – Roky Erickson And The Aliens
IGGY POP – Lust For Life
DEEP PURPLE – Infinite
THUGNOR – The End Of Time
A TREE OF SIGNS – Initiation Of Light

OS TOPS DO "ÍLS"

10 melhores lançamentos dos

SATYRICON

1. Nemesis Divina
2. Volcano
3. Rebel Extravaganza
4. The Shadowthrone
5. Dark Medieval Times
6. The Forest Is My Throne
7. Now, Diabolical
8. Deep Calleth Upon Deep
9. Intermezzo II
10. Live At The Opera

MOONSPELL

Aproxima-se, o terramoto...

A 1 de Novembro de 1755, Lisboa acordava para uma terrível catástrofe que, no entanto, veio também a impulsionar um novo despertar luso. 262 anos depois, as estruturas da música nacional também vão abanar um pouco, com o lançamento de **«1755»**, álbum conceptual dos Moonspell, cantado em português e versando sobre o sismo e maremoto que abalaram a capital. Sabe-se agora que o disco terá dez temas, incluindo a participação do cantor **Paulo Bragança** em **«In Tremor Dei»** e uma versão de **«Lanterna Dos Afogados»**, original dos Paralamas do Sucesso, a encerrar um trabalho com *artwork* de **João Diogo** e edição **Alma Mater Records & Books** (Napalm Records, no estrangeiro). Outras músicas são **«Desastre»**, **«Ruínas»** e **«Todos Santos»**, esperando-se um novo álbum de "raiz metal, orquestrações épicas e vozes e letras que testemunham a agonia daquele dia". A 30 e 31 de Outubro, a banda apresenta o novo material em concertos no **Lisboa Ao Vivo** e, a 1 de Novembro, no **Hard Club** do Porto. A ***1755 Tour*** prossegue entre os dias 3 e 8 por cidades espanholas, com suporte dos **Bizarra Locomotiva** e **Norunda**, sendo isto ainda antecedido de alguns festivais este mês, nomeadamente a 9 de Setembro, no **Reverence Santarém**, onde os Moonspell fazem um *set* especial só com temas de «Wolfheart» e «Irreligious», num simbólico "enterro" dos primeiros 25 da banda. Em preparação está também a biografia oficial dos lobos, prevista para o primeiro trimestre de 2018, da autoria do nosso escriba **Ricardo S. Amorim**, sendo que, entre 18 de Janeiro e 5 de Março, os Moonspell acompanham os **Cradle Of Filth** numa longa digressão europeia de apoio aos álbuns «Cryptoria» e «1755».

OUTONO/INVERNO DE CONCERTOS

Mayhem, Napalm Death, Graveyard, Therion e mais

O último trimestre de cada ano costuma ser pródigo em espectáculos ao vivo e 2017 parece não ser excepção. Além do que já estava confirmado – e que poderão conferir, na totalidade, na *Agenda* – neste último mês foi anunciada mais uma dezena e meia de nomes internacionais a visitar o nosso país. Assim, a 12 de Outubro, no Cine-Teatro de Corroios, teremos por cá de de novo os **Mayhem**, autoridade norueguesa do black metal que, já este ano, actuou no SWR Barroselas. Com eles, vêm os britânicos **Dragged Into Sunlight**. Nesse mesmo dia, o Metalpoint, no Porto, recebe os norte-americanos **Blood Incantation** e **Spectral Voice**, *deathsters* que, no dia seguinte, tocam no Another Place de Almada. A 13 e 14 de Outubro, respectivamente, os letões pagãos **Skyforger** passam pela Cave 45 e pelo RCA Club, com aberturas dos **Gwydion** e, no dia 17, são os **Papa Roach** que regressam a Lisboa, para actuarem no Coliseu dos Recreios. Já em Novembro, no dia 11, temos **Master** no RCA Club, **Epica** com **Vuur** e **Myrath** na Sala Tejo da MEO Arena (21) e Hard Club (22) e **Graveyard** no Lisboa Ao Vivo, a 25. Destaque também para nova data dupla dos **Napalm Death** por cá, a 10 e 11 de Dezembro, no Hard Club e RCA Club e, já em 2018, os suecos **Therion**, dias 21 e 22, no Hard Club e Lisboa Ao Vivo. Antes de tudo isto, já nos dias 28 e 29 de Setembro, contem com o experimentalismo dos *noise rockers* **Melt-Banana**, visionários japoneses que passam pelo Maus Hábitos no Porto e pela Galeria ZDB, em Lisboa.

A monument to rampaging individuality and the power of the human spirit.

Deep calleth upon Deep

The new album from

SATYRICON

NAPALM STORE EXCLUSIVE

LTD. Deluxe Box Set (Digipak, LTD. Vinyl, Posterflag, Slipmat & Vinyl Brush) **exclusively available at** www.napalmrecords.com!

WWW.FACEBOOK.COM/SATYRICONOFFICIAL
WWW.SATYRICON.NO

OUT 22.09.! **SATYRICON** - Deep calleth upon Deep
Available as CD, LTD Digipak, LTD Vinyl and Download / Stream!

FACEBOOK.COM/NAPALMRECORDS
GET THE NAPALM MOBILE APP
NEW ONLINE STORE! WWW.NAPALMRECORDS.COM!

DEZ RAZÕES PARA NÃO FALTARES!

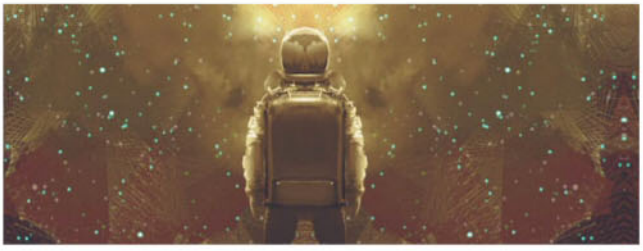
Depois de três edições em Valada, este ano o festival REVERENCE mudou-se de armas e bagagens para a cidade de Santarém. Com um cartaz bastante mais forte em termos de pesos pesados, mas que não refuta nem por um momento a diversidade que desde o início pautou o evento, a 8 e 9 de Setembro, o aprazível Parque da Ribeira de Santarém vai receber alguma da música alternativa mais excitante – do post punk ao psych, do stoner ao prog – que se faz nos dias que correm. Aqui ficam dez razões para não faltarem a um evento que, tudo indica, fará mais uma vez o gáudio dos melómanos mais exigentes e, claro, sem palas nos olhos.

01. A NOVA LOCALIZAÇÃO

A localização anterior do Reverence – no Parque de Merendas de Valada do Ribatejo – era, efectivamente, mágica. A nova não lhe fica atrás e até tem uma história engraçada, porque corre a lenda que era ali que era suposto acontecer a primeira edição do festival. Situado por baixo do Jardim das Portas do Sol e da Ponte D. Luís, na idílica zona do Parque da Ribeira de Santarém, localizado nas margens do Tejo, o recinto situa-se a cinco minutos a pé da estação da CP, no coração do charme rústico da cidade velha, entre o rio Tejo e os campos de cultivo. O parque de campismo gratuito, com a sua praia fluvial "privativa", promete manter ocupados os melómanos dados a actividades aquáticas entre concertos.

02. A MAIS INTERNACIONAL DAS BANDAS NACIONAIS

Denotando uma orientação mais pesada, em 2017 o Reverence conta com os Moonspell como cabeças-de-cartaz no dia 8 de Setembro e a mais famosa das bandas nacionais tem um espectáculo especial preparado para o evento. Encerrando o ciclo iniciado no final do ano passado com uma apoteótica actuação no Pavilhão Multiusos de Guimarães – e que teve depois seguimento lógico no Campo Pequeno, em Lisboa, aquando das gravações do DVD «Under A Full Moon Madness» –, o quinteto liderado por Fernando Ribeiro tocará, pela última vez nesta *tour* com alinhamento *vintage*, na íntegra e por ordem, os dois primeiros discos, «Wolfheart» e «Irreligious». Resultado, esta será uma oportunidade única para testemunhar "um simbólico enterro dos primeiros 25 anos" de carreira dos Moonspell.



03. A VARIEDADE DO CARTAZ

As três primeiras edições consagraram o festival como um evento de peregrinação mais que obrigatória para os fãs de psych, stoner, heavy e indie de todo o mundo, afirmando-se como um ponto de paragem para todos os melómanos que querem desfrutar de algo um pouco diferente do habitual no espectro da música feita com guitarras. Em apenas três anos, este certame com identidade muito própria levou mais de 200 artistas ao Ribatejo, incluindo mais de 70 bandas internacionais estreantes em Portugal, algo único no panorama musical do nosso cantinho à beira-mar plantado. O cartaz de 2017, apesar de menos extenso, não foge à regra e, segundo a organização, "pretende ser uma enormíssima celebração do melhor que a música underground tem para oferecer".

04. A CIDADE

A deslocação do evento de uma pequena vila como Valada para Santarém – cidade com cerca de 30.000 habitantes – vem trazer ao festival Reverence um valor acrescido; nomeadamente mais acessibilidade de transportes, assim como mais e melhor capacidade hoteleira e oferta gastronómica, capaz de fazer crescer água na boca aos *foodies* deste mundo. Sabendo da apetência que a juventude milenar tem pela boa comida, o Ribatejo oferece uma miríade de petiscos não-formatados e invulgares que, no fim de semana de 8 e 9 de Setembro, poderão fazer as delícias das legiões mais destemidas de *instagrammers*. O magusto com bacalhau assado, o ensopado de enguias, a tomatada de ovos e, para os mais gulosos, os pampilhos, serão, definitivamente, "alvos a abater" durante dois dias em que vai ser importante repor calorias a cada oportunidade.

05. A IGREJA DE RA

Não, o Ribatejo não vai ser invadido por nenhum culto satanista. Church Of Ra é, isso sim, um colectivo de músicos belgas associados aos colossais Amenra – que vão marcar presença no evento e trazem na bagagem um novo registo de originais – e que inclui projectos como Oathbreaker, The Black Heart Rebellion, Syndrome, Kingdom, Hessian, Treha Sektori e Wiegedood, entre outros. Desta extensa lista vamos ter o prazer de (re) ver também os Oathbreaker, um dos seus mais ilustres e badalados porta-estandartes. Donos de um estilo muito próprio, os músicos liderados pela encantadora Caro Tanghe aterram no Reverence ainda na ressaca do muito aclamado e ambicioso «Rheia», prontos a provar que, afinal, é mesmo possível encontrar equilíbrio entre a harmonia e a agressão, sem que sejam feitas concessões para qualquer um dos lados.

06. O ANIVERSÁRIO PSICADÉLICO

Referenciado como um dos principais selos de rock psicadélico underground da Europa, a reputada editora independente londrina Fuzz Club vai comemorar o seu quinto aniversário numa parceria com o Reverence. A simbiose vai trazer às margens do Rio Tejo algum do melhor neo-psicadelismo que se faz hoje em dia no planeta e, do lote de bandas que subirão aos dois palcos instalados no Parque da Ribeira de Santarém, constam os The Underground Youth, Throw Down Bones, Nonn, The Gluts e 10 000 Russos – que, verdade seja dita, foram descobertos pela editora na primeira edição do festival, acabando depois por lançar «10000 Russos» e «Distress Distress», dois álbuns amplamente aplaudidos pelos apreciadores do género.

07. A TRADIÇÃO PROGRESSIVA

Se a Suécia pode dizer que tem o seu próprio equivalente aos Amon Düül, então temos de falar dos Träd, Gräs Och Stenar. A actuar pela primeira vez em Portugal no palco do Reverence, este histórico colectivo juntou-se no final dos 60s e, entre 1969 e 72, afirmou-se como uma das mais excitantes propostas musicais saídas da Escandinávia e um dos pioneiros do movimento prog que tomou de assalto o país nesses anos de efervescente criatividade alucinada. Foi precisamente nesse período que lançaram álbuns incontornáveis do movimento como «Djungelns Lag», «Rock För Kropp Och Själ» ou «Mors Mors», antes de cessarem actividades por divergências criativas. Acabaram por voltar à vida no início da década de 90 e, desde então, as suas actuações têm sido esporádicas, pelo que é sempre uma experiência única vê-los em palco.

08. OS PORTA-ESTANDARTES DO POST ROCK

Uma das surpresas da edição de 2017 do Reverence é a presença dos japoneses MONO no cartaz. O grupo propõe-se a, nas suas próprias palavras, "comunicar o incomunicável", reflectindo as nuances de cada emoção humana em intensas viagens introspectivas de post rock expansivo. É isso, de resto, que tem feito ao longo da última década, construindo um fundo de catálogo intocável que, apoiado em álbuns como «One Step More And You Die», «You Are There» ou «Hymn To The Immortal Wind», já lhe garantiu posição de destaque no panteão do fenómeno e, pelo caminho, influenciou uma imensidão de outros músicos. Após vários concertos esgotados nos últimos anos, a banda regressa a Portugal para um momento que ficará na história do festival e na memória daqueles que o presenciarem.

09. AS REVELAÇÕES E AS ESTREIAS

O cartaz da edição deste ano do Reverence é composto por um total de 42 nomes, das bandas estabelecidas ao talento emergente, entre o qual se contam os nacionais Sinistro, que no ano passado se afirmaram como uma das grandes coqueluches do underground luso com a edição de «Semente» através da independente francesa Season Of Mist. A nível internacional, os alternativos Bo Ningen, os roqueiros Siena Root e os psicadélicos Hills – que, segundo rumores, contam com gente dos muito aplaudidos Goat na formação – são também nomes a não perder. Acresce a isto um contingente nacional, fulcral na evolução do evento desde a primeira edição, versátil, garantindo que no Parque da Ribeira de Santarém se vai ouvir alguma na melhor música alternativa actual.

10. OS CLÁSSICOS

Quem já esteve no Reverence recorda certamente com carinho as *jam sessions* ao raiar do sol, todas as descobertas inesperadas que se podem fazer num só fim-de-semana e também o mágico Legacy Slot, que viu passarem pelo Parque de Merendas de Valada nomes tão ilustres e "clássicos" como os Hawkwind, Amon Düül II ou The Damned. Este ano, em Santarém, essa honra cabe aos Gang Of Four. A banda britânica, formada em 1977, é autora de vários dos mais emblemáticos temas de post punk e promete uma plena descarga da energia que caracteriza as suas actuações, com uma mistura dos hinos mais antigos, como «Damaged Goods» e «At Home He's A Tourist», com temas mais recentes.

Studio Report

BESTA

Os BESTA estão em estúdio, no The Pentagon Audio Manufacturers, em Olival Basto, a gravar o terceiro-longa-duração. A LOUD! atreveu-se a visitá-los para ouvir parte dos dezoito temas novos que vão compor o disco (a amostra é muito promissora!) e desvendar mais sobre a bomba que está a ser armadilhada. A receber-nos estiveram o vocalista Paulo Rui, o guitarrista Ricardo Correia, o baterista Lafayette (também conhecido como Paulo Lafaia) e o produtor Fernando Matias, que nos falaram sobre as expectativas da banda, a evolução, a continuidade e a importância que para eles tem a musicalidade no grindcore. POR JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO · FOTOS: ESTEFÂNIA SILVA

Em que ponto da gravação do disco vos encontramos?
Ricardo: Estamos a um bocadinho mais de meio da captação. Faltam umas guitarras, tratar de uns arranjos. Já está tudo composto, queremos é fazer mais arranjos. No início queríamos fazer algo… não digo elaborado, mas diferente. Só que depois começou a soar tudo tão selvagem que chegámos à conclusão que era melhor deixar a cena mesmo crua. Pensámos em pôr teclas, fazer coisas diferentes, mas depois entendemos que não era a melhor opção. Vai ficar bem brutal e com uma produção bem directa.

Quando partiram para este processo sentiam essa necessidade de fazer algo distinto?
Ricardo: Este disco marca uma diferença, tem elementos mais balanceados. Enfim, neste estilo de música não há assim tanta coisa para inventar, é tudo tão rápido, cirúrgico e incisivo, que não sobra muito espaço...

Mas pelo que pudemos ouvir, alguns temas diferem entre si e mesmo dentro dos próprios parece haver mais contrastes...
Lafayette: Sim, há ambientes variados.
Paulo: O que o Ricardo estava a dizer é que chegámos à conclusão que queríamos manter o punk e se entrássemos numa de encher a cena com floreados, iria perder a crueza do punk. Como este é um estilo musical rectilíneo, por assim dizer, nós mantemos essa onda, mas lá dentro damos nuances diferentes. Damos uma harmonia que não estás à espera que apareça numa cena grindcore, por exemplo, e até em termos de voz e na guitarra há coisas diferentes.
Ricardo: Pensámos em tanta coisa. Vamos ser mais punk, não vamos ser mais grind, não, vamos fazer cenas lentas, depois acabou por não haver uma única cena lenta… [risos] À medida que fomos compondo percebemos que ficou foi ainda mais extremo.

Que cenas de guitarra são essas que o Paulo falou?
Ricardo: Acho que é mais a maneira de tocar os riffs, a dissonância dos riffs. Sei lá, são pequenos pormenores. Pensámos muito nos Voivod, e acho que quando tivermos a mistura final isto de que estamos a falar se vai notar mais.
Lafayette: Há certas coisas que notámos depois de gravar, partes que soam um bocado às bandas polacas, tipo Vader...
Ricardo: Aquele zumbido... Na verdade começámos por pensar de mais e depois deixámos de pensar tanto e o resultado foi este.
Lafayette: Depois chegámos ao ensaio e em meia-hora tínhamos duas músicas feitas, em catorze segundos tínhamos outra música feita. Temos uma música com nove segundos. [risos]
Paulo: E depois há os pormenores que marcam a diferença. Tens uma música que está a ir para o grindcore puro e entra uma cena da voz que tenta desconstruir um bocado, ou construir ainda mais.
Ricardo: Nós já reparámos numa coisa, e já temos alguma experiência nisso, porque todos

nós já gravámos vários discos e já tocámos bastante lá fora. É que com Besta conseguimos… não sei se vou conseguir explicar isto… nós, como somos da banda, percebemos melhor. Captar um certo público. Às vezes vamos tocar e não está muita gente, mas estão aquelas pessoas que nos entendem. No Brasil, onde vamos voltar em Janeiro e Fevereiro, sentimos muito isso. Conseguimos encontrar uma essência e também pensámos que não a queríamos perder. Queremos enveredar por aquele caminho a que o pessoal que nos ouve já está habituado e isso é que se calhar nos vai conseguir levar mais longe. Não consigo explicar bem isto…

Estão a gravar há quanto tempo?
Ricardo: Começámos em Maio, depois parámos e voltámos agora. Nem há duas semanas.
Paulo: Parámos um pouquinho porque andámos a tocar ao vivo, fizemos uns festivais… e eu também estive no norte. Todos temos outras coisas a fazer noutras bandas…
Fernando: Este é o dia sete de gravações.

Pediram ao Fernando Matias alguma coisa em particular para o som deste disco?
Ricardo: Ainda não chegámos bem a essa parte. O Fernando já gravou tantas vezes a banda que já tem uma ideia de como devemos soar.
Fernando: Acho que a ideia é mesmo ser o mais orgânico possível.
Paulo: Desde que acabámos de gravar o *split* com os Thanatology que a cena começou a ganhar um rumo diferente. A única coisa que nós pedimos, pela minha maneira de ver, é a identidade que temos vindo a construir d'«O Cúmplice» em diante. Não é nada novo, porque a cena está mais do que demarcada, mas mesmo estas músicas sendo diferentes acho que já têm algo que consegues identificar perfeitamente como sendo Besta. De tudo o que metemos – o Paulinho fez cenas novas, com o pedal duplo, por exemplo, mesmo à 90s – quando te abstrais disso, ouves a música como um todo e percebes logo.
Ricardo: Acho que há um cena fixe na Besta, é que consegues cantarolar as canções, cantá-las mesmo. Ao vivo, claro que o pessoal não tem tanto essa percepção, a maior parte das pessoas não nos conhece tão bem e aquilo soa-lhes um bocado ao mesmo, mas isso para nós é importante, por mais simples que seja ou parecido a outra coisa que já tenhamos ouvido. Posso dar-te um exemplo, e estou a falar por mim, de facto aquilo tem alto *power* e acho que é uma banda com todo o mérito, mas se eu puser aqui um disco dos Rotten Sound, no fim tu não te vais lembrar de uma música…

Se for um dos últimos talvez não me lembre…
Ricardo: Não quer dizer que isso seja mau, só não fica no ouvido, tu confundes os discos. Queremos demarcar-nos disso e acho que isso tem a ver com as nossas influências, porque quando começámos na música não tocávamos grindcore. Foi um gosto que fomos adquirindo. O que eu quero dizer é que é difícil para nós não ter música numa banda de grindcore e fazer somente "barulho". Percebes o que quero dizer?
Paulo: É como eu estar a gravar uma música de punk e grind e o Paulinho vira-se e diz que eu estou a gritar fora de tom. Eu estou a gritar, *man*, uma cena de punk/grind fodido, a estrilhar tudo, e o gajo diz-me, "pá, se calhar isso não está no tom certo"… [risos]

Neste estilo de música não há assim tanta coisa para inventar, é tudo tão rápido, cirúrgico e incisivo, que não sobra muito espaço. — Ricardo Correia

Ricardo: Há ali um riff que era para Sinistro e não foi aproveitado. Tu perguntas, como é que isso é possível? São duas bandas que não têm nada a ver, totalmente distintas, mas conseguimos adaptar para o que queríamos. Já tivemos bandas de rock, de hardcore, do death metal… A reacção geral que temos à banda é muito boa, que era uma coisa que, por exemplo, nos We Are The Damned não sentíamos. Nós gostávamos da banda, mas a maior parte das pessoas parecia não gostar.
Paulo: Isso era porque o vocalista era mau, eu ainda não estava lá. [risos]
Ricardo: Nem interessa a razão. Quantas bandas há aí que tu achas espectaculares e a que nunca ninguém ligou na vida? Besta ultrapassou We Are The Damned até na nossa lista de prioridades. Há riffs neste álbum que podiam estar num disco dos We Are The Damned, mais dissonantes e crust.

O disco já tem título?
Paulo: «Eterno Rancor»
Ricardo: Atenção que não estamos a apelar a que ninguém tenha eternos rancores. É algo que sempre existiu.

Paulo: Besta há-de ser sempre uma banda politizada. E somos porque não estamos contra a política em si, mas contra a forma como é feita. Como dizia o outro senhor – "*eu sou o meu próprio Comité Central*". Eu sou, e vou falar de política da maneira que eu a vejo. A vertente social está sempre lá, um bocadinho de quotidiano. Anda pela política, anti-religião (contra quem explora quem acredita, nada contra quem acredita), a cena dos egos, do transpirar o ódio, do país que temos.

Agora que estão a meio da gravação, o que esperam deste disco? Quais são as vossas expectactivas?
Ricardo: Todas e nenhumas.
Paulo: Tocar, tocar, tocar. Não é tocar ao fim-de-semana, é tocar sempre, fazer *tours*.
Ricardo: Queremos fazer disto uma profissão. Entre aspas. Queremos levar a banda a sério. Não há nada delineado, quem vai editar, nada. Só vamos acabar o que temos em mãos: a música, a imagem, tudo isso, e depois vamos dar às pessoas que conhecemos para ver o que é possível fazer. Se não houver essa possibilidade, logo se vê.

Studio Report

SCARIFICARE

Nome forte do black metal portuense, a certa altura os SCARIFICARE entraram em hibernação. Durou até há alguns meses atrás, quando anunciaram novo disco e regresso ao activo. A LOUD! foi até ao estúdio escutar o terceiro-longa duração, acompanhada de Quetzalcoatl e Eligos. POR EMANUEL FERREIRA

Depois de «Perpetual Decline», de 2010, e «Postulado», de 2013, os Scarificare ficaram fora do radar de muitos, e hoje sabe-se que a razão para terem demorado tanto tempo para voltar a entrar em estúdio —em 2014, ficaram sem membros na banda para além de Maurício, também conhecido como Quetzalcoatl, que nos guiou pela audição do novo disco. "*Não foi fácil encontrar músicos capazes de entrar em Scarificare e portanto ainda andei algum tempo nessa procura*," explica. "*Com a saída do responsável pelas letras, demorei bastante tempo a ter as ideias primordiais das músicas e ainda mais a concretizar essas mesmas ideias com a banda. Apesar de tudo, em «Postulado», grande parte das letras já era minha, mas como foi um pouco à pressão, resultaram letras muito diversas. Depois de termos concluído a composição e de acharmos que estávamos preparados para a gravação, a motivação aumentou e começámos a gravar com o Bruno Silva em Março deste ano.*"

A produção é toda ela da banda, com o Bruno Silva apenas responsável pela captação e mistura, tudo feito nos Hanuman Studios. Um processo demorado. "*Fomos modificando as músicas para soarem ainda melhor do que estavam. As vozes também estão bastante elaboradas, mais harmónicas e portanto também tive de gastar mais tempo com elas,*" refere o guitarrista. Hoje, Scarificare é um trio, composto por Eligos no baixo, Luís Leal na bateria, e o nosso interlocutor inicial Quetzalcoatl na voz e guitarra, também responsável pelos teclados introduzidos em alguns temas, executados como *samples* ao vivo. "*A entrada de Eligos e do Luis deu outras dinâmicas às músicas, mais melódicas e fortes*," diz Quetzalcoatl.

Por esta altura da conversa já se escutavam alguns dos temas que vão fazer parte do disco, e tinha-se na memória o aviso que marcava, no Facebook, o regresso do colectivo: "*Os tempos são outros... a sonoridade foi evoluindo, como podem comprovar pelos nossos lançamentos… mas o nosso temperamento continua o mesmo,*" podia-se ler no comunicado. A escuta começou com «Crystal Skull», um tema que inicialmente é claramente black/death, mas que evolui ao longo dos seus quase seis minutos, quer com uns coros a lembrar o falsete de King Diamond, quer com uma guitarra acústica que faz a ponte entre duas partes do tema. Com mais atenção, aos dois minutos até se pode "cheirar" um pouco de Ghost. Pedal-duplo omnipresente, num tema que varia entre partes rápidas e outras mais cadenciadas, servindo como uma boa amostra para este disco, que vai ser intitulado «Tilasm» e que promete vir a ser lançado pela Helldprod. «Occult Radiance» é uma sequência natural do primeiro tema, enquanto a malha de guitarras de «Wandering Soul» e os seus coros nos fazem pensar nos Amorphis.

«Tilasm» é um disco conceptual, descrito por Quetzalcoatl como "*toda uma história à volta de uma caveira de cristal. Caveira essa que é o nosso «Tilasm», ou seja um talismã. Durante o álbum levamos o ouvinte a viajar por tempos indeterminados da história na qual existem contactos entre civilizações. Fala-se de regressões, da morte e os seus mistérios, de expedições misteriosas e muito mais. Todos os temas tratam sobre o oculto e até incluímos alguma ficção científica. Estão fixados num ponto comum, os nossos talismãs. O que que nos leva a adorar e/ou seguir algo, para prevalecermos e mantermos os nossos instintos de sobrevivência. Uns acreditam em deus, outros definem-se como pagãos, uns adoram Maomé, outros Buda. Outros muito simplesmente não acreditam*

Durante o álbum levamos o ouvinte a viajar por tempos indeterminados da história na qual existem contactos entre civilizações.

em nada, mas têm um filho, ou filhos, como o seu talismã, e é isso que os motiva. O álbum é profundo e sério ao tratar deste tema tão real. Tratei este tema de uma forma ficcional, mas tento dar algumas respostas que talvez algumas pessoas consigam entender. Não tem mensagens subliminares, mas tem, isso sim, uma ordem desconexa na qual as pessoas poderão ligar toda a história." Temas deste disco são ligados entre si por malhas de guitarra iraniana, executados por Nuno Silva, antigo guitarrista dos Serpent Lore, primeira banda em que participou Maurício. "*Tratava-se de uma banda formada em 1996, com a qual gravámos uma* demo tape *bastante requisitada hoje em dia. Na época esgotou e nem fiquei com uma cópia, só anos depois pude comprar uma! Mal acabámos esse grupo, formei os Wrath, e gravámos uma* demo *em CD. Por fim tenho o meu projecto* one-man-band *chamado Gorgoniam com o qual também gravei uma* demo *e participei em alguns* splits *e compilações*."

A escuta do disco prosseguiu com «The Quest (For A Lost Idol)», onde se ouve uma guitarra que pode descrever-se como black metal, mas aqui e ali o tema vai para outros campos, embora continuando a fazer sentido dentro do disco. O mesmo acontece com «Regression» e com a rápida «Consecration Of The Talisman», o tema mais longo, com quase nove minutos de duração, onde há tempo para vários tipos de registo, contendo sem dúvida o mais interessante em termos de bateria. A escuta terminou com «Rise», um tema que volta a ter muito harmonia nas vozes e guitarras. Coloca-se a questão sobre se o formato trio será o melhor, face à complexidade das guitarras, aqui a surgirem com várias *layers*. "*Sentia-me melhor se estivesse concentrado só na guitarra ao vivo e também nas vozes limpas, por isso ter outra guitarra ao vivo não é uma hipótese a rejeitar,*" afirma o guitarrista. "*Para já é certo que vou alternar as vozes com o Eligos, o que me deixará mais livre para a guitarra. Penso que aquilo que realmente foi mudando, ou evoluindo, no som da banda, depois do primeiro álbum, foi a minha aproximação à voz.*"

As músicas têm bastantes partes com teclados e vozes limpas. Alguém poderá dizer que estamos a tocar um black sinfónico, outros death/black.... Sinceramente, penso que somos uma banda com raízes de black metal.

Ainda antes da entrada em estúdio, em conversa, falava-se de como o black metal pode ser um meio fechado, por vezes com ideias muito fixas e definidas. O músico contou mesmo a história, passada na altura de lançamento do segundo disco, de um músico de outro grupo que o confrontou acerca da capa, de cor azul. "*Um disco de black metal só pode ter capa negra, dizia-me ele,*" recorda. Após a audição deste disco, com influências diversas e muitas vezes bem melódico, só restava questionar se Scarificare ainda se poderia descrever como uma banda de black metal. "*É óbvio que depois do público ouvir este «Talism» não poderá afirmar que somos uma banda de black metal. Scarificare tem evoluído musicalmente desde a sua maqueta. Eu sou o único membro que está presente desde o início e também tenho evoluído como músico, como ouvinte e como pessoa. Todas as evoluções possuem os seus pontos maus e os seus pontos bons, e no caso de Scarificare, penso que só tem tido pontos bons. A banda cresceu e colocou dois bons discos cá fora. Neste álbum poderei dizer que a banda deu o 'salto'. As músicas têm bastantes partes com teclados e vozes limpas. Alguém poderá dizer que estamos a tocar um black sinfónico, outros death/black.... Sinceramente penso que somos uma banda com raízes de black metal, mas deixo que os ouvintes da nossa música o comentem.*" E a capa? Negro black metal, seja lá isso o que for? "*A capa vai ser da minha autoria e tratada na editora Helldprod,*" conclui. "*Será escura e com o talismã na capa, em tons de vermelho.*"

DEFTONES

DISCO A DISCO

Ao longo das últimas duas décadas, os DEFTONES transformaram-se num dos nomes maiores da música de peso, construindo uma carreira sólida e intocável, sobretudo quando comparados com a maior parte dos seus contemporâneos. Aproveitando a recente paragem da banda californiana em Portugal, para um concerto incluído no SBSR, sentámo-nos com o vocalista Chino Moreno e com o baterista Abe Cunningham num camarim nas entranhas da gigantesca MEO Arena e analisámos o *output* discográfico do quinteto até ao momento.

POR JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

«ADRENALINE»

Edição: 3 de Outubro, 1995
Produtor: Terry Date, Ross Robinson [em «Fist»]
Singles: «7 Words», «Bored»

Chino: Quando gravámos o primeiro disco ainda éramos muito novinhos...
Abe: Sim! Muito mesmo. [risos]
Chino: Na verdade, nunca tínhamos estado num estúdio "a sério" e nem sequer tínhamos um disco completo quando fomos gravar.
Abe: Estávamos muito entusiasmados com a ideia de fazer o «Adrenaline». E foi todo um processo muito louco – tínhamos assinado contrato com uma editora a sério e íamos para um estúdio a sério, trabalhar com um produtor a sério. As coisas começaram a tornar-se reais. É óbvio que já tínhamos feito maquetas ao longo dos anos, mas agora era *the real thing*.
Chino: Há uma coisa engraçada, nunca cheguei a escrever letras. [pausa] Nas *demos* que tínhamos feito antes, metia a voz e tinha uma ideia muito vaga do que eram as letras, por isso, quando começámos a gravar, só sabia o que queria fazer em termos das melodias... Tinha palavras na cabeça, algumas frases, mas era só isso. E a ideia inicial era pôr tudo direito antes de gravar as vozes, mas acabou por nunca acontecer. Portanto... [risos] 60% do disco tem letras e nos 40% que sobram é tudo improvisado, na hora.
Abe: Mas tiveste de as escrever para o livreto.
Chino: Sim, mas o que está no livreto são só rabiscos. Se forem ver bem, percebem que está tudo aberto à interpretação. [risos]

«AROUND THE FUR»

Edição: 28 de Outubro, 1997
Produtor: Terry Date, Deftones
Singles: «My Own Summer (Shove It)», «Be Quiet And Drive (Far Away)»

Chino: Continua a ser um dos meus favoritos de todos os álbuns que fizemos. E porquê? Simplesmente porque, depois de termos feito o «Adrenaline»... Enfim, o disco até gozou de algum sucesso, mas pessoalmente nunca fiquei satisfeito com o que tínhamos feito. A cena das letras, de que falei, sempre me incomodou. Agora brinco com isso, mas foi algo a que devia ter dado mais atenção. Tendo em conta que tínhamos trabalhado com o Terry Date, devíamos ter feito melhor. Nesse sentido, o «Around The Fur» representava uma segunda oportunidade de provarmos aquilo que realmente valíamos e não a podíamos desperdiçar. O plano sempre foi dar um passo em frente e, apesar de ainda conter muita agressividade, o «Around The Fur» abriu a vertente mais melódica da nossa música. É um álbum muito dinâmico.
Abe: O som está a milhas de distância. O «Around The Fur» foi produzido de uma forma diferente do «Adrenaline» e isso nota-se. Foi, de resto, nesse álbum que o Terry percebeu que tínhamos um baixista na banda. [risos] Nada contra, mas o Terry tinha *background* metaleiro e um medo dos diabos do baixo. No «Adrenaline» era o elemento mais atrás na mistura, percebe-se que está lá, mas afundado pela voz e os outros instrumentos todos. Quando entrámos em estúdio, íamos determinados a levar a nossa avante; o «Around The Fur» é o nosso primeiro disco que tem *low-end* a sério.
Chino: E gravar em Seattle, mesmo naquela altura, foi especial.
Abe: Foi uma época muito fixe. Tínhamo-nos fartado de tocar ao vivo e estávamos com a confiança mesmo em cima; chegámos a Seattle cheios de vontade de fazer tudo funcionar.
Chino: E foi o disco mais rápido que alguma vez fizemos. Demorámos só quatro meses a escrever e a gravar, demos mesmo tudo o que tínhamos para dar e acho que, ainda hoje, essa energia se nota bem nos temas.

«WHITE PONY»

Edição: 20 de Junho, 2000
Produtor: Terry Date, Deftones
Singles: «Change (In The House Of Flies)», «Back To School (Mini Maggit)», «Digital Bath»

Chino: Passámos mais de um ano a trabalhar no «White Pony».

Abe: O «Around The Fur» tinha corrido muito bem em termos comerciais e a indústria discográfica ainda estava de boa saúde, por isso tivemos um orçamento generoso para fazer o álbum. Teríamos sempre um orçamento decente, mas as coisas estavam a correr bem e isso levou a... algumas distracções, sim.
Chino: Mas a verdade é que nos divertimos imenso. Não tínhamos uma ideia preconcebida do que queríamos fazer e, por isso, estávamos muito soltos em termos criativos. Acho que isso também contribuiu para que o processo se arrastasse, porque começámos a escrever sem uma direcção definida e isso nem sempre é produtivo. Felizmente, no nosso caso, até funcionou. Não houve influência externa à excepção do Maynard [James Keenan, dos Tool], que trabalhou connosco durante a pré-produção e cantou na «Passenger». Foi uma época de muita experimentação. Eu tinha começado a tocar guitarra há relativamente pouco tempo e estava cheio de ideias, mas o Stephen [Carpenter, guitarrista] passou-se. [risos] No final, conseguimos encontrar uma química entre os dois e abriu-se ali toda uma nova dimensão.
Abe: O Frank [Delgado] também esteve mais envolvido na composição, isso fez-nos explorar outras texturas, ambientes mais elaborados. Basicamente, começou a deixar de portar-se como um DJ e passou a ser alguém que contribui com atmosferas.
Chino: É um disco muito aberto e talvez seja por isso que é o favorito de tanta gente.

«DEFTONES»

Edição: 20 de Maio, 2003
Produtor: Terry Date, Deftones
Singles: «Minerva», «Hexagram»

Chino: Esse é um disco que divide opiniões. Há quem o adore e quem o odeie. Não sei, se calhar as pessoas precisaram de tempo para o digerir, mas a verdade é que marca o início daquilo a que chamamos "os dias negros"... Não só dos Deftones, mas também das nossas vidas pessoais. Andávamos em digressão há demasiado tempo, havia cada vez mais gente enfiada no seu próprio mundinho das drogas, houve pessoal que se casou nessa altura...
Abe: Até ali não tinha havido pausas, estávamos tão dedicados à banda que não tínhamos tempo para mais nada e, às tantas, deixou de ser divertido.
Chino: Fazer um álbum, nessa altura, foi um autêntico fardo. Não é que não curtíssemos estar uns com os outros, mas estava ali uma brecha para respirarmos um pouco e a última coisa que queríamos era voltar para um estúdio. Estava tudo com a cabeça noutro lugar. E eu fui um dos principais culpados disso, sem dúvida. Acabámos por fazê-lo e acho que até acaba por ser um disco *cool*, mas agora – quando ouço algumas canções e, sobretudo, quando leio as letras – vejo-me remetido para aquela altura. É negro, muito depressivo, e, hoje, já não me identifico porque sou um tipo mais feliz. No outro dia estávamos a ensaiar a «Deathblow», que é uma canção fantástica, mas já não me lembrava da letra e fui à internet pesquisá-la... [risos] Li tudo e fiquei sem saber se queria cantar aquilo outra vez. É um reflexo daquela época, isso ninguém nos tira.
Abe: Acho que todos gostávamos de ter feito alguma coisa de forma diferente nesse disco. Lembro-me que estava tão cansado quando gravámos a «Mona» que, no final, gravei um único *take* do *fill* de bateria, saltei do banco e fugi do estúdio sem querer saber como ia ficar. E acho que ficou inacabado! [risos] A sério, até o título do álbum...
Chino: Sim, o álbum não se chama «Deftones» porque achássemos que seria uma boa representação da banda, mas porque não queríamos sequer chatear-nos a pensar nisso.
Abe: O que, verdade seja dita, é terrível.

«SATURDAY NIGHT WRIST»

Edição: 31 de Outubro, 2006
Produtor: Shaun Lopez, Bob Ezrin, Aaron Sprinkle
Singles: «Hole In The Earth», «Mein»

Chino: Três anos depois e ainda não tínhamos saído do buraco, só nos enterrámos mais fundo. O grupo estava

ainda mais fragmentado e é o disco menos Deftones que alguma vez fizemos, porque foi todo construído por partes.
Abe: É uma espécie de Frankenstein, sem dúvida.
Chino: Escrevemos algumas partes em Malibu, outras no Connecticut, em Sacramento, em Los Angeles... Basicamente, não estávamos focados e acabámos com um amontoado de ideias. Havia partes mesmo muito boas, a «Cherry Waves» continua a ser fantástica, mas não deixa de ser um *puzzle*. A bateria é das sessões que fizemos em Malibu...
Abe: Acho que, na verdade, esse tema tem partes captadas em três sítios distintos.
Chino: Esse disco não foi feito como banda. São cinco músicos a porem papelinhos com ideias num boné, a abaná-lo e a cruzarem os dedos para que o resultado não seja terrível.
Abe: Mesmo assim é um disco que ainda gosto de ouvir de vez em quando. É uma *trip* ouvir aqueles temas e tentar perceber como foram construídos.
Chino: Lá está, é outro reflexo perfeito do que estávamos a passar naquela altura.

«DIAMOND EYES»

Edição: 4 de Maio, 2010
Produtor: Nick Raskulinecz
Singles: «Rocket Skates», «Diamond Eyes», «Sextape», «You've Seen The Butcher»

Chino: Foi uma espécie de renascimento para os Deftones, esse disco. Passámos por um mau bocado... Fizemos um outro álbum, o «Eros», entre o «Saturday Night Wrist» e o «Diamond Eyes», mas não estava terminado quando o Chi teve o acidente e, por isso, não o quisemos terminar sem ele.
Abe: Depois daquela época em que estávamos muito fragmentados, começámos por fim a sentir-nos mais unidos.
Chino: A vibração estava, sem dúvida, muito diferente. Lembro-me de estarmos todos no estúdio e passarmos horas todos a jogar póquer, dominó ou Risco, o jogo de tabuleiro. Acho que estávamos todos a redescobrir a amizade que nos une...
Abe: E que é a parte mais importante nisto tudo!
Chino: Sem dúvida. E, de repente, tivemos aquele choque. Foi uma experiência horrível, mas uniu-nos e o «Diamond Eyes» é reflexo disso. É o som da banda a reencontrar-se, de termos toda a gente a partilhar o mesmo estado de espírito e, acima de tudo, a vontade de continuarmos a fazer música todos juntos. Hoje, há quem diga que é o melhor álbum que fizemos desde o «White Pony» e, vendo bem as coisas, tendo a concordar.

«KOI NO YOKAN»

Edição: 12 de Novembro, 2012
Produtor: Nick Raskulinecz
Singles: «Leathers», «Tempest», «Swerve City»

Abe: O «Koi No Yokan» e o «Diamond Eyes» podiam ser só um disco.
Chino: Sim, foi feito exactamente da mesma forma e a vibração era muito semelhante. No momento em que decidimos voltar, com o Sergio [Vega, baixista], dissemos que queríamos começar da estaca zero. Pusemos as diferenças todas de parte e começámos a trabalhar. Voltámos, por fim, a funcionar como uma banda. A experiência toda, a dor e o impacto que teve em todos nós, está bem espelhada nos temas que gravámos na altura. E as coisas tinham corrido tão bem com o «Diamond Eyes» que, quando chegou a altura de fazer o «Koi No Yokan», decidimos nem sequer mudar o esquema de trabalho. Voltámos a trabalhar com o mesmo produtor, escrevemos os temas da mesma forma – todos juntos, na sala de ensaios – e, no final, fizemos uma continuação do que tínhamos feito antes.
Abe: Acho que, nesta fase, estávamos outra vez muito focados.

«GORE»

Edição: 8 de Abril, 2016
Produtor: Matt Hyde, Deftones
Singles: «Prayers/Triangles», «Phantom Bride»

Chino: Sendo o nosso disco mais recente, é mais complicado falar dele com a distância que a passagem nos anos nos dá, mas não é, de todo, uma indicação do que vamos fazer daqui para a frente. Uma vez mais, não havia um plano definido; não tínhamos qualquer ideia preconcebida do que íamos fazer. A diferença é que, desta vez, achámos que estava na altura de tentarmos fazer um álbum sozinhos. O Matt Hyde é um engenheiro de som excelente e foi nessa capacidade que se juntou a nós, sabendo que queríamos que o «Gore» tivesse um som mais cru, mais despojado. Foi escrito durante um período de doze meses, mas sempre em pequenas sessões, porque não queríamos passar muito tempo à volta das mesmas ideias... Não queríamos perder a espontaneidade. Foi uma experiência, claro que foi, mas penso que aprendemos muito com todo o processo de concepção e, muito provavelmente, quando chegar a altura de gravarmos um novo álbum, vamos fazer as coisas de uma forma diferente. Já sabemos que podemos gravar um álbum sozinhos e, nesse sentido, fazer o «Gore» foi uma experiência fantástica...
Abe: Só não sabemos se a queremos repetir. [risos]
Chino: O «Gore» é uma visão mais sombria dos Deftones. Sem qualquer desrespeito para o Matt, mas olhando para o fundo de catálogo, é fácil perceber que o som sempre foi uma parte muito importante da música dos Deftones e tenho a certeza que, no próximo álbum, vamos passar mais tempo a explorar essa vertente.

A WONDERWORKER APOIA O
REVERENCE
SANTARÉM
2017
VAMOS ESTAR PRESENTES NO FESTIVAL COM
50% DESCONTO
EM TODOS OS NOSSOS PRODUTOS
WWW.WONDERWORKERDENIMLAB.COM
WONDERWORKER
DENIM LABORATORY

PARADISE LOST

DE VOLTA A CASA

Muitos têm sido os devaneios estilísticos dos PARADISE LOST, uma banda que sempre foi inquieta, corajosa e aventureira na exploração das suas possibilidades. Mas nas suas muitas "viagens" sonoras, que já duram há quase 30 anos, raramente terão passado tão próximo da casa de partida como fazem agora, com o tenebroso «Medusa», um discão de doom/death que, segundo o vocalista Nick Holmes e o guitarrista Greg Mackintosh, com quem conversámos, soa tão natural porque se trata da identidade primária do som da banda.

POR JOSÉ CARLOS SANTOS

Qual foi o ponto de partida para a inspiração que regeu a concepção deste disco?
Nick Holmes: Quando escrevemos o tema «Beneath Broken Earth», do disco anterior, fizemo-lo de forma muito rápida, e adorámo-lo logo. Gostámos muito da forma como o tema resultou, fez-nos lembrar algo que poderíamos ter feito no final dos anos 80, nos nossos primeiros tempos. Foi um bocado esse *feeling* que acabou por dar o tiro de partida para as composições do «Medusa», que foi escrito em cima dessa ideia. É o tipo de música que nos fez começar a banda, e por isso é algo que fazemos com grande naturalidade. Gostamos muito disso. Independentemente de todas as voltas que

já demos musicalmente ao longo dos anos, isto foi como vestir um casaco antigo que ainda nos serve perfeitamente. Por causa disso também, escrevemos o disco muito rapidamente. Cerca de sete meses. Para nós, é rápido. [risos]
Greg Mackintosh: Acho que o «The Plague Within» foi um disco mais variado que o «Medusa», porque nesse andávamos activamente a experimentar vários estilos. O «Medusa» é mesmo produto desse tema que o Nick mencionou, que foi até o último que escrevemos para o «The Plague Within». Foi mesmo à última da hora, íamos entrar para estúdio, e percebemos que não tínhamos uma *big doom song*, que era algo que queríamos mesmo. Escrevemos então esse tema num par de horas. Gostamos tanto dele que o tocamos ao vivo em todos os concertos hoje em dia, e às vezes até fechamos o *setlist* com ele. Fiquei logo com vontade de fazer um disco todo só assim, de doom pesadão, que era algo que não fazíamos há muito tempo.

Por causa disso, e até tendo em conta que foi mais rápido que o costume, o processo de composição do «Medusa» tornou-se mais simples?
Nick: Talvez, no aspecto que referi que isto é basicamente a nossa inspiração inicial de quando começámos a banda. Mas a verdade é que nunca tivemos falta de inspiração, que me lembre, nunca houve um processo de composição que eu possa ter considerado muito complicado, para ser sincero. A certa altura alterámos um bocado a maneira como escrevemos, também, temos uma forma pouco ortodoxa de o fazer hoje em dia. Para encaixar as vozes, por exemplo, o que fazemos é que eu canto a acompanhar um riff de quatro ou cinco formas diferentes, e envio essas versões todas para o Greg. Ele ouve todas, vai decidindo o que é melhor, e reconstrói o tema que tinha alinhavado baseado nas melodias e formas vocais. Eu nem estou envolvido nessa parte. [risos] Quando ele me envia o resultado final, parece outro tema completamente diferente. Pode parecer um método estranho, mas funciona muito bem.

É curiosa a vossa revelação de que este disco novo nasce com base num tema do anterior. Os Paradise Lost não parecem o tipo de banda que alguma vez tenha feito álbuns de "reacção" a outros do seu passado.
Greg: Não somos, de facto. E nem considero que tenha acontecido isso agora, foi mais um *feeling* que capturámos e que quisemos expandir mais. Cada disco para mim é uma imagem capturada de um momento. Nunca pensamos para além do que está a acontecer agora connosco, nem no passado nem no futuro, não serve para nada. Quando tivermos feito as *tours* todas relativas ao «Medusa» e tudo o mais que temos que fazer, quando o ciclo deste disco estiver terminado, vamo-nos sentar e pensar no que vamos então fazer nessa altura, e aí, toda a nossa perspectiva e atitude em relação às coisas pode já ter mudado. E então vamos fazer o disco seguinte baseados nesse ponto de vista. Claro que a banda tem uma história, mas não nos cabe a nós discutir e pensar nisso, isso é para as outras pessoas. Nós só temos que nos esquecer disso tudo e fazer sempre a música que nos apetece como se fossemos uma banda nova. Isto é muito importante, porque é a única maneira de nos mantermos interessados e entusiasmados com o que fazemos. E nem acho que seja uma aproximação difícil de manter. Provavelmente a única preocupação que se pode manter – e estou a falar de outras pessoas, porque eu não tenho nada disso – tem a ver com a repetição. Eu não penso nisso. De certeza que já houve várias linhas de guitarra que toquei de forma semelhante em pontos diferentes da carreira da banda, mas isso não me interessa nada. Só me preocupo em gostar desta canção agora. Se gostar, gravo-a.

Sendo assim, foi um exercício um bocado complicado ter tocado primeiro o «Draconian Times» ao vivo na íntegra, e depois a mesma coisa com o «Gothic» naquele concerto especial do Roadburn?
Nick: Para mim, foi altamente. Não gostei da ideia ao princípio, mas depois quando efectivamente demos os concertos, foi divertido. Trouxe de volta memórias de sermos muito jovens, de tocarmos estas coisas quando éramos praticamente adolescentes. É um bocado de nostalgia, e isso não tem mal nenhum. Nunca o faria por hábito, porque a prioridade é continuar a andar em frente, mas um ou dois concertos assim, a olhar para trás, especialmente com um passado tão vasto como nós já temos, sabem bem.
Greg: Eu não queria fazer nenhum deles, sou muito cínico com essas merdas, acho sempre que é um exercício de relações públicas. [risos] Mas é a tal coisa, quando depois fazemos mesmo, nesse dia, quando estamos a tocar e quando estamos a falar com as pessoas que lá estão a ver, tem piada, admito. Tem é que ser mesmo um concerto ou dois e nada mais, senão passas a ser uma banda de "legado". Pessoalmente, achei o concerto do «Gothic» no Roadburn o mais interessante. Reaprender aqueles temas foi bizarro, é um estilo totalmente diferente e parece que foi outra pessoa que os escreveu. Até digo mais, esse concerto influenciou um bocado a direcção deste disco também. Para reaprender alguns dos temas, andei a ouvir muitas fitas de concertos antigos, e dei com parte de um tema que tinha escrito em 1989, a que lhe faltava a segunda metade. Aproveitei então essa parte e completei-a, e é a «From The Gallows» do «Medusa». Achei interessante ter um tema que tem as suas origens nos nossos primórdios neste disco. Se ouvirem com atenção, percebe-se perfeitamente a altura em que a composição passa de 1989 para 2017. [risos]

Porquê a escolha da Medusa como figura central do álbum, já agora?
Nick: Quando estamos a fazer *demos,* o Greg atribui sempre aos temas o primeiro título que lhe vem à cabeça, tipo «Doom» e coisas assim. Desta vez chamou a uma delas «Medusa». Assumi que tinha andado a ver aquele filme antigo, o «Clash Of The Titans», algo que ele confirmou, mas eu gostei mesmo do título. Só precisava de uma razão decente

Independentemente de todas as voltas que já demos musicalmente ao longo dos anos, isto foi como vestir um casaco antigo que ainda nos serve perfeitamente. – Nick Holmes

De certeza que já houve várias linhas de guitarra que toquei de forma semelhante em pontos diferentes da carreira da banda, mas isso não me interessa nada. Só me preocupo em gostar desta canção agora. Se gostar, gravo-a. — Greg Mackintosh

para o usar, queria ter um bocadinho mais do que o «Clash Of The Titans». [risos] Fui investigar e descobri que a Medusa tem um simbolismo interessante no conceito do pensamento niilista. Significa que, ao não olhar para os olhos do Gorgon, estamos a rejeitar o horror que é o mundo. Comecei logo a pensar em letras que podia escrever baseado nessa ideia, e foi só continuar por aí fora.
Greg: Pois, quando tenho que dar o nome a alguma coisa, normalmente é o primeiro objecto da sala para onde olho, ou alguma coisa que fiz nesse dia, ou, lá está, um filme qualquer que tenha visto recentemente. Nunca esperei que o Nick mantivesse o título para o tema, e muito menos para o álbum, mas acabou por resultar muito bem. Até com títulos como «Gods Of The Ancient», há um temazito recorrente pelo disco fora. Até a capa do disco tem aquele aspecto meio Hammer Horror dos anos 70, tudo liga muito bem.

Até o som, que é muito orgânico, muito cru.
Greg: Sim, deixámos tudo muito "intocado". Houve muito pouca edição depois da captação, se é que houve alguma. Tive uma entrevista com um tipo noutro dia que me perguntou se isto era a versão final do álbum. Eu disse que sim, e ele disse-me que ouvia *feedbacks* e barulhos dos dedos nas cordas e coisas assim. E eu disse-lhe, pois, isso é porque estás habituado a ouvir tudo *Pro Tooled* até à morte, e nós não fazemos isso. Tem tudo a ver com os discos com que crescemos. Cada disco bom dos anos 80 era único, não havia discos a soar aos outros. Acho que nos últimos anos tornou-se hábito as bandas tomarem o som do produtor, e depois toda a gente soa ao mesmo. E muitas vezes são tipos que produzem com os olhos, a olhar para um ecrã, a ver o aspecto que a música tem visualmente, em vez de a ouvirem. Nós gostamos de deixar as coisas um bocado mais enlameadas, e acho que o disco tem um som muito característico por causa disso.

Estão quase aí os 30 anos da banda. Para além de nos sentirmos todos muito velhos só de dizer isso, já têm alguma coisa planeada?
Nick: Agora é só aniversários, não é? Ainda me lembro do nosso décimo aniversário. Aliás, lembro-me de comprar o «Decade Of Aggression» dos Slayer bem antes disso e de pensar que dez anos eram uma quantidade de tempo enorme para alguém estar numa banda. Depois foi o nosso décimo aniversário, e depois deixei de contar! [risos]
É só uma cena que te relembra que és velho. Mas 30 anos é realmente especial. Vamos ter que fazer qualquer coisa, e terá que ser algo mais que ir para o *pub* e enchermos a cara. Isso é o que já passamos a vida a fazer agora! [risos]

"A MASTERFUL, MONUMENTAL OPUS FULL OF EMOTIONS AND THOUGHTFULNESS!"

ROCK IT! (GER)

THRESHOLD

LEGENDS OF THE SHIRES

2CD-DIGIPAK | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD

IN STORES **08.09.**

DIGITAL SINGLES "LOST IN TRANSLATION" AND "SMALL DARK LINES" AVAILABLE

THEIR LATEST MASTERPIECE OF EVIL BLACKENED METAL

NECROPHOBIC

TOTENRITUAL

CD-DIGIPAK (INCL. 2 BONUS TRACKS) **| CD | LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD**

IN STORES **15.09.**

DIGITAL SINGLES "BAPHOMET" AND "APOPHIS - BLACK DRAGON" AVAILABLE

"Raw, ominous and possessed by the evil spirits of the past: »Rough Times« is KADAVARs ultimate statement!" - CLASSIC ROCK (GER)

KADAVAR

rough times

CD-DIGIPAK | LP IN GATEFOLD | CD | DOWNLOAD - IN STORES **29.09.**

DIGITAL SINGLES "DIE BABY DIE" AND "INTO THE WORMHOLE" AVAILABLE

EPICA

THE SOLACE SYSTEM

SIX NEW AND UNRELEASED TRACKS - A MONUMENTAL SOUNDING EXPERIENCE OF THE SUPERLATIVE!

"Brutal, orchestral, aggressive, melodic, fast, subtle and above all to the point!"

ROCK TRIBUNE (B)

6-TRACK DIGIPAK EP | VINYL | BOX SET | DOWNLOAD - IN STORES **01.09.**

DIGITAL SINGLE "THE SOLACE SYSTEM" AVAILABLE

CHECK OUT!

OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE

More than 30.000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-928826 - Fax +49 (0) 7162-24594 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:

WWW.NUCLEARBLAST.DE

WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!

Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

LOUD! PASSATEMPOS

A TREE OF SIGNS

Os A Tree Of Signs estão de regresso com uma formação renovada, nova vocalista e novo trabalho altamente antecipado, intitulado «Initiation Of Light». Com o apoio da Glam-O-Rama e da Chaosphere Recordings, temos para oferecer cinco cópias do álbum, em versão CD, aos primeiros cinco felizardos que nos enviarem por email para geral@loudmagazine.net (com o assunto "Passatempo A Tree Of Signs", e o vosso nome e morada completa) a resposta à seguinte pergunta:

Como se chama a nova vocalista dos A Tree Of Signs, e que duas outras bandas tem ela no seu currículo?

FARO ALTERNATIVO

O festival Faro Alternativo vai ter nos próximos dias 6 e 7 de Outubro a sua 7ª edição – trata-se de um evento que tem crescido a olhos vistos, e que conta no cartaz deste ano com nomes grandes da nossa cena, como são os Mata-Ratos, For The Glory, Switchtense, WAKO ou Albert Fish, entre muitos outros. Com o apoio da organização do evento, temos cinco entradas (para os dois dias) para oferecer. Basta serem os mais rápidos a responder por email para geral@loudmagazine.net (com o assunto "Passatempo Faro Alternativo", e o vosso nome, morada completa e número de BI/CC) à pergunta feita em baixo. Se por acaso não ganharem, não desesperem, porque desta vez até há um belíssimo prémio de "consolação" – os cinco primeiros não-vencedores do prémio principal vão levar uma cópia em vinil do EP novo dos Broken Distance, banda que também vai actuar no festival. Toca a participar!

Quais foram os quatro cabeças-de-cartaz da 6ª edição do Faro Alternativo, que decorreu em 2016?

VENCEDORES

CRUZ DE FERRO

A LOUD! e a Glam-O-Rama tinham para oferecer três cópias da reedição enriquecida do já clássico EP de estreia dos Cruz De Ferro, «Guerreiros Do Metal». Como os fãs sabiam perfeitamente, o EP foi originalmente editado em 2012, e os afortunados vencedores foram os seguintes:

Sérgio Rocha (Valongo)
José Silva (Lamego)
Luís Gomes (Santarém)

CHAOSPHERE FEST

O Chaosphere Fest vai decorrer no próximo dia 2 de Setembro, no RCA Club de Lisboa, e a LOUD! tinha cinco entradas para oferecer para este grande evento, cada uma incluindo ainda um CD da Chaosphere à escolha. Os cinco primeiros felizes contemplados que se deram ao trabalho de enumerar as bandas todas do cartaz foram os seguintes:

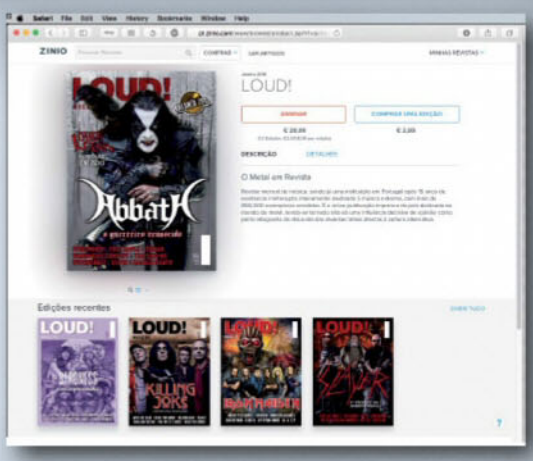
Rui Santos (Montemor-O-Novo)
Rui Ferreira (Ramada)
Pedro Felício (Mafra)
Francisco Pires (Lisboa)
Sérgio Gouveia (Cacém)

LOUD! DIGITAL

Agora podes ter acesso à revista em formato digital no teu tablet ou smartphone, em qualquer local do planeta e a um preço imbatível. A LOUD! encontra-se no maior quiosque digital do mundo, ZINIO, cuja aplicação está disponível gratuitamente para iOS, Android, Win 8, Linux e MAC/PC. Mais informações em zinio.com!

iOS · Android · Mac OS X · Windows · Linux

zinio™ Digital Magazines



ASSINA A LOUD!

E VAI À BORLA VER OS ALTER BRIDGE

SE ASSINARES A LOUD!:

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

29 OUTUBRO
COLISEU DOS RECREIOS, LISBOA

SE OPTARES PELA SUBSCRIÇÃO LOUD! PREMIUM VAIS – SEM QUALQUER SORTEIO! – A ESTE CONCERTO.

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo para **assinaturas@loudmagazine.net**, a partir das 12:00 do dia 8 de Setembro. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para o concerto dentro do limite do stock existente. **Sejam rápidos!**

SE, POR ACASO, OS DEUSES ESTIVEREM LOUCOS E NÃO QUISERES IR A ESTE CONCERTO, NÃO DESESPERES! PODES TAMBÉM ESCOLHER COMO PRÉMIO DE ASSINATURA O DISCO ESTREIA DOS PORTUGUESES SON OF CAIN, «LOWLIFE 69», UM LANÇAMENTO HALF BEAST RECORDS.

LOUD! BASIC
[ASSINATURA ANUAL EM PAPEL]
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
[ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL]
45€ (DESCONTO DE 32%)

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de BI, morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

* Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 8/09, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

LOUD! DJ

HOURSWILL

Os lisboetas HOURSWILL estão de regresso à plena actividade, com um disco novo já pronto do qual vos falaremos nas próximas edições. Para assinalar este regresso, no entanto, nada melhor que ver se a banda está com os seus gostos musicais afiados, através do grande teste do LOUD! DJ. Connosco estiveram o guitarrista José Bonito e o baterista Nuno Peixoto, e parece que, no que depender das capacidades de armazenamento de conhecimento musical por parte dos seus membros, podemos estar descansadíssimos em relação ao que aí vem por parte dos Hourswill.

DREAM THEATER
«Pull Me Under»
Do álbum «Images And Words» [1992]

Comecemos de forma simples, como habitualmente. Como se costuma colar um bocado a etiqueta do progressivo aos Hourswill, generalizamos tudo e vamos buscar a que é talvez a mais representativa da banda do que é "progressivo", de uma maneira geral, no metal. Um temazinho bem conhecido e tudo, para dar logo motivação inicial.

***Nuno*:** Isso já é para adivinhar?
É. Quer dizer, também podemos ficar só aqui a curtir a malha, mas a ideia era começar já. Percebemos pela vossa cara que esta é tão fácil que nem devia contar.
***José*:** Ora bem, vamos lá então – Dream Theater, «Images And Words», 1992… é a «Pull Me Under».
Se tivessemos algum sistema de pontos, tinhas o máximo para já.
***Nuno*:** É um disco que conhecemos bem. Muito bem.
***José*:** Foi bastante "consumido" na altura em que saiu, este e o «Awake». São coisas importantes. Especialmente o «Awake», até. Afecta-nos mais em termos de Hourswill.
***Nuno*:** E depois é o som… é muito 80s, ainda.
***José*:** Parece o Kenny G. [risos] É uma produção muito Kenny G.
É uma influência um bocado universal para o tipo de música que vocês tocam, não é?
***José*:** Sim… nós revemo-nos muito mais no espírito dos Dream Theater enquanto banda do que propriamente na música em si, a execução, seja o que for. Conseguiram congregar uma data de géneros musicais nos seus discos, e têm mantido a integridade ao longo dos anos.
***Nuno*:** É uma cena muito livre, não têm fronteiras musicais. Há aquela coisa do progressivo, mas isso é vago. A verdade é que nós também nunca quisemos rotular a nossa música. Começámos a tocar juntos, e o que sai é o que fica.

CYNIC

«Integral Birth»

Do álbum «Traced In Air» [2008]

No seguimento da conversa, vamos então para mais uma daquelas bandas vagamente etiquetadas de progressivo, mas que fazem da liberdade e da abolição de fronteiras a sua verdadeira arte. E como algo do «Focus» seria um bocadinho fácil demais, fomos para o disco de regresso…

***José*: Parece Cynic.**

Parece mesmo. E até é!

***Nuno*: O som de bateria do gajo percebe-se logo. Um gajo está mais ligado ao «Focus», mas mesmo nestes discos mais novos percebe-se bem que são eles. Fomos vê-los ao Musicbox com este disco…**

***José*: E achámos que era uma banda de versões de Cynic. [risos]**

***Nuno*: Às tantas estávamos encostados ao balcão a olhar para aquilo…**

***José*: É daquelas coisas, a banda não veio cá na sua melhor altura, quando devia ter vindo… Eu ouvi pouco este disco, fiquei naquela situação, tipo, sim, percebo o que estão a tentar fazer, mas…**

Tem o seu valor, mas a milhas do «Focus», basicamente, não é?

***José*: Pois, esse é muito importante. Saiu numa altura em que o death metal estava muito preso à "instrumentação americana", muito macio. Mesmo não tendo sido um grande choque para mim na altura, uma vez que já havia o «Human»…**

***Nuno*: Havia, mas não era tão jazzístico como o «Focus».**

***José*: Não, não tinha tanta fusão. O «Focus» é um grande álbum. E na altura foi muito criticado porque tinha deixado de ser death metal para muita gente, tem piada ver hoje a aclamação quase universal que tem. Há outra coisa interessante nos Cynic – é que me parece que são uma influência muito importante para muitas bandas novas que andam aí. Desde o regresso que há muitos miúdos de nível técnico elevadíssimo em várias bandas que têm nos Cynic uma referência decisiva, e é giro ver isso.**

NEVERMORE

«This Sacrament»

Do álbum «The Politics Of Ecstasy» [1996]

Continuando o périplo pelos 90s, um grande clássico norte-americano, com o qual os Hourswill até são comparados algumas vezes… se calhar vezes demais para o próprio gosto da banda lisboeta. Vejamos!

***Nuno*: Isto conheço, também…**

***José*: Sim, é Nevermore. É do «The Politics Of Ecstasy».**

É uma influência, se é que já não estão fartos que vos perguntem?

***José*: Já muita gente nos fez a mesma pergunta, realmente. [risos] Mas é. Para mim, os três primeiros álbuns. Algumas coisas do «Dead Heart In A Dead World», mas aí já o Loomis estava a começar a dominar outro tipo de coisas. Tem grandes canções e grandes refrães, no entanto.**

***Nuno*: O «Dead Heart…» para mim é o «Black Album» dos Nevermore.**

***José*: Eu gosto muito das produções do Neil Kernon. Aliás, nós enquanto banda, se calhar até temos mais a ver com a cena de Sanctuary do que propriamente com Nevermore. Mas entendo que se façam as comparações. Até há muita gente que não sabe que os Sanctuary existem… Quando saiu o novo, ouvi muita gente a dizer que a nova banda do pessoal dos Nevermore é bueda má, e coisas assim. Não custa nada ir à net e ver primeiro, antes de afiar as facas…**

É uma comparação recorrente que fazem com os Hourswill, não é?

***José*: É, mas percebo. Há certas movimentações, de guitarra e de bateria que poderão ir para aí.**

***Nuno*: Até de voz.**

***José*: Sim, também. Mas acho que é mais um caso de nos basearmos em coisas que os Nevermore também se basearam, mais do que uma relação directa de influência.**

STRAPPING YOUNG LAD

«Detox»

Do álbum «City» [1997]

Seria fácil ir buscar o Devin Townsend para caber na nossa narrativa do progressivo, mas como sempre gostamos de dar um *twist* diferente à história. É o nosso caro Hevy Devy, sem dúvida, mas no seu formato abrasivo e ruidoso de sempre, a partir tudo com os saudosos Strapping Young Lad.

***Nuno*: Isto é Fear Factory… não, é Strapping Young Lad!**

Ah, foi quase ao lado. [risos]

***Nuno*: É a «Detox», do «City».**

***José*: "Granda" disco! Não há mais nada a dizer.**

***Nuno*: Gosto do seguinte, também… aliás, aqueles quatro. Só não tenho o primeiro. Mesmo aquele último, o «The New Black», é todo grunge mas tem malhas muito boas. Não ouço isto há muito tempo, mas reconhece-se logo, Deu-me para os Fear Factory primeiro, mas pronto. [risos]**

O que até faz todo o sentido, diga-se.

***José*: Sim, era uma das influências dele aqui. Lembro-me de ver uma entrevista dele no início, depois de sair da banda do Steve Vai, em que ele dizia que tinha ouvido uns discos dos Carcass e dos Fear Factory, e queria fazer uma cena mais pesada ainda.**

E o Devin, em geral, é uma referência?

***Nuno*: Sim, sem dúvida. Tem uma abordagem musical única.**

***José*: Eu não gosto dos discos todos, acho que há alguns um bocadinho… enfim, adoro o «Infinity», o «Terria» é muito bom também.**

***Nuno*: Da fase mais nova gosto do «Synchestra».**

***José*: Sim, e aquela coisa do Ziltoid tem piada, mas pronto, fica-se por aí… mas o gajo é muito bom de qualquer maneira. E é um guru das produções, muito pessoal mais jovem tem-no muito em conta, com as orquestrações, aquele som gigante que ele tem, isso tudo.**

GOJIRA

«The Shooting Star»

Do álbum «Magma» [2016]

Uma banda que se tornou gigante, muito graças à sua aproximação musical que também se recusa a ser facilmente encaixada num estilo específico. Um bom exemplo de como misturar peso e técnica sem ficar preso a nenhum dos *clichés* associados.

***Nuno*: Também conheço isto, são os Gojira, não é?**

E estavam vocês preocupados antes da sessão que não iam adivinhar nada.

***Nuno*: E por acaso não sou grande fã dos Gojira. Isto é do «Magma», não é? Este ainda ouvi algumas vezes, para compreender o *hype* da cena. E percebo, está bem feito, tem melodia, não é tão Meshuggah como já foi… Os Meshuggah também chegaram a um ponto em que parece que já fazem álbuns só com um riff, isto não, isto evoluiu bem. Compreendo a popularidade.**

***José*: Eu, a ouvir este álbum, lembro-de de duas coisas – Celtic Frost e The Young Gods. Acho que é a mistura perfeita das duas coisas. Faz-me lembrar as coisas mais esquisitas do Tom G. Warrior. É um disco para as "novas gerações"… [risos]**

Especialmente se também fizerem essas ligações e forem ter a essas bandas depois. Nesse caso, é serviço público.

***José*: Sim, se chegarem aos Celtic Frost através disto, já é bom! Mas os Gojira mudaram muito, eu tenho lá um disco antigo deles e aquilo ainda é meio death metal todo esquizofrénico. Evoluiu por outros caminhos, depois.**

***Nuno*: Sim, agora há laivos de Katatonia ou de Opeth, até, e isso é fixe.**

APOLLYON SUN

«Concrete Satan»

Do EP «God Leaves (And Dies)» [1998]

Até tínhamos pensado noutra coisa, mas "as coisas esquisitas do Tom G. Warrior" ligaram-nos um interruptor na cabeça e não resistimos em desenterrar esta pérola. Um Tesourinho à espera de acontecer que mostra, de facto, o Sr. Fischer no seu mais mirabolantemente estranho.

***Ambos*: …**

Foste tu é que puxaste este assunto, ó Zé.

***Nuno*: Foste tu é que nos meteste nesta alhada, então? [risos]**

***José*: Pois, se calhar. Não sei como…**

***Nuno*: É uma cena qualquer industrial…**

Então espera aí, que nós metemos outra com mais razões para se reconhecer. [entra a «Messiah [Second Coming]», do álbum «Sub»]

***José*: [para o Nuno] Tu já abandonaste o barco, não é? [risos]**

***Nuno*: Eu de industrial não conheço muita coisa.**

***José*: [a seguir ao característico UGH!] São os Apollyon Sun?**

Ora aí está!

***José*: Foi por causa da voz. [risos]**

***Nuno*: O "ugh" é a marca registada!**

***José*: Pois, isto é o pico da estranheza dele. Mas continua a ser bom!**

NO DISTANTE PLANETA DOS AFECTOS

Uma das bandas mais produtivas no segmento do power metal sinfónico-bombástico é também uma das que mais passagens frequentes tem feito pelo nosso país. Depois do VOA Fest, os EPICA já têm regresso garantido para 21 e 22 de Novembro na Sala Tejo e Hard Club, respectivamente. Foi dessa ligação que falámos com Mark Jensen, guitarrista e *growler* dos holandeses, numa altura em que acaba de sair o novo EP «The Solace System», que é mais que apenas um conjunto de sobras das últimas gravações. POR NELSON SANTOS

As memórias da vossa recente passagem pelo VOA Fest ainda devem estar frescas. E gostaram tanto que estarão de volta em Novembro para mais dois concertos. Já têm uma forte relação com Portugal, certo?
É sempre um prazer tocar em Portugal e, desta vez, ainda foi melhor, pois pudémos levar uma produção maior connosco. Quando vejo todas aquelas caras sorridentes à minha frente, a alegria é contagiante e sinto-me nas nuvens. Há uns tempos, foi com muita pena que tivemos de falhar Portugal numa outra *tour*, quando andávamos a co-encabeçar as datas com os Powerwolf. Tivemos de encontrar um compromisso entre os desejos deles e os nossos, mas agora podemos tocar em Portugal três vezes em poucos meses, portanto, acho que isso até vai compensar bastante os nossos leais fãs portugueses!

Aliás, vocês costumam tocar muito e têm, practicamente, o resto do ano repleto de *shows*. Isso traduz-se em muito trabalho, mas acredito que o divertimento seja ainda superior... Os Epica são uma "banda de palco", por assim dizer?
Sim, sem dúvida. Naquele momento em que pisamos um palco, é para curtir e tirar partido do que se faz. É por isso mesmo que formámos uma banda, afinal, para compormos a nossa própria música e para a tocarmos ao vivo. É também o que as pessoas apreciam nos Epica – gostamos, realmente, do que estamos a fazer. As viagens nem sempre são aquela parte mais excitante, com horas e horas passadas nos aeroportos, mas os concertos em si, valem por tudo. Temos agora todo o mês de Setembro numa *tour* pela América do Norte com os Lacuna Coil, depois temos muitas datas na Europa incluindo Lisboa e Porto e já temos uma digressão pelo Reino Unido marcada para Abril de 2018.

Acabam de lançar o EP «The Solace System» e esse é um dos assuntos que nos leva a voltar a conversar convosco. São seis temas "guardados" das sessões de gravação de «The Holographic Principle» mas que, por alguma razão, não entraram no álbum anterior. Porquê os outros e não estes, já que fazem saber que estas músicas não são *leftovers*?
Foi uma questão de democracia. Uma vez listadas as músicas com a maioria dos votos, organizámos *listening sessions*. Após essas audições, questionámos as pessoas acerca das suas opiniões e algumas sugeriram alterarmos o curso, a fluência, de uma parte específica do álbum. Isso fez-nos optar por mudar dois temas. Dois saíram e dois entraram. Portanto, não foi uma questão de qualidade das músicas, mas meramente aquilo que era melhor para o disco em si. Todas as faixas que ficaram de fora eram boas demais para temas bónus, daí termos decidido juntá-las num EP.

E achas que as pessoas vão olhar, de facto, para o EP sem preconceitos de qualidade ou admites que muitos possam ser erroneamente influenciados pela ideia de se tratar de um conjunto de temas extra?...
Claro que toda a gente tem o direito de ver as coisas da forma que quiserem ver, mas todas as canções foram compostas para serem temas de álbum, e isso é um facto. É também um facto que elas acabaram por não entrar no álbum, por isto ou por aquilo. Portanto, as pessoas têm de decidir como querem olhar para os temas. [risos] Vamos tocar alguns deles ao vivo, também, coisa que não aconteceu com temas extra de outros álbuns nossos. Há aqui algumas diferenças. Mal terminámos as gravações, ficou logo claro que, ou faríamos um álbum duplo ou, mais tarde, lançaríamos um EP, porque não queríamos mesmo usar as músicas como típicos temas bónus. Vingou a segunda hipótese e olho para o EP como um ítem da nossa discografia de pleno direito.

Vendo o cosmos como um holograma, acabaria por fazer todo o sentido e responderia a muitas questões.

De todos estes "novos" temas, qual foi aquele que foi mesmo uma pena para ti ver fora do alinhamento do álbum do ano passado?
«Immortal Melancholy». Doeu um bocadinho porque queria mesmo que fizesse parte do disco. Mas agora tem uma grande posição no EP, portanto, já não estou triste. [risos]

Como ideia genérica de conceito, «The Solace System» está ligado aos pensamentos e às reflexões que fizeram em «The Holographic Principle»? É algo que pode ser interpretado como encontrar afecto neste cosmos que pode até nem ser feito de matéria como a conhecemos mas, por outro lado, funcionar numa espécie de holograma?
A ideia da Simone [Simons, vocalista] por trás do título fala de um lugar na tua mente onde te podes refugiar quando te sentes triste ou mal. Pessoalmente, vejo-o como um lugar no coração. Hoje, as pessoas estão demasiado emaranhadas nas suas cabeças e perderam um pouco a ligação ao coração. Mas é tudo uma questão de interpretação. Eu gostei do título, pois faz uma bela trilogia com «The Quantum Enigma» e «The Holographic Principle». Todos começam com o artigo *The*, têm três palavras e exploram os mistérios do espaço. É um tema sempre muito interessante acerca do que é o nosso cosmos feito e de onde provém. Vendo-o como um holograma, acabaria por fazer todo o sentido e responderia a muitas questões.

Pelo menos desde o álbum «Design Your Universe» que têm reflectido sobre estas fascinantes questões do tempo, espaço, existência e a vastidão do universo. Quais são, para ti, os ângulos verdadeiramente interessantes; aqueles a que a maioria das pessoas não presta atenção, mas que te movem?
Interesso-me por encontrar um significado e um propósito por trás de todos os mecanismos, na vida. É algo imensamente estimulante – o universo e a vida em si mesma. Desde que me lembro, em criança, estava sempre à procura de respostas e à procura de falhas nas teorias vigentes. Sempre que há uma imprecisão ou algo que não pode ser resolvido numa dada teoria, para mim essa teoria estará errada. Mesmo quando essa corrente de pensamento é amplamente aceite. Tento sempre olhar para isto com uma mente aberta e é por isso que posso abordar uma nova teoria sem preconceitos. Acredito que o universo existe tanto quanto o possamos ver. Tão longe quanto o possamos sentir. Quanto mais longe o virmos, mais existe. Mas necessita de consciência para existir.

Por esta altura, estão a fazer quinze anos de Epica. Quando te entrevistei, na altura em que saiu a estreia «The Phantom Agony», provavelmente não imaginarias a banda onde se encontra agora, com fãs por todo o mundo. Qual o balanço que fazes da viagem até agora? Um sonho tornado realidade?
Bom, certamente que poderia não acreditar nisto há quinze anos, mas já o desejava. Estava pronto para tudo. No entanto, nunca olho mais de dois ou três anos adiante, porque tento viver tanto quanto posso no agora, no momento presente. Definitivamente que é um sonho tornado realidade e estou muito grato a todos quantos tornaram isto possível. Em 2018 vamos continuar a tocar e só mais para o fim do próximo ano me vou dedicar a compor um novo álbum. Não nos queremos apressar e vamos tomar o tempo necessário. Mas a minha outra banda, MaYan, vai lançar um disco no ano que vem, portanto, não pensem que estou a ficar preguiçoso. [risos]

QUEENS OF THE STONE AGE

RAINHAS E VILÕES

De «...Like Clockwork» até ao recente «Villains» mediaram quatro anos em que muito se passou na vidas dos QUEENS OF THE STONE AGE e dos seus membros. O baixista Michael Shuman conversou com a LOUD! e ajudou-nos a descobrir em mais detalhe o que se tem andado a passar com a famosa banda norte-americana. POR EMANUEL FERREIRA

«Villains» tem o Mark Ronson como produtor, o que soa um bocado estranho.
Poderá parecer estranho porque as pessoas não sabem o que vai sair, mas essa não foi a razão de o escolhermos, mesmo sabendo que isso iria chocar alguns, já que não é o produtor que se poderia esperar para nós. É sempre bom provocar reacções, mas creio que, no final, depois de escutarem o trabalho, vão entender a escolha.

O disco parece mais *uptempo* que o habitual, também. Por vezes dançável, em certos temas. Mais melódico também.
Sim, mas emocionalmente talvez seja um dos discos mais pesados em que participei. Pega em muito daquilo que passámos e que drenou muito de nós, ouvindo com mais atenção poderás perceber isso. É um disco que encerra dois anos de digressão, que nos tornou um grupo mais unido e coeso. É assim que ele me soa, talvez por ter estado muito envolvido na sua criação.

A parceria do Josh Homme e do Dean Fertita com Iggy Pop influenciou o lado mais rock do disco?
Não estive envolvido no projecto com o Iggy, mas creio que não teve nada a ver com este disco, nem o influenciou. Pode-se sempre especular sobre o que influencia as pessoas no momento da criação, mas sinceramente, foram cinco tipos de uma banda a compor música, apenas isso. Não houve ninguém a pensar em influências ou em querer soar como isto ou aquilo. Não estivemos a pensar que uma música podia mudar para soar mais a Iggy, ou algo assim. Muitos dos temas e ideias contidas neles, já estavam a ser trabalhados antes de sair esse disco, a verdade é essa.

Nos dias de hoje é complicado falar dos QOTSA sem pensar no evento de Paris, no Bataclan, envolvendo os Eagles Of Death Metal. Mesmo sabendo que não tem nada a ver contigo directamente, e que nem o Josh estava no palco nessa noite.
Estava na Austrália a fazer alguns concertos com a minha banda, Mini Mansions. Depois disso íamos ter uma pequena digressão no Reino Unido e França e cancelámos logo, até porque não nos sentimos confortáveis em regressar logo à Europa para tocar. Em termos mais profissionais, o ataque ao Bataclan afectou-me dessa forma. Mais tarde, pensámos melhor, e achámos que não devíamos ter cancelado nada, provavelmente teria sido a melhor reacção. Tivemos o ataque em Manchester, no concerto da Ariana Grande, e isso lembra-nos que há pessoas lá fora que não gostam do que fazemos, não gostam de rock'n'roll, mas isso não nos deve fazer parar de tocar e de fazer o que mais gostamos. Foi algo que serviu também para me lembrar de continuar a fazer música, pois é aquilo que as pessoas necessitam, para passarem por toda esta merda que há pelo mundo.

Este disco é uma boa resposta a isso, vocês criaram um disco mais alegre que o anterior, menos introspectivo.
Depois do que aconteceu, o disco não foi feito assim de uma forma consciente, mas agora que está pronto, dá um certo prazer ver como resultou e como nos permite desfrutar da música. Dar a volta por cima de tudo o que aconteceu, e que ainda acontece. Isso também é QOTSA.

Os vossos projectos paralelos permitem que QOTSA seja algo para fazer pelo gozo e sem terem de tocar por obrigação, isso ajuda à liberdade criativa.
Sim, funcionamos sempre dessa forma. Claro que temos as nossas opções políticas, que variam entre cada um de nós. Sendo o Josh

o responsável pelas letras, como se percebe bem, isso não impede que cada um tenha a sua participação. Para lá disso, temos os vários projectos, que nos permitem expressar-nos de outras formas.

Tens falado daquilo que se passa pelo mundo, mas também não podemos esquecer o momento que se vive nos Estados Unidos no presente. Sentes a liberdade suficiente para te exprimires politicamente?
[risos] Não sinto diferença, e iremos fazer o que temos feito sempre. Estava em digressão aquando das eleições e no regresso não senti diferença. Gosto de manter as coisas separadas, algumas pessoas têm um papel e uma intervenção mais política, mas para mim a preocupação é apenas com a música e aí fazemos o que queremos, como sempre. Não gosto de falar de política quando se trata de música.

Esta digressão promocional começa pelos Estados Unidos. Espera-se uma data portuguesa quando tocar a vez à Europa?
Começamos por aqui e sabemos por onde vamos, mas esta digressão está planeada para durar dois anos e é 100% certo que iremos passar em Portugal. Tivemos bons momentos aí e sem dúvida que voltamos, é uma questão de tempo até tudo ficar decidido.

Dois anos não é um período muito longo para estar na estrada?
Sim, mas também é excitante. Temos muitos amigos ao longo da estrada e isso ajuda a tornar tudo mais interessante e animado.

Isso também significa um abrandar nos vossos outros projectos?
Sim, é complicado estar em vários grupos. Mesmo que te digam que não, especialmente o Josh. Todos achamos que é possível estar em mais que um projecto, mas todos temos de perceber que QOTSA é a nossa primeira prioridade e tem de ser levado muito a sério. Queremos tocar no máximo de salas possível, e isso vai tomar muito do nosso tempo. No fim, vai ser bom ter um projecto à nossa espera, com músicos diferentes, e que vai ajudar a manter a cabeça fresca. Da mesma maneira que o inverso também resulta, e ter voltado a tocar e gravar com QOTSA manteve-nos frescos. Por isso é bom deixar os projectos de lado e focarmo-nos de novo na banda principal agora.

A «Feet Don't Fail Me» tem um lado autobiográfico, não é?
Sim, adoro a forma como o disco arranca e vai até ao início, com o Josh a explicar as suas origens, de onde veio e onde chegou. Amo isso, adoro como se abre e nos vai contando cada vez mais, conforme o disco se desenvolve.

Este regresso a um *feeling* mais rock, quando surgiu?
Acho que nunca o perdemos, mas olhando para trás, captura um período de tempo muito importante e relevante na história da banda e nas relações entre todos nós. Hoje temos os nossos espaços, mas estamos mais unidos e coesos, com o Jon Theodore a integrar o grupo a tempo inteiro na posição de baterista, estamos mais fortes que nunca e o álbum resulta como uma extensão disso. «The Way You Used To Do» foi um tema já escrito há bastante tempo, as primeiras maquetas e o riff original já foram compostos há uns anos e essa foi a base do disco e da sua criação.

A mudança de baterista foi assim tão importante?
Pode parecer que não, mas acho que a entrada do Jon para o grupo teve uma grande importância. Logo após a primeira digressão juntos, já éramos como irmãos, tornámo-nos mais fortes como grupo. O seu estilo de tocar e a capacidade de fazer várias abordagens diferentes na bateria contribuiu muito para aquilo que obtivemos neste disco. Podíamos escolher o caminho que quiséssemos seguir e sabíamos que seria possível fazê-lo com ele.

Falas disso e lembro-me logo do ritmo em «Domesticated Animals».
Sim… a ideia era recriar um *robot* dançarino, mas rígido. É um estilo que é necessário saber tocar para o estilo dos QOTSA, mas outras vezes também tens de ter algum *groove*, e ele é também capaz disso.

Como baixista, és o músico ideal para avaliares o baterista.
Sim, além disso, quando era mais novo, ainda considerei tocar bateria e tive lições, por isso sei reconhecer o valor dele.

CRADLE OF FILTH

Depois de um período de diminuta relevância artística dos CRADLE OF FILTH, a banda liderada por Dani Filth parece renascida com a nova formação, reequilibrando os rendilhados góticos com as raízes de metal que sempre tiveram. A mais recente prova disso é «Cryptoriana – The Seductiveness Of Decay», segundo disco com o mesmo alinhamento que serviu de base para uma elucidativa conversa com o vocalista.

POR LUÍS PIRES

Renascidos Numa Cripta Victoriana

O ano passado, anunciaram que iriam escrever o «Cryptoriana – The Seductiveness Of Decay» e lançá-lo até Setembro de forma a embarcar numa *tour* mundial. Missão cumprida?
O *manager* com quem trabalhámos durante vinte anos reformou-se e a banda está sob nova gestão. O novo *manager* queria fazer um *reboot* à banda e ele não o podia fazer – meter-nos em *tour* e organizar novos acordos – sem um novo disco. Fomos colocados nessa posição, com vários prazos, e cumprimos. Entretanto já tinha havido o álbum de Devilment antes disso [«II – The Mephisto Waltzes»], que foi lançado o ano passado e meteu uma *tour* pelo meio. Tem sido um ano bem ocupado.

A escrita do disco tinha começado já em 2016 quando foram à República Checa, certo?
Sim, era mesmo esse o objectivo da viagem, recolher e combinar todas as ideias que as pessoas tinham. Tínhamos a esperança de sair de lá com pelo menos metade do disco escrito. Quando lá estivemos, passámos algum tempo a passear e em festa, acabou por ser um bom evento de "formação de equipa". No final, já tínhamos a maioria do álbum escrito – foi uma sensação muito boa, ver que toda a gente tinha feito tanto trabalho prévio com esse período em mente. Já tínhamos feito este tipo de coisas com incarnações anteriores da banda, mas costumava ser uma casa que alugávamos em Inglaterra por umas semanas. Havíamo-lo feito para o «Nymphetamine», para o «Damnation And A Day», e para o «Bitter Suites To Succubi»; e foi sempre muito caro. Ir para a República Checa, onde dois dos nossos membros vivem [Marthus, baterista e Ashok, guitarrista], e para onde há voos baratos, acabou por ser muito menos dispendioso do que fazê-lo em Inglaterra. Também foi bom fazê-lo no Verão, e Brno revelou ser um lugar muito inspirador e calmo. Como disse, tivemos oportunidade de passear um bocado, o que incluiu várias visitas à *brewery* da Starobrno.

Apesar desta inspiração checa, os temas do disco continuam essencialmente ancorados em literatura inglesa não é?
Sim, o título «Cryptoriana» é obviamente um jogo de palavras, como havia aliás sido o caso com títulos do nosso passado como «Nymphetamine», «Thornography», e «V Empire Or Dark Faerytales In Phallustein». Basicamente é uma amálgama entre "victoriana" e "cripta". Como palavra, representa o fascínio dos victorianos com a morte. Depois, com «Seductiveness Of Decay» temos a inevitabilidade da morte e é uma espécie de personificação romântica dessa morte, bem como uma referência à atracção pela auto-destruição. Achei que o tempo victoriano tinha uma boa atmosfera na qual pintar o álbum, por assim dizer. Antes da viagem à República Checa, tinha lido bastante horror gótico e colecções de histórias de fantasmas dessa altura, por autores como E. F. Benson, Arthur Conan Doyle, Robert Lewis Stevenson e muitos outros, pelo que me pareceu uma progressão bastante natural. Sobretudo quando começou

o Outono, até porque todo o período victoriano tem um ambiente algo fúnebre. De facto, quando o marido dela morreu, a rainha Victoria começou a usar preto como sinal de luto e houve muita senhora "da moda" que seguiu o estilo dela. Eles tinham uma ligação bastante profunda com o oculto e coisas como sessões espirituais, quiromancia, e magia. Era considerado como parte da ciência; muitos dos intelectuais da época consideravam como científica a procura do outro mundo, o espreitar por trás do véu. Acrescentas a isto a atracção da época por coisas estranhas e maravilhosas, e encontras personagens como Jack The Ripper, Sweeney Todd, Jekyll/Hyde e Sherlock Holmes. É um terreno muito fértil a partir do qual eu posso formular letras que depois transmito ao artista [Arthur Berzinsh] para ele formular a parte visual.

Durante essa investigação houve algo em particular que te tenha surpreendido?
Apenas algumas coisas soltas sobre os gostos da época. Por alguma razão deparei-me com a paixão deles por joalharia e jardins de flores. Era um período muito romântico e negro. Claro que não podes construir um império massivo com base em paz e sossego; houve muitas guerras e escaramuças em todo o mundo e, obviamente, um império é construído em cima dos escalões mais baixos da sociedade, das classes baixas, dos trabalhadores. Era a época do industrialismo, pelo que com o vapor e os comboios, era preciso carvão. Haviam muitas minas de carvão, casas de trabalho para os pobres, o trabalho infantil ainda estava na moda. É uma justaposição, tal como o título do álbum. Vida e morte, amor e morte, sexo e morte. As coisas que acabam por ser os blocos elementares da vida em si, de facto.

Dos temas à execução, uma das impressões que o disco deixa é a de uma banda que se estava a divertir com aquelas canções.
Sim, definitivamente. Tocar é sempre divertido mas desta vez a criação também nos deu bastante gozo. No entanto, o trabalho de estúdio foi bastante árduo e nessa fase o número de vezes que fomos ao *pub* foi zero. Os vários membros vieram gravar um por um, já lá vão os tempos em que toda a gente estava no estúdio ao mesmo tempo, porque é simplesmente demasiado caro. Antes tinhas estúdios residenciais, em que cada um tinha um chalé e em que todos comiam lá. Gastámos muito dinheiro nesse tipo de processos e já não há muitos estúdios desses. Desta feita usámos o mesmo produtor [Scott Atkins] e o mesmo estúdio; a maioria da semana era trabalho das dez da manhã até às onze da noite, não tínhamos distracções porque o estúdio fica no campo e tens de caminhar um bocado só para conseguir fazer uma chamada. O Scott é um bom amigo meu, admiro as opiniões dele sobre as coisas e não me importo quando ele diz "isto é uma merda", "tu és uma merda" [risos] ou "isto precisa de ser feito de novo". Foi uma boa colaboração e eu confio nele, acho que no futuro vamos trabalhar juntos mais vezes. Não me parece que isso seja algo mau, nem que o próximo disco vá soar exactamente ao mesmo, quanto mais não seja porque vão ser canções diferentes.

Não é como se os vários álbuns que gravaram com ele até agora soem ao mesmo...
Exacto, há vários atributos neste álbum que são bastante distintos. Porventura algum material mais rápido, com influência da NWOBHM.

Foi precisamente isso que me ocorreu a ouvir o tema-título, em especial pelas harmonias de guitarra.
Sim, acresce ainda a isso algumas passagens acústicas e a participação da Liv Kristine na «Vengeful Spirit». A «Death And The Maiden» também é uma canção bastante diferente para termos como final de álbum, pela duração e toada épica, escura e tortuosa. É um tema algo pesado para essa posição, onde costumamos usar algo bastante rápido. Também usámos um coro de Brno que foi gravado mais cedo este ano, com o ênfase a ser dado ao soprano principal; isso resultou numa voz feminina estranha, espectral e assustadora, perfeita para o victoriano assombrado que queríamos retratar. Há ainda dois temas que só estão na edição especial. Uma é uma canção original, tão boa como qualquer outra no disco, mas a segunda é uma versão da «Alison Hell» dos Annihilator. Já há bastante tempo que a queríamos fazer e pareceu-nos certo fazê-lo agora já que nos temos cruzado com o Jeff Waters em várias ocasiões. Coloquei-lhe essa ideia à frente e tivemos a bênção dele. Entretanto já lhe mandei uma cópia da música e ele adorou-a. Tocámo-la bastante próxima do original, não a saturámos com teclados, vozes adicionais ou coisas do género. Pareceu-nos de facto que se encaixava muito bem com a toada do disco, pelo facto de ser uma canção bastante melódica e assombrosa. A forma como se meandra, como conta uma história, é muito parecida nesse sentido às canções no nosso álbum.

Parece apropriado, até porque do ponto de vista de execução é um disco muito mais enraizado no metal de velha guarda do que trabalhos recentes, mesmo que a estética Cradle Of Filth esteja lá toda.
Sem dúvida. É um disco exemplar do ponto de vista musical. Isto é algo que posso afirmar de forma imparcial porque, sendo vocalista, passo imenso tempo à volta de músicos… isto era uma piada. [risos] Mas sim, sinto que é um período de ressurgimento para a banda, já são cinco anos desta formação e há uma aura de renascimento. O facto de ser o segundo álbum, de já termos uma digressão e de termos tido aquele período na República Checa, tudo ajudou. Também fomos à Letónia juntos, porque quando decidimos colaborar com o Arthur Berzinsh, descobri que ele era um realizador profícuo, pelo que decidimos juntar o dinheiro todo que tínhamos para vídeo, *artwork,* e fotografias promocionais, e ir até lá e passar dois ou três dias a tratar de tudo. Quando chegámos a Riga, estávamos perante um cenário espantoso que foi o pano de fundo do vídeo. Algumas das cenas e personagens do vídeo acabaram por estender-se ao *artwork*, pelo que meter as fichas todas no mesmo pote resultou muito bem nesse sentido e acabou por ser outra boa mini-viagem para a banda se juntar toda.

Esse cuidado com a coerência no aspecto visual do álbum é algo que não é propriamente novo para vocês.
Sim, e temos tido a sorte de trabalhar com artistas muito bons. Também no que toca ao livreto, trabalhei com um *designer* gráfico muito bom que conseguiu incutir vários elementos da estética victoriana por trás das letras e adaptá-los aos vários pacotes que a Nuclear Blast quer editar. Conheci-o aquando do último lançamento de Devilment e gostei tanto do trabalho dele que se tornou uma mera formalidade convidá-lo para repetir a experiência.

Em termos da formação actual, um dos aspectos que se destacam é o facto de que a Lindsay, sendo responsável pelas vozes femininas, é a primeira música com esse cargo que também participa na composição, certo?
Sim, é verdade. Se bem que a participação dela foi nos teclados, que foram escritos em grande parte pelo Martin [ou Marthus, baterista], que também tratou das orquestrações. Diria até que ele foi a espinha dorsal da banda neste período.

Imagino que ter alguém tão experiente ajude, até porque entre o Martin e o Ashok, por exemplo, tens experiência em bandas como Root e Entrails, que não são propriamente pesos pluma.
Claro, e acho que de facto resultou pelo melhor por causa disso. O próprio Richard, que é um fã enorme de *prog*, é tutor de guitarra, dá aulas na universidade, e é chamado para fazer cenas como «Queen, The Musical». É um tipo prolífico, apenas com um *background* diferente.

Dirias que essas influências diferentes contribuíram para o disco sair como saiu?
Sobretudo, toda a gente já era fã da banda e já tocou em vários continentes com a banda. Eles querem fazer justiça ao legado e à linhagem de Cradle Of Filth e estão bastante conscientes do que é necessário. Para a próxima digressão, as pessoas têm pedido temas como «Bathory Aria» e outras que já não tocamos há algum tempo. Agora somos capazes de o fazer por causa do poder de fogo que temos. São três belos guitarristas – eu conto o baixista, Daniel, como um grande guitarrista, até porque ele escreveu uma boa parte da «The Seductiveness Of Decay».

Esta vai também ser a primeira digressão pós referendo. Para quem faz digressões na Europa continental com a vossa frequência, não deve ser um prospecto muito simpático.
Para te ser sincero estou cansado para caralho de ouvir falar no Brexit, parece que não há mais nada a acontecer por aqui. Acho que vai afectar toda a gente, não só no Reino Unido como na União Europeia, quando e como entrar em efeito. As coisas estão sempre a mudar, num minuto é *soft Brexit*, noutro já é *hard Brexit*; até me questiono se não vai ser abandonado quando as pessoas se aperceberem que vai dar mesmo merda e que o melhor é ter outro referendo. Toda a noção de ter de passar controlos de passaporte e fronteira para uma banda britânica em digressão é horrível.

Enquanto isso não acontece, já há planos discográficos para depois da digressão?
Ainda não temos nenhum álbum planeado. Esperamos gravar o concerto no Loud Park para um futuro DVD e vamos lançar uma edição comemorativa do vigésimo aniversário do «Cruelty And The Beast», com o disco remasterizado e remisturado por mim e pelo Scott. Deve sair perto de Abril do próximo ano. Depois disso, não sei mesmo. O futuro vai ser o que quer que seja.

CONTINUIDADE SANGRENTA

Já tínhamos saudades das capas raiadas de sangue, dos títulos sucintos, da contundência urbana dos temas ultra-poderosos... Muitas saudades dos UNSANE, portanto. Os nova-iorquinos, pioneiros do noise rock, continuam tão bons como sempre foram, melhores até, mais refinados, e desde «Wreck», de 2012, que não editavam música nova. Aparece agora o estrondoso «Sterilize», e o vocalista/guitarrista fundador Chris Spencer, visivelmente entusiasmado com o regresso ao activo do influente trio, conversou um bocado connosco.

POR: JOSÉ CARLOS SANTOS

Foi um parto demorado, o do «Sterilized». Mas valeu a pena a espera!
Acho que o disco saiu muito bem. É excelente, na minha opinião! O Vinnie [Signorelli, baterista] aleijou-se aqui há uns tempos, e essa foi a causa principal de termos demorado tanto tempo desde o último trabalho. É uma longa história, mas foi uma lesão um bocado tramada, que aconteceu logo a seguir ao «Wreck» ter sido lançado. Tínhamos uma *tour* com os Melvins a começar no dia a seguir a isso ter acontecido, e foi o baterista deles, o Dale Crover, que acabou por tocar connosco nesses concertos e safar a cena, mas depois disso, durante quase quatro anos que não pudémos fazer praticamente nada. Foi essa a causa principal da pausa longa.

Foi difícil recuperar o ritmo de composição depois dessa paragem?
Não, foi até muito tranquilo. O Dave [Curran, baixista] e o Vinnie vieram até minha casa, fizemos quase todo o disco aqui, todos juntos, trabalhámos nele sem pressas durante vários meses. Quando estávamos prontos, fomos até Joshua Tree e gravámos no estúdio do Dave, ele tratou da engenharia e fez a captação toda.

Não costuma ser ele a fazer isso tudo, pois não?
É o Andrew Schneider que costuma fazer isso, sim. Mas isso permitiu-nos estarmos só nós no estúdio – alugámos um pequeno apartamento,

ficámos lá sozinhos, totalmente focados na tarefa em mão. Não é como costumamos fazer as coisas, mas foi excelente desta vez. Acho que o resultado é bem melhor do que poderia ter sido, porque não tínhamos qualquer tipo de distracção. Vivemos os três para a gravação durante o tempo que lá estivemos.

O Vinnie já está totalmente recuperado, esperamos.
Agora está 100% recuperado, sim. Fizemos uma *tour* de três semanas aqui nos Estados Unidos há pouco tempo, fomos até Minneapolis e voltámos, com o ponto alto de termos tocado no Amphetamine Reptile Bash 17, a festa habitual da editora. Correu muito bem, e ele está mais forte que nunca. Estamos de volta ao normal!

O tempo sem grande actividade foi bom ou mau para a tua tarefa de composição?
Acho que acabou por ser bom, porque tive muito tempo sozinho para me concentrar na composição, e para afinar tudo de forma a ficar perto da minha ideia de perfeição, em termos da maneira como gosto que a música esteja estruturada e tudo o mais. Dos dez temas, escrevi oito, foi um período muito fértil nesse aspecto. Tive mais tempo também para dedicar às letras. Lá está, foi como na gravação – mais foco, e mais tempo também, e isso teve efeitos muito positivos.

O disco é extremamente coeso, ao ponto de ser difícil arranjar um tema que se destaque mais que outro qualquer. Muito sólido.
Isso é bom! Acho que cada disco que fizemos é uma representação de um período de tempo nas nossas vidas. Nesta altura, somos amigos muito próximos, nós os três, já fazemos isto há muito tempo juntos… E foi por isso que o tal período de "isolamento" resultou tão bem. Trabalhamos de forma excelente quando estamos só nós, sem nada à nossa volta que nos chateie ou que nos distraia, e o resultado desse trabalho de equipa foi um conjunto de canções muito forte, muito inspirado. Acho que há diferenças notórias de estilo entre os temas – a «The Grind» não tem muito a ver com a «No Reprieve», por exemplo. Mas todos juntos, concordo, fazem um disco muito coeso, nivelado por cima. Daí ser difícil destacar algo.

Liricamente, há aqui alguns temas recorrentes, não há?
Meu deus, se há! [risos] Basicamente, os Estados Unidos neste momento estão fodidos. Nós estamos fodidos. Aliás, não é por acaso que um dos temas se chama «We're Fucked». [risos] É um sítio que está completamente fodido, à medida que o tempo passa as coisas só ficam piores, tanto politica como socialmente. Tenho assistido à minha cidade, Nova Iorque, a desaparecer de ano para ano. Sai-se à rua e é só bares da moda e estudantes universitários bêbados e estúpidos. A gentrificação das cidades grandes, o avanço daquilo que temos vivido a nível social, está tudo num estado lastimável e não vejo melhorias. Parece que nesse aspecto não me vai faltar inspiração, há muita merda sobre a qual escrever que não vai desaparecer tão cedo.

Tenho assistido à minha cidade, Nova Iorque, a desaparecer de ano para ano. Sai-se à rua e é só bares da moda e estudantes universitários bêbados e estúpidos.

Foi interessante ver-vos no Primavera, aqui em Portugal, no ano passado. Estava muita gente a assistir ao concerto que nitidamente não fazia ideia quem vocês eram, mas que acabaram por lá ficar até ao fim! É costume "conquistarem" pessoas neste tipo de eventos maiores?
Não sei bem… É uma pergunta difícil para eu responder. Sei que é isso que tentamos! Lá está, somos todos muito amigos uns dos outros, e por isso, para nós, tocar ao vivo é sempre um prazer – é mesmo, não dizemos isso só por dizer. Quaisquer circunstâncias que se estejam a passar, coisas menos agradáveis ou cansaço ou seja o que for, não influem em nada assim que subimos ao palco. Nesse dia, voámos de Milão no dia anterior à noite e não tivemos tempo nenhum para descansar, foi tudo um bocado caótico, mas demos o nosso melhor e acho que o concerto foi bom. Percebemos que o que fazemos é muito diferente do rock mais *mainstream* que as pessoas encontram especialmente nesses eventos maiores, e por isso compreendemos que algumas "desliguem", mas normalmente temos a sorte de conseguir cativar mesmo quem não nos conhece. É bom.

Os Unsane são mais uma banda que vai atingir a preciosa marca dos 30 anos. A pergunta da praxe – planeaste alguma celebração para 2018?
Não planeei nada, mas de certeza que a editora ou os agentes com quem trabalhamos vão querer que façamos qualquer coisa. [risos] Por mim, estou só chocado de continuarmos a fazer isto ao fim de tanto tempo, ainda por cima com o nível que conseguimos manter. Adoro o que faço, acho que é por aí. Ajuda muito. À medida que envelheço, vou-me apercebendo que não vou conseguir fazer isto eternamente, por isso é aproveitar enquanto dá. Fazer o máximo que conseguir, divertir-me, enquanto posso, porque é tudo passageiro. Enfim, digo que é passageiro, e depois de repente passaram 30 anos, mas pronto… [risos]

Na última década tiveste algumas participações importantes noutros projectos, nomeadamente nos Celan e nos UXO, dois discos magníficos, diga-se. Retiraste alguma coisa dessas experiências para os Unsane?
Sim, diria que sim. Talvez mais até com os Celan. Nessa banda, toquei com o Ari Benjamin Meyers, que é um tipo genial, não hesito em chamar-lhe isso. É espertíssimo, tem um estilo musical muito próprio. A banda nasceu basicamente de eu ter travado conhecimento com ele. Como sabes, ele tocou nos Einstürzende Neubauten, e surgiu a possibilidade de ir lá gravar, e fiquei logo doido com isso. Encontrei-me com o Niko Wenner, dos Oxbow, num concerto, e convidei-o para fazer parte dos Celan também… foi assim que tudo aconteceu, basicamente encorajado pela minha vontade de gravar no estúdio dos Neubauten. Foi um *lifetime achievement*. Foi incrível, tocar com esse pessoal. Claro que essa experiência depois se traduz nas coisas que fiz a seguir. Aprendi muito em termos de dinâmicas, também em termos vocais. Trabalhei no duro para esse disco, a verdade é essa. Senti que aqueles gajos eram tão bons que tinha que me superar ainda mais que o normal, e isso foi marcante. A cena com o Steve Austin foi diferente – o Steve é mais *totally extreme metal*! [risos] Não foi tanto um caso de me deixar influenciar, foi mesmo cada um aplicar o seu estilo e ver o que dava o resultado. Somos amigos próximos há décadas e já queríamos fazer uma cena juntos há imenso tempo, e só agora é que tivemos disponibilidade. Foi tudo feito e gravado no estúdio em casa dele, foi muito espontâneo e adorei a experiência. Temos um disco, demos quatro concertos, e voltámos às nossas vidas super-ocupadas depois disso. [risos] Foram portanto duas experiências magníficas, mas que por causa da dificuldade de juntar o pessoal necessário, duvido que tenham continuidade, infelizmente.

SATYRICON

UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

Não é difícil perceber que, no momento em que lhe foi diagnosticado um tumor no cérebro, Satyr Wongraven, a intrépida força motriz dos SATYRICON, deve ter visto a vida toda a passar-lhe em retrospectiva à frente dos olhos. Basta, de resto, conversar com o talentoso multi-instrumentista norueguês, mesmo pelo Skype, para perceber que está diferente e que o susto por que passou deve ter mudado para todo o sempre a sua visão muito pessoal das coisas. «Deep Calleth Upon Deep», nono álbum de originais para a famosa dupla de Oslo, é, por isso, um verdadeiro manifesto de intenções, resumindo com uma garra honesta e, a todos os níveis, tocante, o melhor que fizeram ao longo de uma carreira que está prestes a atingir a marca dos 30 anos e que inclui títulos tão icónicos do black metal contemporâneo como o «Nemesis Divina», o «Rebel Extravaganza» ou o «Volcano». Numa destas tardes de Verão, falámos do passado, do presente e do hipotético futuro de uma banda incontornável. **POR JOSÉ MIGUEL RODRIGUES**

Este é um regresso em força para os Satyricon.
O «Deep Calleth Upon Deep» é um disco imensamente poderoso. É um álbum complexo, alimentado por uma paixão mesmo muito viva. Este disco reflecte a paixão que eu e o Frost investimos a fazer a música, a tocar e a gravar estas canções... e em tudo o que envolveu completarmos este registo. Gosto de o ver como cru, sem filtros e intenso, mas também é subtil, misterioso e enigmático. Basicamente, é uma colecção de viagens, que pintam uma história que se chama «Deep Calleth Upon Deep». Cada canção é uma viagem por direito próprio, como uma criança com a sua própria identidade e carácter. Acho que isso é o que faz um grande disco.

Não tem sido sempre assim, para vocês?
Bem, o objectivo com os Satyricon foi sempre esse. Sempre quisemos fazer o melhor disco possível em determinado momento. Temos de fazer música que nós próprios gostássemos de ouvir, isso ficou estabelecido quando começámos. E é essencialmente isso que temos feito deste o início, escrever temas que nós próprios gostaríamos de ouvir. Nós somos fãs de música, ponto final. E o que ouvimos acaba por influenciar-nos, claro, por isso o «Deep Calleth Upon Deep» é o reflexo da forma como o Satyr e o Frost ouvem música em 2017.

Irem tentando fazer sempre melhor, é um desafio grande?
Honestamente, a única coisa que temos de fazer é mesmo ir tentando. Na posição em que estamos, não há alternativa, de resto. Nunca sabemos se vamos ser bem sucedidos, se vamos falhar, mas temos de continuar a tentar genuinamente. A perfeição é difícil, quiçá impossível, mas não é necessariamente algo que deva ser atingido. Se calhar, é o processo que mais interessa, essa busca incessante por atingir o que consideramos perfeição, que, quando nos agarra, nunca mais nos larga. Às vezes a viagem pode ser mais interessante que o destino, percebes? Depois acho que é essa leve sensação de que, mesmo que seja só por uns instantes, quase chegámos lá que acaba por influenciar-nos a tentar sempre de novo; uma, outra e outra vez. Com força, com mais força e com ainda mais força... Eu sempre disse que esta banda, à semelhança de muitas outras que estão na ribalta, tem de aceitar que vai haver quem goste e quem não goste do que fazemos. Isso é a natureza de fazermos... seja o que for, bem vistas as coisas. Seja a música, ou outra coisa qualquer a que o público esteja atento, tudo vai ser julgado.

Lês o que se escreve sobre a tua música?
De vez em quando, sim. Não me incomoda. Só há uma coisa que não aceito, e que me deixa furioso... é alguém sugerir que fazemos o que fazemos sem cuidado ou sem paixão, sem nos preocuparmos. É algo com que não consigo mesmo viver porque sei que, independentemente do que fizermos, vamos sempre dedicar-nos a 100%. Desde o início, tudo o que fizemos ao longo da nossa carreira tem sido totalmente honesto, que não haja dúvidas em relação a isso. A cada novo disco damos tudo o que temos a dar, e ninguém nos pode acusar de não nos dedicarmos ou de não passarmos uma quantidade ridícula de tempo a fazer o que fazemos. Continuamos tão devotos à causa como sempre estivemos e, curiosamente, somos uma das poucas bandas que nunca desistiram. Nunca fizemos uma pausa, nunca nos reunimos, nunca nos separámos e voltámos com formação diferente. Há anos que continuamos e continuamos a trabalhar, sem paragens pelo meio. Isso aconteceu porque, enquanto as outras pessoas acham que têm de fazer uma pausa para constituir família ou ter filhos, eu sempre disse que, quando esse momento chegasse para mim, isso não me faria parar.

E foi, aparentemente, o que se passou.
Claro, eu sabia que ia ser assim. Tenho uma família, tenho miúdos, mas nunca deixei de fazer o que faço. E, para ser muito sincero, sinto que os Satyricon continuam a ser tão importantes para mim como sempre foram. A minha vida, como é óbvio, mudou imenso nos últimos anos e, de certa forma, acabou por ser um processo de aprendizagem como outro qualquer, porque tive de aprender a gerir melhor o meu tempo e a garantir que tudo continuava a funcionar em pleno. Os dois lados têm, claro, de ser tratados com respeito e devoção, tudo se resume a isso. Como artista, tenho de ter tempo e energia suficientes para conseguir produzir peças de arte de calibre internacional – esse é o meu trabalho, a que dediquei grande parte da minha vida. Por outro lado, quando temos filhos, somos nós que tomamos a decisão, a escolha não é deles, por isso temos de estar preparados para lhes dar toda a atenção que merecem e torna-se rapidamente óbvio que isso passa a ser uma obrigação nossa. Não tem sido fácil encontrar o equilíbrio...

Só há uma coisa que não aceito, e que me deixa furioso... é alguém sugerir que fazemos o que fazemos sem cuidado ou sem paixão. É algo com que não consigo mesmo viver.

Ainda não o encontraste?
Não, ainda tenho muito que aprender. E é engraçado porque, às vezes, os dois extremos até acabam por tocar-se. Actualmente há poucas coisas que me possam dar tanto prazer como ouvir música com os meus filhos, por exemplo. São os dois muito musicais e acho que isso nem sequer tem a ver com o facto de eu fazer o que faço, pura e simplesmente acontece porque estou sempre a mostrar-lhes música. Se calhar até está no ADN deles, não sei... Mas acho que o facto de os expor a esse tipo de coisas acaba por ter mais impacto.

O que é que eles acham dos Satyricon?
Ainda são os dois muito novinhos e acho que não têm uma opinião formada, mas sei que, no jardim-escola, volta e meia fazem um jogo em que me imitam, a mim e ao Frost. [risos]

Quão divertido é isso?
É muito fixe, muito rock'n'roll.

Outro acontecimento, muito menos feliz, foi o facto de te terem diagnosticado um tumor cerebral... O diagnóstico alterou a forma como olhas para a vida?
Bem... [pausa] Alterou, claro. Ser diagnosticado foi algo inesperado e, inicialmente, fiquei assoberbado, sem saber bem como lidar com toda a situação. Felizmente uma pessoa vai vivendo e aprendendo, tive de me ajustar. Hoje em dia pode dizer-se que, na maioria do tempo, me sinto bastante bem. Agora, nas fases mais complicadas, percebo melhor como devo lidar com o que se passa e, dentro do que está ao meu alcance, faço tudo para ser a melhor pessoa possível para quem está à minha volta. No início, quando me apresentaram os resultados dos exames, parecia que não havia soluções, mas hoje já percebo melhor a minha condição e tento lidar com ela da forma menos dolorosa possível. Sei o que o meu corpo tolera ou não tolera, evito tudo o que perturbe o meu equilíbrio e, em grande parte, levo uma vida normal.

Não consigo sequer imaginar o teu choque inicial... Sabendo que já estavas a trabalhar nestes temas, quão complicado foi voltares ao trabalho?
Quando fui diagnosticado já estava a trabalhar no álbum há quase um ano. Felizmente, acho que houve sempre um lado de mim que tentou desvalorizar a situação... Porque, bem vistas as coisas, há por aí muita gente com problemas bem piores que o meu e levam vidas totalmente normais. Para mim, foi como se tivesse tido uma... [pausa] No início, não percebia nada do que se estava a passar. Comecei por aperceber-me que andava irritado cada vez com mais frequência e não conseguia perceber porquê. Certo dia caí redondo no chão, desmaiei e levaram-me para o hospital. Foi aí que descobriram que tenho um quisto no cérebro. Felizmente não é cancerígeno, nem nada do género, o que são boas notícias. É óbvio que não é nada bom ter uma coisa no cérebro que não é suposto estar lá, mas na verdade podia ser muito pior. Ninguém morre por ter o que eu tenho, mas como o quisto está num sítio em que é muito complicado operar, combinei com o meu médico ver como as coisas vão evoluindo e, dependendo disso, logo vemos o que fazer. Ele acha

que vou mesmo ter de ser operado, mas não tem de ser já, por isso... Actualmente tenho de ir ao hospital mais vezes do que é normal, mas vou conseguindo ter uma vida normal. Posso fazer, mais ou menos, tudo o que fazia antes.

O comunicado de imprensa menciona explicitamente que este álbum marca um novo começo para os Satyricon. Queres explicar?
Não posso. E explico-te porquê... Enquanto estávamos a fazer o disco senti que, das duas uma: este é o último álbum que fazemos e despedimo-nos em grande ou este disco é tão refrescante que vai inspirar o início de uma nova fase na carreira dos Satyricon. Foi o que senti e, quando li o *press-release* para o aprovar, ainda considerei a hipótese de tirar essa frase para evitar perguntas, mas depois achei que o que fazia mesmo sentido era deixá-la lá porque é exactamente o que sinto. Sinto essa dualidade, de uma forma muito intensa.

Como é que isso se manifestou durante as gravações?
Desta vez não tolerei quaisquer brincadeiras ou leviandades durante o processo, e fui mais exigente que nunca. Tive de passar por uma série de merdas, não sei bem como vai ser o meu futuro e este pode perfeitamente ter sido o último disco que fiz na vida, por isso não tive qualquer tolerância pela falta de dedicação dos outros. Lembro-me de certas ocasiões em que estava a sentir-me muito positivo em relação ao que podia vir a ser o resultado do que estávamos a fazer, o Frost fazia qualquer coisa que eu achava aborrecida e passava-me. Lembro-me bem de uma conversa que tivemos... Perguntei-lhe porque estava a fazer uma batida qualquer, já nem me lembro bem em que tema era, e de ele me responder que achava que era "uma solução apropriada para a ideia que estávamos a desenvolver". Isso, para mim, desta vez, não chegava. Ter as coisas a funcionar, na base da mediania, não bastava – tínhamos de fazer algo verdadeiramente entusiasmante. Naquele momento, tive de o mandar para casa... pensar na vida. [risos]

Comemoraram o 20º aniversário do «Nemesis Divina» com uma *tour* em 2016, enquanto estavam a escrever o novo disco. Isso teve algum impacto nos temas que gravaram ou nem por isso?
Tudo o que fazemos tem um impacto qualquer no passo seguinte, mas neste caso teve a influência inversa ao que as pessoas possam pensar. Tocar esse álbum na íntegra foi uma experiência fabulosa, foi uma honra enorme fazer aqueles concertos. A sério que foi. No entanto, com o mais profundo respeito pelo «Nemesis Divina» e por tudo o que representa – não só para nós, mas também para os nossos fãs –, essa *tour* serviu essencialmente para me aperceber que já chega, que não quero andar para sempre a tocar as mesmas canções. Podemos revisitar uma ou duas, claro, mas... Na altura fez sentido andar a tocar aqueles temas todos, noite após noite, porque era uma ocasião única, mas de certa forma fez-me perceber que era a altura certa para uma despedida.

Sinto que fiz tanto daquilo, tantas vezes... A «Forhekset», por exemplo; tocámo-la vezes sem conta ao longo dos anos e eu ainda consigo encontrar alguma magia no tema, mas prefiro parar de a tocar antes que a perca toda. Resultado, essa digressão foi uma óptima forma de honrar um álbum que é especial para a banda, para mim e para o público, mas só fez com que me sentisse ainda mais confiante em relação ao que estamos a fazer agora.

Como assim?
O que fazemos agora está muito mais próximo do meu coração e dá-me muito mais gozo do que algo que estava perto do meu coração quando o fizemos originalmente, há vinte anos atrás. Faz sentido?

Totalmente. É difícil perceber como bandas como os Iron Maiden ou Metallica passam tantos anos a tocar alguns temas dos seus respectivos reportórios.
Eu, às vezes, também penso nisso, honestamente. Não sei como conseguem. [risos] Uma coisa é certa, não estou a dizer que isto se passa com as bandas que mencionaste, mas acho que os fãs percebem logo quando um músico está a tocar só por tocar, para cumprir calendário... E isso é algo que gostava de evitar que acontecesse com os Satyricon.

Já mencionaste que a ideia para este disco era voltar ao básico e fazê-lo apenas com voz, guitarras, baixo e bateria, mas há aqui instrumentação muito diversa.
Sim, mas são apenas umas partes aqui e ali, onde senti que os temas precisavam de um ingrediente extra, por assim dizer. A música pop foca-se mais na voz e no baixo, assim como na electrónica, mas para mim, o black metal é, e sempre foi, como qualquer outra forma de rock'n'roll, música centrada nas guitarras, na bateria, no baixo e na voz. Esse é o padrão que quero seguir, sobretudo quando se trata de misturar um álbum, que é quando estamos a equilibrar os componentes de uma canção, mas não há nada que me impeça de adicionar outros instrumentos quando considero adequado ou penso que isso vai ajudar a fazer passar a mensagem. Foi isso que fizemos, por exemplo, na «Dissonant», com o *sax*. Também há outros sopros, contra-baixos e violoncelos no disco, mas estão lá para tornar os riffs de guitarra mais grandiosos. Desta vez fui muito cuidadoso, fiz questão de evitar que esses elementos periféricos ofuscassem as bases das canções e, durante as misturas, com a ajuda do Mike Fraser, fizemos questão de garantir que não ficava nada fora do sítio. Nem sempre foi fácil, mas acho que, no final, até conseguimos atingir um bom equilíbrio. O «Deep Calleth Upon Deep» acaba por ser um disco feito essencialmente com guitarras, baixo e bateria, ao qual aplicámos outras texturas de forma muito subtil, de forma a dar-lhe profundidade onde era necessária.

O que te fez voltar a trabalhar com o Mike Fraser depois da experiência que tiveram no «Now, Diabolical»?
O processo de gravação foi muito complexo e senti que, depois de ter estado tanto tempo a trabalhar em dois estúdios distintos, com dois engenheiros de som, aqui na Noruega, o álbum precisava de uma lufada de ar fresco. O pessoal com quem trabalhei é competente e ambos ofereceram-se para misturar, por isso... A dada altura achei que, tendo em conta todo o tempo que já tinha dedicado aos temas, o melhor seria ficar na Noruega e terminá-los aqui, mas depois mudei de opinião. Na fase final das gravações percebi que, por muito bons que eles fossem, não tinham o calibre que este material requeria. A minha ambição para o «Deep Calleth Upon Deep» precisava de algo maior, mas também não achei que esta fosse a altura correcta para encetar uma colaboração com alguém que não conhecia, com quem nunca tinha trabalhado antes, por isso decidi olhar para os melhores produtores com quem colaborei ao longo dos anos e apresentar-lhes o projecto. Decidi logo que ia trabalhar com quem me respondesse de forma mais entusiasmada, com quem mostrasse mais vontade de se dedicar a 100%. Surpreendentemente, esse "*fuck yeah!*" incondicional veio do Mike Fraser.

As grandes obras artísticas, as experiências divinas, tudo o que nos toca fundo... Se não apelarmos ao que temos mais fundo dentro de nós próprios, nunca vamos conseguir perceber a grandiosidade dessas coisas.

Porquê "surpreendentemente"?
Eu e o Mike tivemos os nossos altos e baixos durante o processo de gravação do «Now, Diabolical» e, inicialmente, fiquei de pé atrás porque não fazia a mínima ideia de como as coisas iam correr desta vez. No entanto, percebi rapidamente que podíamos revisitar todas as coisas que fizemos bem no «Now, Diabolical» e torná-las ainda melhores. Tivemos um *meeting* no Skype, começámos a falar e tornou-se logo óbvio que, por um lado, muitos dos problemas que tínhamos tido se deveram essencialmente à forma como as gravações tinham sido captadas e que, por outro, ele tinha percebido que algumas coisas tinham de ser feitas de forma diferente e não como ele pensava na altura. Isso deixou-me confiante em relação ao que podíamos fazer, depois sentei-me a ouvir alguns discos – AC/DC, com quem o Mike colabora há décadas, Metallica, Aerosmith – em que ele trabalhou e foi o que bastou. O Mike é um tipo muito *untrendy*, tem os pés assentes na terra e está disposto a trabalhar no duro, que são três qualidades que aprecio imenso. Além disso, é *old school*, o que é, sem dúvida, uma mais-valia no mundo das produções modernas, que estão muito dependentes da tecnologia. O Mike tem montes de material analógico.

Numa altura em que a música extrema soa cada vez mais formatada, e com pouca alma, até que ponto é crucial destacares-te de tudo o resto que se faz?
Diria que é muito, mesmo muito, importante. Penso que aquilo que se passa hoje em dia é que os discos soam todos como se tivessem sido feitos num laboratório. É como se a intenção fosse ter tudo a soar perfeito, mas o resultado é demasiado clínico e o pior é que não há dinâmicas no som, algo essencial na música dos Satyricon. Atrevo-me a dizer que muita da música que se faz hoje acaba por soar sem vida, o que é uma pena. Há muitas vantagens na evolução tecnológica, claro, mas penso que muito do charme que residia na arte de gravar música se foi perdendo ao longo dos anos e isso é algo que, obviamente, gostava de conseguir recuperar. O «Satyricon», até certo ponto, já foi um passo decisivo nessa direcção e, com o «Deep Calleth Upon Deep», queria criar um verdadeiro monstro de som obscuro e espiritual, um lobo com pele orgânica e não digital. Para mim, não é só uma questão de gravar em fita ou no Pro Tools, tem mais a ver com as escolhas que faço. Quero usar um amplificador a sério, que empurra o ar, ou prefiro usar um simulador só porque me poupa trabalho? Quero usar um pedal de *delay* a sério ou um *plug-in*? Quero usar um compressor ou um qualquer *gadget* digital, que simula o som de um compressor analógico? São esses pormenores que acabam por dar forma a um disco.

Adaptado de uma citação da Bíblia, o título deste álbum resume na perfeição o que são os Satyricon em 2017 – o que, verdade seja dita, não deixa de ser irónico.
Como qualquer texto da Bíblia, este pode ser interpretado de uma série de formas bem diferentes e, para mim, é isso que acaba por ser realmente interessante. Tudo depende da altura em que os lemos, do contexto cultural na altura, tudo isso... Se um padre católico português, por exemplo, tiver lido um desses textos no séc. XVI, tenho a certeza que tirou conclusões diferentes das tiradas por um padre protestante espanhol dois séculos depois, porque o tempo, o espaço e a sociedade, basicamente tudo, na verdade, tem influência enorme na forma como vemos as coisas. Ler a frase "*Deep Calleth Unto Deep*", que é mais ou menos a mesma coisa que «Deep Calleth Upon Deep», no versículo 42:7 da Bíblia, fez-me perceber que qualquer coisa com alguma profundidade que façamos na vida vai apelar ao que está mais fundo dentro das pessoas. As grandes obras artísticas, as experiências divinas, tudo o que nos toca fundo... Se não apelarmos ao que temos mais fundo dentro de nós próprios, nunca vamos conseguir perceber a grandiosidade dessas coisas. Nesse sentido, o título do álbum resume na perfeição a forma como abordámos estes temas e o impacto que gostávamos que tivessem nas pessoas.

MYRKUR

A personagem mais "odiada" do black metal está de volta com um segundo longa-duração intitulado «Mareridt», que em português significa pesadelo. Tudo porque foram pesadelos a principal fonte de inspiração para a escrita deste novo e surpreendente disco de MYRKUR, onde curiosamente o black metal tem um papel muito menos preponderante. Ao telefone de sua casa em Copenhaga, na Dinamarca, Amalie Bruun explicou-nos, em tom delicado e sereno, como conseguiu transformar episódios traumáticos em música, de que forma lidou com as muitas críticas de que foi alvo pelos mais puristas e intolerantes, e a importância que a cultura nórdica desempenha na sua vida como pessoa e artista.

POR JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

PESADELOS DE SONHO

O título do disco significa "pesadelo" e foi inspirado por episódios nocturnos que viveste. Sem querer entrar num campo demasiado pessoal, o que achas que os motivou?
Isso é algo que eu própria não consegui descobrir, foi algo que não conseguia controlar ou evitar, e nem ter terapia impediu estes pesadelos. Julgo que foi uma combinação de muitas situações pessoais e familiares, mas também de tudo o que já passei com Myrkur, as reacções à minha música e a mim mesma. Foi uma mistura de muitas coisas.

À medida que o tempo passa, achas que essas reacções se tornaram menos invasivas ou violentas para ti?
Tento não pensar muito nisso, mas acho que o problema é que me afecta no meu subconsciente. Ainda assim, acho que tem vindo a acalmar, sem dúvida. Acho que as pessoas que tinham um problema comigo eventualmente acabaram por se cansar de serem obsessivas. Acho que o pior já passou.

Como foi o processo de composição e gravação do «Mareridt»?
Passei um ano a escrever os temas. Muitas vezes não compunha para o disco em consciência, acordava de um pesadelo e começava a escrever ideias ou símbolos que representavam o que me lembrava do sonho. Mais tarde tentava passar estes pensamentos para um instrumento e assim surgiram as canções. Escrevi muitas, muitas, muitas canções. Levei todas para o estúdio comigo e depois eu e o Randall [Dunn, produtor] escolhemos as melhores. Eu tinha uma ideia muito clara do que queria neste disco, mas foi bom ouvir uma segunda opinião.

Esses temas que excluíste vão ser aproveitados para lançamentos futuros?
Não. Alguns estão na edição especial, que tem um EP, mas os restantes duvido muito, acho que não. Quando tiro uma canção do meu sistema, não costumo olhar para trás.

Como comparas o «Mareridt» com o disco anterior? Quais são para ti as principais diferenças?
Acho mais fácil irmos pelo lado oposto, quais são as semelhanças? [risos] Não têm quase nada em comum e por isso diria que as diferenças são todas. Até o processo de composição foi totalmente diferente. No entanto, acho que estão no mesmo universo, a base é a folk nórdica.

O mesmo tipo de estética?
Sim, semelhante, mas desta feita mais negra e mais desagradável. É um disco que te desorienta, tem muito mais profundidade.

Muita da arte mais marcante e que realmente acrescenta algo de novo tende a ser divisiva, tu já mencionaste os acérrimos (para não usar outro termo) críticos que tens, mas ao mesmo tempo também existe muita gente encantada com o que fazes. Sentes algum tipo de pressão, por uns ou por outros?
[risos] Certamente não sinto pressão para escrever por aqueles que me odeiam. Aliás, diria que não senti pressão nenhuma. Claro que há coisas que temos de fazer enquanto artistas que têm um contrato com uma editora, mas como compositora e música apenas escrevo o que sinto e gosto, independentemente do resto. Não pensei no que ia escrever, limitei-me a fazê-lo. Acho que é o que a maior parte dos artistas fazem, a não ser que estejam de certa forma amarrados a algo. Eu não estou. A Relapse permite-me sentir este alívio de simplesmente poder ir para a floresta, acender uma fogueira e escrever. Não tenho de pensar em mais nada e é assim que funciona bem para mim. Não quero ter pressão de todo.

Tens uma tema como «Maneblot», um dos mais extremos que já escreveste, mas depois o disco tem muito menos black metal do que o teu longa-duração de estreia. O disco parece viver muito do contraste entre luz e escuridão, beleza e horror, violência e paz...
Sim, percebo o que dizes. Este disco fui eu a tentar reunir todas as minhas forças e o meu poder. Queria que fosse um pontapé nos dentes, algo pungente. Por isso várias canções são mais curtas. Se fizeres algum tipo de arte marcial ou desporto de combate, é como utilizar todo o fôlego para aumentar a intensidade do soco. Não é apenas socar em vão e esperar que algo aconteça. Foquei o meu murro e não há um único riff ou nota no disco que não tenha uma intenção clara e bem definida.

É um registo bem mais profundo e diverso. Escrever este álbum mudou-te como pessoa e artista?
[suspiro] Ajudou-me a exorcizar os demónios provocados pelos pesadelos, portanto diria que me mudou como pessoa, sim. Sinto-me muito melhor agora e tenho menos pesadelos. Estou apenas stressada com tudo o que diz respeito ao lançamento do álbum, coisas normais... Acabou por ser terapêutico, porque tirei estes sentimentos negativos do meu corpo e passei-os para um álbum e espero que para o público. Depois, é problema deles.

O tema «Crown» é incrível, e é talvez o primeiro contacto com uma faceta diferente do teu som, algo que se ouve mais à frente.
Queria lembrar-me de onde vem esse tema, mas a verdade é que não me lembro de escrever nenhuma das canções, porque a maior parte foram escritas meio a dormir. Acho que grande parte do álbum tem uma forte componente feminina e mística que se estende ao tempo, à religião e à natureza. Tem como base um pesadelo mas explora esse lado feminino, aquilo que sou. É muito difícil de explicar, mas acho que é daqueles temas que fala por si. É tão subtil e serena que se torna mais fácil criar uma ligação.

Tens a Chelsea Wolfe a cantar em dois temas e é inegável que, sobretudo com este teu disco, acabam por se aproximar em termos das ambiências. Ela tem vindo a ficar mais pesada e tu tens temas neste disco que vão mais ao encontro do que associamos à Chelsea Wolfe. Como a encaras?
Acho que somos muito diferentes e por isso é que para mim foi muito interessante poder trabalhar com ela. Temos uma ligação forte a um nível humano, mas ao nível musical acho que todas as pessoas com quem trabalhei, com passados totalmente distintos, têm qualquer coisa que as liga à minha música, caso contrário jamais quereria trabalhar com elas. Acho que eu e a Chelsea nos complementamos muito bem vocalmente e somos boas amigas.

A tua paixão pela cultura nórdica é evidente. Sentes que há um interesse grande das pessoas por esse lado mais ancestral da tua arte?
Acho que as pessoas respondem muito bem a essa influência, que no meu caso é enorme, porque tal como eu sentem que é uma forma de conseguir uma ligação às raízes num mundo cada vez mais caótico. Eu consigo sentir essa ligação cá dentro, no meu espírito, e quase consigo ouvir um eco do meu passado... Mesmo não sendo da Escandinávia, as pessoas parecem conseguir conectar-se com esta herança a um nível que nem elas mesmo conseguem explicar. Julgo que isso é incrível e acho que o mundo precisa disso. Vivemos numa era em que todas as pessoas insistem em repetir que somos todos o mesmo e que não há diferenças entre nós, mas claro que há e ainda bem que há. É uma mentira que se ouve muitas vezes, como se fosse sinónimo de tolerância, porém acho que é precisamente o oposto. Para aceitarmos e compreendermos os outros não temos de achar que são iguais a nós. Não têm de ser. Aceitar as diferenças e admirá-las é que faz de nós tolerantes. É compensador dares a conhecer e partilhares a tua cultura para teres mais facilidade em conhecer e gostar de outras distintas. Em relação aos meus temas mais folk recebo as mais incríveis reacções de todos os pontos do mundo, de culturas que eu pensaria que jamais iriam estabelecer uma ligação comigo. E estabelecem. E dizem-me coisas muito profundas que sentiram ao ouvir a minha música e isso, além de ser lindo de ouvir, dá-me alguma fé na humanidade.

No outro extremo do teu som, qual foi a tua primeira experiência com o black metal? Ainda te lembras?
Sim, perfeitamente. Foi Darkthrone, o «Transilvanian Hunger». Eu tinha muita curiosidade em mergulhar nesse mundo. Essa foi a primeira porta que se abriu para esse universo misterioso e místico. A minha primeira experiência não deve ter sido assim tão diferente como a das outras pessoas pela primeira vez que ouviram Mayhem ou coisa do género. Foi tipo "*What the fuck! O que é isto? De onde é que isto vem? Como é que isto aconteceu?*" Ouvir algo tão agressivo e ao mesmo tempo tão belo despertou em mim um fascínio imediato.

Mas esse lado misterioso e perigoso parece ter desaparecido...
Sim, mas acho que não faz mal. As pessoas ficaram zangadas com a chamada terceira vaga do black metal e com a cena mais *hipster* como lhe chamam. Mas acho que essa é a razão pela qual o género não morreu e continua forte com bandas novas e as mais antigas. A reinvenção é necessária até para dar mais brilho ao original. Não é suposto ninguém levar isso a mal, porque os inventores do estilo continuam a ser incríveis, os álbuns clássicos continuam aí para ser ouvidos e vão manter sempre uma magia intocável.

VENOM INC.

Vil Reencontro

Há cerca de dois anos, uma mera brincadeira de amigos colocou uma hipótese em cima da mesa de Tony Dolan, o músico e actor conhecido como Demolition Man. Porque não reunir a formação dos Venom que gravou «Prime Evil» e os dois álbuns que se seguiram? Afinal, mesmo que para sempre ofuscados pelo brilho dos clássicos «Welcome To Hell» e «Black Metal», «Temples Of Ice» ou «The Waste Lands» mantiveram o trio vivo durante a febre grunge a que, nos anos 90, só os mais resilientes escaparam. Ao lado do guitarrista Jeff "Mantas" Dunn e do baterista Tony "Abaddon" Bray, a dupla que criou o projecto nos idos de 1979, a ideia, por remota que fosse, fez todo o sentido e nasceram ali os VENOM INC.. Depois de uma sequência de concertos arrebatadores, no momento em que estão prestes a lançar «Avé», as peças parecem estar todas no sítio para que esta incarnação de uma das bandas mais influentes no universo da música extrema deixe a sua marca no panteão do som de peso. Um simpático e falador Dolan ajudou-nos a perceber o que fez com que estes músicos tivessem decidido voltar aos palcos e ao estúdio, duas décadas de afastamento depois.

POR JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

A final, como se deu, efectivamente, esta reunião?
É engraçado, porque tudo o que fizemos até este ponto não foi planeado. Tanto eu como o Jeff estávamos muito satisfeitos com os M-pire Of Evil e, a dada altura, só mesmo pela piada, até porque era só eu e um grupo de músicos alemães com quem toco de vez em quando, fiz um concerto com Atomkraft em Newcastle e tocámos o «Future Warriors» na íntegra. Geralmente isso não é algo que me interesse muito fazer, mas como nunca o tinha feito, decidi aceitar o convite e diverti-me muito. Naquela altura, o Jeff ainda não se tinha mudado para Portugal e, como é um irmão, começou a aparecer nos ensaios. Certo dia, disse-me que adorava a «Pour The Metal In», por isso convidei-o a tocá-la connosco. Na semana a seguir a esse festival já estava a receber mensagens do Oliver, que organiza o Keep It True!, na Alemanha, a dizer que tinha adorado o concerto e a perguntar se, caso contratasse os M-pire Of Evil, conseguíamos ter o Abaddon em palco para tocar uns temas dos Venom.

Uma matemática com uma certa lógica, diga-se.
[risos] Sim, mas eu expliquei-lhe logo que os Venom sempre foram como um desastre de viação... Mesmo desde o início! As pessoas pensam que as coisas correram mal ali a dada altura, mas não... Foi assim desde sempre e, para mim, essa é a magia dos Venom; em termos musicais e da própria banda. Enfim, disse-lhe que seria difícil que acontecesse, mas insistiu tanto que acabei por ceder e comprometi-me a, pelo menos, falar com eles. Liguei ao Jeff, mencionei a ideia e disse-me logo que não o queria fazer. Depois liguei ao Tony... E ele disse logo que sim, que estava interessado. [risos] Claro, tive de voltar a ligar ao Jeff. Expliquei-lhe que seria uma ocasião única, que não tínhamos de ser uma banda, nem fazer mais nada, mas que podia ser divertido. Era só viajar até à Alemanha, fazer a nossa cena e, depois, o Abaddon subia ao palco e tocávamos cinco ou seis canções.

Ele, já se está a ver, acedeu às tuas preces.
Sim! Falou com o Tony, escolheram os temas que íamos tocar e, mesmo sem fazermos um único ensaio, demos o concerto no Keep It True! – entretanto já se tinham passado vinte anos desde a última vez que tocámos juntos, mas foi como se tivesse sido ontem. Desde o momento em que subimos ao palco até descermos, estivemos sempre os três em sintonia e foi aquele momento que mudou tudo. E, claro, nessa noite, depois de termos tocado, não parei de receber mensagens a felicitar-nos por estarmos de novo juntos e a requisitar-nos para tocarmos um pouco por todo o lado. Ficou tudo louco, literalmente. Na manhã seguinte, falei com eles ao pequeno-almoço... Tinha de dizer qualquer coisa às pessoas e queria saber qual era a opinião deles em relação ao que se estava a passar. Como banda, nessa altura, não existíamos, percebemos logo isso... Mas ninguém, além de nós, o sabia, por isso achámos que valia a pena avançar. No início, pensámos que iam ser cinco ou seis concertos e olha, aqui estamos quase três anos depois.

Nesse primeiro concerto, tocaram apenas temas que gravaste com a banda?
Não, a ideia desde o início sempre foi tocar todas as canções que o público quer ouvir... E isso inclui o primeiro *single*, inclui a «Black Metal» e todos esses hinos. Eu soube, desde logo, que o alinhamento tinha de percorrer todo o catálogo dos Venom e isso inclui, claro, o «Prime Evil», mas também uma série de outras coisas. O objectivo era celebrar aquilo que considero ser um belíssimo legado musical, que transcende os indivíduos e que é só mesmo para os verdadeiros fãs. Foi isso que lhes disse, que se conseguíssemos estar em palco a fazer passar a mensagem que isto é real, que está a acontecer, não podíamos desperdiçar esta oportunidade. Se conseguirmos fazer com que uma parte do público se sinta como da primeira vez que ouviu os Venom, já nos damos por satisfeitos.

Durante todo o tempo que passou desde 1992, quando abandonaste o grupo, alguma vez imaginaste que fazer algo deste género seria uma hipótese?
Não, nem por sombras. Já me tentei suicidar duas ou três vezes e, quando percebi que a vida não me quer mesmo largar, passei a ser um tipo que vive para cada novo dia. Aceito todos os desafios que me põem e, depois, logo vejo se sou bem sucedido ou não. Quando abandonei os Venom, segui com a minha vida em frente, fiz uma série de coisas diferentes e ter uma banda ou tocar ao vivo deixou de ser prioritário, por isso... Fui colaborando de vez em quando com o Mantas em alguns projectos e tudo isso, mas não posso dizer que tenha sequer considerado esta hipótese. Uma coisa é certa, quando esta oportunidade surgiu, agarrei-a com toda a força. Até porque a amizade entre nós sempre esteve lá, nós nunca nos chateámos quando nos separámos; pura e simplesmente, achámos que aquele ciclo tinha chegado ao fim natural. Voltarmos a tocar juntos tinha tudo para correr bem.

Como te sentiste naquele primeiro concerto que fizeram juntos de novo?
Fantástico! E, desde aí, tem sido um prazer enorme. Temos uma ligação muito forte entre nós e a combinação dos três funciona bem, muito à semelhança do que acontece também com o Cronos, o Mantas e o Abaddon. São químicas diferentes, claro, já para não dizer que a minha voz é muito diferente, mas funcionam as duas bem. Verdade seja dita, é muito raro ter três pessoas que funcionem tão bem numa banda e, no caso dos Venom, isso aconteceu duas vezes. São sarilhos a dobrar! [risos] Não, a sério... eu, pessoalmente, acho óptimo que os fãs tenham esta oportunidade de ver os Venom do Cronos e a nossa versão. São duas abordagens diferente, é certo, mas não há nada melhor do que ter os Venom a dobrar. Eu só quero que toda a gente veja toda a gente, que ouçam as canções que querem ouvir, porque o legado desta banda merece ser celebrado.

Não se limitaram a isso, no entanto – e aqui está o primeiro disco de originais dos Venom Inc., intitulado «Avé».
Podíamos, efectivamente, passar o resto da vida a tocar o legado ao vivo, isso é verdade. Um exemplo disso é o facto de, a cada vez que alteramos a *setlist*, virem perguntar-nos porque não tocamos o tema X, Y ou Z. Acho que podíamos passar quatro dias inteiros a tocar sem interrupções e, mesmo assim, alguém ia queixar-se! [risos] Enfim, este álbum também não foi nada planeado, mas às tantas percebemos que os fãs não se cansavam de perguntar se íamos gravar música nova e pensámos que, tendo em conta a química que existe entre nós, se calhar não era uma ideia assim tão descabida tentar registar este momento. O nosso *manager* já andava há uns meses a pedir-nos para ouvir maquetas, numa altura em que ainda nem sequer estávamos a equacionar seriamente a hipótese de fazer um álbum. [risos] No entanto, o Jeff é um tipo bastante prolífico e nunca consegue estar parado, por isso acabámos por gravar alguns temas, conseguimos o contrato com a Nuclear Blast e aqui está o «Avé».

Alguns fãs ficaram em choque quando ouviram a «Dein Fleisch», mas o álbum apresenta um bom equilíbrio entre o espírito antigo e uma veia mais moderna.
Basicamente, não temos nada a provar a ninguém, por isso limitámo-nos a ser honestos e a fazer o que queríamos. Caramba, o Mantas é o Mantas. Pode estar mais velho, ter outras influências e tudo o mais, mas continua a ser o mesmo e tudo aquilo que fizer vai soar, inevitavelmente, a Venom. Escolhemos a «Dein Fleisch» para *single*, mesmo sabendo que não era representativa do resto do disco, essencialmente para fazer uma experiência social... Seria demasiado fácil escolhermos uma canção como a «Ave Satanas», a «Black 'n' Roll» ou a «Metal We Bleed», que são mais *in your face*, para apresentar o álbum, por isso queríamos ver como as pessoas iam reagir a um tema mais estranho. Como previa, começaram logo a acusar-nos de termos traído o *old school*. [risos] Minha gente, está na hora de acordarem – já não estamos em 1981! Gostamos todos muito do som antigo, mas entretanto crescemos e temos de manter as coisas entusiasmantes. Eu acho que, mesmo quando falam do «Prime Evil», que é um álbum diferente do que a banda tinha feito até ali, as pessoas tendem a esquecer-se que os Venom, como banda e em termos sonoros, estiveram sempre em mutação. Caramba, basta ouvir os *singles*... Da «Blood Lust» à «Manitou» vai uma diferença considerável. Do «Welcome To Hell» passam para o «Black Metal» e, depois, para o «At War With Satan»?! Os Venom nunca fizeram a mesma coisa e nós quisemos manter essa tradição.

UFOMAMMUT

TEVE O TEMPO UM COMEÇO?

Há grupos e discos que fazem mais sentido que outros… grupos e discos. Quando falamos do mesmo colectivo de pessoas, a criar música com personalidade há quase duas décadas, atingindo um patamar de unicidade sem fim à vista, falamos de algo, pelo menos, altamente fiável para quem os segue. Os italianos UFOMAMMUT chegam, este mês, ao oitavo álbum, e porque tudo – o óbvio e o subliminar – tem a ver com esse numeral cardinal, chamam-lhe, simplesmente, «8». E explica-nos porquê, o trio formado por Urlo (baixo, teclas e voz), Poia (guitarra e teclas) e Vita (bateria). A música? É o alienígena mamute de som que se adivinha.

POR NELSON SANTOS

Oitavo álbum, oito temas, *oito* como o símbolo do infinito, tal qual a vossa música e *line-up* imutáveis sugerem. Se há um conceito para o novo disco, ele é, sem sombra de dúvidas, o número oito.

Urlo: Já disseste tudo. [risos] Os oito temas fluem entre si sem interrupções e essa corrente é a representação sónica do símbolo do infinito, o algébrico que obténs ao rodar o 8, horizontalmente – ∞. São linhas contínuas que se encontram no centro do seu movimento e lemos isso como a contínua junção dos elementos essenciais – nós os três – desde o início da história da banda.

Acreditam na infinitude e na eternidade? Ou, pelo contrário, tudo tem um fim, incluindo o próprio cosmos? (considerando que, caso o tempo tenha um ponto de partida, também deverá ter um ponto de chegada…)

Poia: É a grande questão. Como explica a ciência, o nosso universo, com as suas leis, incluindo o fluxo do tempo existe desde o *Big Bang*, há 13,7 milhões de anos. Não é claro se vai acabar num *Big Crunch* gravitacional ou se se vai expandir para sempre. Há muitas teorias. Para mim, a mais fascinante é a do multiverso, na qual o nosso universo é apenas uma parte de uma sucessão infinita de diferentes dimensões paralelas.

Vita: Se acreditas no que a ciência diz, como eu acredito, concluis que o cosmos é infinito. Para já, é o que sabemos. A minha ideia sobre o tempo é que, provavelmente está ligado à infinidade, sem princípio ou fim. Penso que, para o planeta Terra e os seus seres vivos, a eternidade não existe porque, mais cedo ou mais tarde, vai haver um fim. Isso não implica, necessariamente, que vai acontecer o mesmo ao universo.

Urlo: Eu gosto de pensar que tudo existe em mundos diferentes, como se fossem níveis paralelos de existência. Nunca morremos porque nunca chegamos a ser. É uma espécie de eternidade em direcção ao infinito. O tempo é um truque…

Claro que alguns temas de «8» têm aquele "*feeling* de infinito" guiando-nos por imaginárias paisagens mentais sem fim... É também esse o vosso objectivo – tocar o ouvinte com a sensação de perder o pé à realidade e, apenas, deixar-se ir?
Urlo: Bom, gosto dessa ideia do *feeling* de infinito! Mas, sinceramente, não sei. Apenas tocamos o que sentimos, sem um propósito real. Criamos música porque nos liberta; como uma urgência para chegarmos a outras partes de nós mesmos.
Poia: Essa sempre foi uma importante parte da nossa ideia de música. Uma viagem através de paisagens por explorar, uma escapatória do mundo em que vivemos, em busca da nossa verdadeira identidade como seres humanos.
Vita: É exactamente o que a música psicadélica me faz sentir quando a ouço. Psicadelismo não é só atmosferas adocicadas ou dinâmicas graves e lentas. É também um riff repetido, uma batida, um som ou tão somente uma atitude que te leva para uma dimensão diferente, mesmo que a música seja bem pesada e poderosa. Os Ufomammut tocam música heavy psych e pronto.

Mais uma vez, cada tema vosso (d)escreve-se com apenas uma palavra. Essa é uma marca de Ufommamut que continua a fazer aqui todo o sentido?
Urlo: Exactamente. Basta uma palavra. Todas as coisas têm um nome próprio para serem descritas, tal como as nossas músicas.
Poia: Muitas vezes, temos duas palavras fundidas em neologismos com dois significados opostos... como o nosso próprio nome de banda. Talvez um dia quebremos esta regra. Quanto ao título do novo álbum, escolhemo-lo por não ter uma pronunciação definida. É um número. É para se dizer oito em qualquer língua, consoante a tua origem.

Os Ufommamut só fazem sentido com a irmandade, a coesão e a unidade de vocês os três? Se aparecesse alguém a substituir alguém... já não seria Ufommamut?
Urlo: Nós somos os mesmos três desde o início. Nunca compreendi as bandas que mudam a formação e mantêm o nome. Somos Ufommamut porque somos nós; caso contrário, seríamos outra banda qualquer.
Vita: É uma grande coesão e irmandade porque tocamos como trio desde o início de 2005. Antes disso, tivemos quatro teclistas ao longo de seis anos, membros que, provavelmente, não sentiram a mesma ligação que nós três já temos desde que começámos, em 1999. Talvez essa nossa química não os tenha ajudado a sentirem-se da mesma forma, mas acredita que nunca fizemos nada para os excluir ou aos teclados. Tudo é igualitário na música de Ufomammut.
Poia: De facto, dezoito anos com as mesmas pessoas envolvidas numa banda é algo raro. Nesta altura, tal como disseste, é realmente difícil imaginar os Ufomammut sem um de nós.

E a verdade é que se mantêm aquelas vossas passagens sintetizadas que soam sinistras, quase como uma psicadelia sinfónica. Foi uma abordagem consciente para os temas de «8» ou apenas calhou sair assim?
Poia: Bom, os riffs podem soar mais *evil* quando submergidos em camadas de diferentes sons, ruídos e voz. Os Beatles e os Pink Floyd sabiam-no desde cedo. Mas lá está, isso tem sido sempre uma parte importante e natural nesta banda. É a verdadeira luta do UFO com o Mamute!
Urlo: Desta vez trabalhámos com os sintetizadores de uma forma diferente. Tentámos dar mais alma às músicas para construirmos um *background* que não esteve tão presente nos outros discos. Tem sido uma experimentação e estou contente com o resultado.

Onde pensam encaixar melhor, em termos de estilos? Tanto os podemos encontrar num cartaz de doom, como de stoner rock, psicadélico, hard rock, heavy metal... Têm a noção de que têm ouvintes de muitas e diferentes franjas do som pesado?
Poia: É verdade o que dizes... reparamos que encaixamos bem em qualquer lado. Como um par de *jeans*. [risos] Mas o que acho mesmo é que somos mais Ufommamut que doom, psych, heavy, sludge ou o que quer que seja.
Vita: Os rótulos são restritivos para a maioria das bandas e nós precisamos de mais flexibilidade. É por isso que poderemos ser considerados relevantes em todos esses géneros, não fazendo parte, ao mesmo tempo, de nenhum deles. Até podíamos dizer que os Ufomammut são uma banda doom, mas não, apesar de termos riffs poderosos e lentos. Podia ser heavy metal, mas não é, ainda que tenhamos muitas mudanças de tempo e acelarações. Acho que é por isso que temos diferentes géneros de fãs. A dado concerto, podes ver *doomsters* a curtir ao lado de metaleiros, punks ou pessoas que nunca pensaste poderem ser apreciadores de Ufomammut.
Urlo: Eu não gosto de géneros musicais, são limites. Há pessoas brancas, pretas, amarelas, vermelhas... mas somos todos o mesmo: humanos. O mesmo para a música; tudo é música, apenas música. Somos apenas os Ufomammut e apenas fazemos música.

O peso tem limites?
Urlo: Não. Porque é como o ar – precisas dele para viver.
Vita: Talvez sim, talvez não. Veremos o que o futuro nos reserva.

Os riffs podem soar mais *evil* quando submergidos em camadas de diferentes sons, ruídos e voz. Os Beatles e os Pink Floyd sabiam-no desde cedo.

WOLVES IN THE THRONE ROOM

Depois de quase acabarem com o «Celestial Lineage» e de um disco ambiental pelo meio, os WOLVES IN THE THRONE ROOM regressam ao black metal atmosférico com «Thrice Woven». O novo trabalho serviu de desculpa para telefonarmos a Aaron Weaver, num "*belo dia de verão, com uma névoa forte devido a incêndios florestais a norte, no Canadá,*" conforme o próprio nos descreveu, e termos uma sossegada conversa com aquele que é um dos irmãos fundadores da banda.

POR LUÍS PIRES

ENTRELAÇADOS ENTRE DOIS MUNDOS

Depois do «Celestite» ser lançado, não era certo, para o público pelo menos, que os Wolves In The Throne Room voltassem aos discos de black metal. Que aconteceu entretanto?
Quando terminámos o «Celestite», parámos para pensar no próximo passo e decidimos que seria a construção de um estúdio. Dessa forma, teríamos o lugar perfeito para trabalhar no próximo álbum, que se tornou no «Thrice Woven». Tirámos algum tempo livre para fazer coisas pessoais e pouco tempo depois iniciámos a construção do estúdio, que é na casa do meu irmão [Nathan Weaver, guitarrista e vocalista]. Ele vive na borda de uma floresta, muito perto de onde eu vivo. Esvaziámos o edifício onde costumávamos guardar o *merch* e ele ficou aberto a tornar-se o nosso estúdio, o lugar onde podíamos simplesmente escrever e tocar música sempre que quiséssemos. Isto demorou um bocado porque fizemos tudo nós próprios, da construção, à instalação eléctrica e canalização. Depois disso tirei um ano para mim, para acender velas, usar o fogão de lenha e trabalhar em música lá, quase diariamente. Nada de especial, tocar um bocado de guitarra e brincar com sintetizadores, mas sem um objectivo em mente que não fosse sintonizar-me com o espaço.

A construção do estúdio é um passo que parece enquadrar-se com a fundação da vossa própria editora, a Artemisia.
É fantástico poder trabalhar ao nosso ritmo e os Wolves In The Throne Room sempre foram uma banda DIY. Sempre quisemos fazer as coisas nós próprios tanto quanto possível; porque gostamos de fazer as coisas de uma certa maneira e temos a capacidade de o fazer.

Este também foi o primeiro álbum com o Kody Keyworth como parte da formação. Como olhas para essa novidade?
Ele só se juntou a nós a meio do processo. O álbum demorou um ano a ser escrito e gravado, e ao fim de seis meses chegámos à conclusão de que o Kody devia fazer parte da banda a tempo inteiro. Ele ainda contribuiu alguns riffs e sobretudo gravou muitas das vozes ásperas do disco e esteve presente durante a mistura. O disco tem o cunho dele, graças à voz e à energia que trouxe.

Ele não é de todo o primeiro "terceiro membro" que vocês têm, como comparam as várias experiências que tiveram ao longo dos anos?
Tem sempre havido um terceiro, não tem? Quando o Rick Dawn estava na banda no «Diadem Of 12 Stars» e no «Two Hunters», escreveu um terço da música. Era uma pessoa bastante sombria na altura e muito do espírito lúgubre desses álbuns veio dele. No «Black Cascade» o Will Lindsay tocou guitarra mas não contribuiu muito para a escrita, eu e o Nathan escrevemos a maioria. O Will era um tipo que adorava digressões e estar na estrada, foi aí que realmente contribuiu para os Wolves In The Throne Room. Sobre o Kody, o que dizer? Ele é um de nós, está absolutamente entranhado no tecido da banda, na nossa espiritualidade, visão, e estética. É quase como ter um terceiro irmão na banda.

Em que aspecto é que dirias que o «Thrice Woven» mais se distingue do resto que fizeram até hoje?
A ter de apontar algo, seria a velocidade. Em simples termos de BPMs, é mais rápido e agressivo do que muito do nosso material anterior. Não tenho bem a certeza do porquê, talvez… [suspiro] não quero entrar em política e no universo fora da banda, mas o mundo tem estado a arder nos últimos dois anos e claro que isso afecta a nossa música.

Em tempos conturbados como estes, torna-se ainda mais importante para ti tentar atingir algo para além do mundo físico através da arte?
Sim, sem dúvida. É daí que vem a minha força, a minha força para continuar e viver uma vida bonita e cheia de compaixão. Vem tudo do mundo espiritual, da música e da arte.

Têm uma série de convidados neste trabalho, como o Steve Von Till e a Anna Von Hausswolff. Como é que essas colaborações aconteceram?
Na verdade, isso aconteceu através do nosso productor e bom amigo Randall Dunn. Parte da magia dele como productor é esta capacidade de estabelecer ligações entre artistas. Estou-lhe sinceramente grato pelo que já fez

connosco; no passado, foi ele que trouxe, por exemplo, a Jessica Kinney a bordo. Nós também temos uma ligação pessoal com o Steve. Como muitas pessoas sabem, os Neurosis são uma inspiração real para os Wolves In The Throne Room e nós vemos o Steve Von Till como um mentor, como uma espécie de ancião. Ele tem tanta sabedoria e criou, com os Neurosis, este caminho que nós podemos seguir. Eles trouxeram uma espiritualidade, nobreza e honra para a música, para o rock'n'roll, de uma maneira que tem sido profundamente inspiradora para nós.

Também é uma banda com a atitude marcadamente DIY a que aludiste antes.
Mesmo em termos da forma como gerimos a banda, os Neurosis têm sido uma inspiração. Quando não temos a certeza do que fazer numa dada circunstância, simplesmente copiamos o que os Neurosis fizeram, esse é um bocado o nosso segredo.

[risos] Não és a primeira banda ligada ao black metal que ouço dizer isso.
É bom ouvir isso. Uma das coisas boas em trabalhar com o Steve foi poder dizer-lhe pessoalmente o quanto os Neurosis mudaram a minha vida e o quanto significam para mim. Eu vi-os pela primeira vez com cerca de dezassete anos, na *tour* do «Through Silver In Blood», em Olympia, onde cresci, num espaço punk onde costumava ser voluntário no secundário. Essa foi uma experiência que me abriu os olhos de forma profunda e que mudou a minha vida permanentemente.

Têm tocado recentemente com três guitarras ao vivo. Que tal tem corrido?
Tem sido fantástico porque a maioria do nosso material é baseado em três guitarras. Desta forma somos capazes de concretizar a nossa visão da música de forma completa ao vivo. Mais importante ainda é que o terceiro guitarrista é um dos nossos melhores amigos, o Peregrine Sommerville, que tem os Sadhaka, um projecto muito interessante e pessoal de black metal. Em palco, ele também está a cargo de "limpar" o espaço. É ele que queima a salva e o incenso de cedro antes de tocarmos, é ele que cria um espaço para a magia poder acontecer.

Alguma razão particular então para só agora tentarem as três guitarras?
Simplesmente não era a altura certa. Agora a banda está a crescer e sentimos que era a altura de o fazer, sinto que estamos mais fortes nesta era do «Thrice Woven» e faz sentido trazer outras pessoas para o palco.

Também têm tido a Brittany McConnell dos Wolvserpent convosco, é algo para continuar?
Sim, ela canta e toca percussão, portanto temos dois bateristas em palco, o que é óptimo. Sinceramente espero que sim, a escolha é dela e vamos ter de a cortejar para que fique na estrada connosco. É uma boa amiga e uma pessoa muito boa para partilhar a estrada; ela ensina ioga e medita todos os dias, é uma presença maravilhosa e pacífica.

Parece ser uma postura que vai de encontro à espiritualidade a que, de certa forma, se associa à vossa música.
Sim, penso que sim. Para mim não há diferença, sabes? Música, espiritualidade, são apenas palavras. Isto é o que fazemos, é como vivemos a nossa vida.

Falaste em crescimento da banda. Não é algo peculiar que sintas isso depois de um período algo inactivo?
Para ser honesto, uma das fontes de energia foi essa pausa. Para mim, tirar um ano para estar na floresta todos os dias, nadar em água salgada tanto quanto possível, prestar atenção às plantas, aos animais e ouvir o vento… simplesmente estar sozinho foi uma grande inspiração. A entrada do Kody, com toda a vitalidade e força que trouxe para a banda também nos tem impulsionado.

Quando terminarem o ciclo do «Thrice Woven» achas que vão abrandar de novo?
Sinceramente, não. Escrevemos tanto material para o «Thrice Woven» que só metade é que aparece no disco. Atingimos esta fonte de criatividade e, honestamente, estamos ansiosos por escrever o próximo álbum.

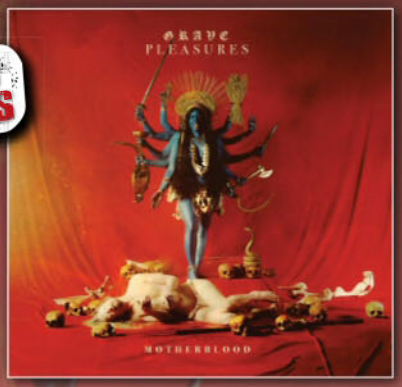
Basicamente, enquanto sentirem esta chama vão continuar o mais activos possível, é isso?
Claro. Fazer música, gravar um álbum, não é bem uma escolha. Se o espírito está lá, se a energia está lá, tens de o fazer. Nunca o faríamos se não fosse assim, porque não seria honroso lançar um disco só porque é suposto fazê-lo ou porque faríamos dinheiro dele. Não é assim que fazemos as coisas.

O material adicional que não aparece no «Thrice Woven» continua no registo black metal?
Dará origem a um disco diferente porque todos são diferentes, mas é black metal. Não voltaremos a fazer um disco de sintetizadores como Wolves In The Throne Room. Criámos um projecto paralelo chamado Drow Elixir, que estreámos no Roadburn este ano, e vai ser essa entidade que faz as coisas mais experimentais e bizarras que gostamos de fazer de vez em quando.

As letras do novo álbum lidam pela primeira vez com elementos mitológicos de forma concreta, com referências ao panteão nórdico e ao celta. Como é que aconteceu e porquê agora?
A forma como eu escrevo letras consiste em sentar-me a ouvir as canções completas e escrever as imagens que aparecem na minha mente. De facto, nunca tínhamos feito menções específicas a figuras mitológicas no passado. Foi algo que me ocorreu de forma espontânea, por alguma razão essas velhas histórias atingiram-me com força e tornaram-se muito importantes para mim nos últimos cinco anos. Acho que parte disso vem de ter sido pai e contar essas velhas histórias ao meu filho, vem do desejo de o educar como uma criança pagã e não lhe largar o peso venenoso do cristianismo com que cresci em cima. Quero que ele conheça histórias antigas de todos os cantos do mundo e que perceba que elas existem nele, que estão nos sonhos dele e que são histórias que todos podemos partilhar.

Se essa rejeição do cristianismo é mais do que normal no black metal, a alternativa que propões já não é assim tão tradicional.
Tantas bandas de black metal estão presas nesta guerra eterna contra um deus que não existe, traumatizadas por histórias que não fazem sentido. Acho que mais vale deixar isso para trás e viver a minha vida.

DISCO DO MÊS



GRAVE PLEASURES

«MOTHERBLOOD»

[CENTURY MEDIA]

Foi uma ascensão meteórica, a dos Beastmilk, e perfeitamente justificada artisticamente, por uma vez na vida. Até por isso foi bom testemunhar esse período inicial da banda (maioritariamente) finlandesa, assente no inesquecível «Climax» de estreia. Aqui estava uma proposta a caminho de ser aceite pelas massas mas que justificava essas multidões adoradoras com grandes malhões e com uma atitude excelente, uma banda cada vez mais popular que dava gozo que assim fosse, um bocado como os Ghost, até certo ponto – com quem até partilham, sem serem especialmente parecidos *per se*, alguns paralelismos "espirituais". Mas respeitando a regra tristemente comum que dita que *we can't have nice things*, a queda foi tão meteórica como a ascensão tinha sido. Pouco tempo depois da recepção efusiva ao «Climax», deu-se a saída do guitarrista e, mais preocupantemente, compositor principal Johan "Goatspeed" Snell e os Beastmilk, efectivamente, morreram aí. Nasceram os Grave Pleasures, com formação renovada. O nome não rolava tão bem na lingua, perdia-se aquela imagem marada do leite, e a coisa não aguentou. Linnea Olsson rapidamente se mostrou um erro de *casting* tremendo (especialmente ao vivo), e o primeiro álbum do novo conjunto, «Dreamcrasher», foi uma desilusão. Os primeiros tempos dos Grave Pleasures ao vivo foram igualmente deprimentes: chegámos a ouvir um triste McNerney, totalmente desprovido do *mojo* de outrora, a murmurar que "não vale a pena chorar pelo leite derramado" depois de anunciar o nome novo da banda num concerto. Pois bem, (re)animem-se as hostes. Às vezes, *we CAN have nice things*. Não vamos entrar em previsões de futuro para não dar azar, mas a verdade é que «Motherblood» é, para já, o regresso em grande dos Beastmilk. É mesmo assim, não nos enganámos. A coisa diz lá Grave Pleasures, mas o que se ouve são os Beastmilk do «Climax». Podemos à vontade fazer de conta que o «Dreamcrasher» não existiu, nem custará muito – desde o primeiro tema, que foi também o primeiro de avanço, «Infatuation Overkill», que é óbvio que estão completamente de volta. Se ainda vão a tempo de recuperar o lugar grande que parecia estar à espera deles, logo se vê, mas nem é isso que interessa agora. O que interessa é que desde a primeira audição do disco vão todos ficar a cantarolar durante meses coisas como "*be my Hiroshima / be my great destroyer*" ou "*atomic christ will come / atomic christ will save us all*", por exemplo, refrães de dois dos mais infecciosos temas do disco, «Be My Hiroshima» e «Atomic Christ». No caso da segunda, até injectam uma toada sinistra e mais lenta ao *bounce* pós-apocalíptico geral, típico do som da banda. Falámos desses por opinião meramente pessoal, porque todos os temas têm potencial para ser destacados – liderados por uma *performance* magnífica, mais uma, do seu vocalista, e com um Juho Vanhanen muito mais integrado no espírito da banda, os Grave Pleasures entregam-nos dez canções pouco menos que perfeitas. Não é em todos os discos que ao nono tema (de dez) estamos ainda a dançar que nem doidos, como fazemos em «Deadenders» ("*dance with the dead / dance with the skeleton / nothing left*"). Provaram que há vida para além do Goatspeed, recuperaram a sua personalidade, e são bem capazes de ter salvo a sua carreira com este disco brilhante. Última nota de curiosidade, para verem como a vida dá voltas: o Goatspeed já lançou dois discos este ano. Duas coisas chamadas Hello Black Hole e Rainbowlicker. E se não deram por eles, se calhar até foi melhor assim. (9) **J.C.S.**

ILUSTRAÇÃO POR PEDRO SILVA

ALICE COOPER

«Paranormal»

[earMUSIC]

Após seis anos de silêncio discográfico, o *shock rocker* por excelência está de volta com um disco que, em certa medida, contempla mais o seu lado primário. Sendo «Paranormal», nunca fiando, porque este é também um álbum que põe a nu as diferentes personalidades de Alice Cooper e são muitas, ao longo de uma carreira iniciada ainda na primeira metade dos anos 60. Falamos de composições cruas, sem grandes artefactos pomposos, ainda que a produção esteja, mais uma vez, a cargo do cotado Bob Ezrin. Uma dúzia de canções orgânicas, com vários amigos a divertirem-se ao lado do "bom" velho Vincent Furnier e a curiosidade de termos uma mini-reunião da formação original em dois temas. Michael Bruce, Dennis Dunaway e Neal Smith juntaram-se a Cooper para um par de músicas, sublinhando o carácter nostálgico e de raízes que este 27º trabalho de estúdio sugere. Há outros convidados de respeito, como seja Roger Glover dos Deep Purple, logo a abrir o disco com o vibrante tema-título, Billy Gibbons dos ZZ Top em «Fallen In Love» e Larry Mullen dos U2 a tocar bateria em grande parte do álbum. Em termos gerais, «Paranormal» é mais um daqueles ítems da vasta discografia de Alice Cooper para orgulhar o próprio e satisfazer fãs, mas não se espere aqui material comercial. Para os que estão agarrados ao passado do norte-americano, mas gostam mesmo é das canções mais conhecidas, há um CD bónus com seis faixas referenciais – de «Billion Dollar Babies» a «Feed My Frankenstein» – registado no ano passado no Ohio, com a actual formação que acompanha o vocalista. [8] **N.S.**

AMPLIFIER

«Trippin' With Dr. Faust»

[Rockosmos]

Não sabemos ao certo se a fábula em que Fausto pactua com o diabo é uma analogia à actual situação política do mundo, mas liricamente «Trippin' With Dr. Faust» aborda de forma crítica a ânsia de poder, a fama e o sucesso num conjunto de dez composições conceptuais. Já no sétimo disco, a evolução sonora dos britânicos é evidente, embora esbarre em *clichés* sonoros que, impedindo o aborrecimento, nos deixam com pobres momentos criativos. Mistura o rock progressivo e psicadélico inerentes aos Amplifier de forma agradável em alguns temas – «Rainbow Machine» e «Kosmos, The Commodation» são toadas de riffs *bluesy*, verdadeiras máquinas de peso – mas o resto das composições parecem presunçosas, em que apesar de todo o aparato instrumental, o resultado final deixa claramente a desejar. A magnitude perde-se numa grande quantidade de texturas variadas, sem laivos de criatividade ou emoção, soando maçadoras. O prodígio técnico está lá, as influências vincadamente à Pink Floyd e a Porcupine Tree também, mas o trilho sonoro traçado pelos Amplifier neste momento, é interessante somente para os fãs de longa data. [6.5] **A.F.C.**

ARCH ENEMY

«Will To Power»

[Century Media]

«Will To Power», o décimo longa-duração dos Arch Enemy (se excluirmos o «The Root Of All Evil»), é exactamente o que podemos esperar de uma das mais fiáveis e bem oleadas bandas de death metal melódico, embora com novidades que o distinguem dos registos anteriores. As melodias de Michael Amott são inconfundíveis, as harmonias mantêm influências neoclássicas, a produção é tão cristalina como tem sido de há uma década a esta parte e a execução é, como sempre, brilhante. Os Arch Enemy são uma banda tão polida e perfeita que chega a ser irritante, mas a verdade é que têm tendido a escrever discos obedecendo a uma fórmula com tanto de vencedora como de previsível. É portanto de louvar que neste novo disco haja mudanças assinaláveis. Em termos gerais, reforçam as doses de peso, com mais salpicos de thrash e passagens extremas. Por outro lado, apostam em maiores contrastes, porque também assinam alguns dos momentos mais acessíveis que alguma vez tiveram. Pela primeira vez no contexto Arch Enemy, Alissa White-Gluz usa voz limpa na "balada" azeiteira que é «Reason To Believe». A prestação da vocalista, menos mecânica e unidimensional do que no disco anterior, é destaque pela positiva e contribui para dar mais dinâmica a um disco que, dentro da já referida fórmula, abre espaço à experimentação. Desde a estrutura menos convencional de alguns temas, que chegam a lembrar o que fizeram, por exemplo, no «I Am Legend/Out For Blood», do «The Doomsday Machine», até ao uso declarado de teclados (*à la* Children Of Bodom), num tema como «Dreams Of Retribution», muito marcado por melodias tipicamente Arch Enemy. Depois há aqueles clássicos instantâneos com entrada directa para os alinhamentos ao vivo, casos da poderosa «Blood On The Water», do *single* «The World Is Yours» ou da muito heavy metal «The Eagle Flies Alone». Jeff Loomis não escreveu nada que esteja no disco – um crime lesa-música, que segundo Amott se explica por o estilo de composição do ex-guitarrista dos Nevermore não se enquadrar aos Arch Enemy – mas assina solos absolutamente fabulosos, bem distintos dos de Amott, o que acaba por contribuir para a expansão, ainda que pontual, da sonoridade da banda. Pesando os prós e os contras, «Will To Power» é mais um bom disco dos Arch Enemy, embora com um primeiro terço – até à xaropada que é «Reason To Believe» – francamente superior ao resto. [7.5] **J.A.R.**

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
SATYRICON - DEEP CALLETH UPON DEEP (ED. DELUXE)
PARADISE LOST - MEDUSA (ED. LDA DELUXE CD/VINIL)
SEPTIC FLESH - CODEX OMEGA (ED. LDA)
MYRKUR - MAREridt
DELPHEGOR - TOTENRITUAL (ED. LDA)
CRADLE OF FILTH - CRYPTORIANA: THE SEDUCTIVENESS
AKERCOCKE - RENAISSANCE IN EXTREMIS (CD/EARBOOK)
EARTH ELECTRIC (EX AVA INFERI) - VOL.1: SOLAR
CHELSEA WOLFE - HISS SPUN
LACRIMOSA - TESTIMONIUM
WOLVES IN THE THRONE ROOM - THRICE WOVEN
KAUAN - KAIHO
LIMBONIC ART - SPECTRE ABYSM
ENSIFERUM - TWO PATHS (CD + DVD)
WINTERSUN - THE FOREST SEASONS (ED. LDA 2CD BOOK)
SUN OF THE SLEEPLESS - TO THE ELEMENTS
PORTRAIT - BURN THE WORLD
MARTY FRIEDMAN - WALL OF SOUND
ACCEPT - THE RISE OF CHAOS (ED. LDA)
WITH THE DEAD - LOVE FROM WITH THE DEAD
LYNCH MOB - THE BROTHERHOOD
TAU CROSS - PILLAR OF FIRE
THRESHOLD - LEGENDS OF THE SHIRES
LEPROUS - MALINA (ED. LDA MEDIABOOK)
PROCESS OF GUILT - BLACK EARTH
MONARCH - NEVER FOREVER
VALLENFYRE - FEAR THOSE WHO FEAR HIM (ED. LDA)
AELTER - IV LOVE ETERNAL
ANATHEMA - THE OPTIMIST (ED. MEDIABOOK CD+DVD)
DECAPITATED - ANTICULT (ED. LDA)
THY ART IS MURDER - DEAR DESOLATION
ARCHSPIRE - RELENTLESS MUTATION
IGORRR - SAVAGE SINUSOID
www.piranhacd.com
VENOM INC. - AVÉ
ARCH ENEMY - WILL TO POWER (ED. LDA BOX)
MANILLA ROAD - TO KILL A KING (ED. LDA DELUXE BOX)
INCANTATION - PROFANE NEXUS
DYING FETUS - WRONG ONE TO FUCK WITH
HAUNTED - STRENGTH IN NUMBERS
BROKEN HOPE - MUTILATED AND ASSIMILATED CD+DVD
VINTERSORG - TILL FJÄLLS DEL II 2CD
ELUVEITIE - EVOCATION II: PANTHEON
KORPIKLAANI - LIVE AT MASTERS OF ROCK
STEVEN WILSON - TO THE BONE
EPICA - THE SOLACE SYSTEM [MCD]
EXIT EDEN - RHAPSODIES IN BLACK (FEMALE VOICES SUPER BAND)
UNISONIC - LIVE IN WACKEN (LIVE CD + DVD)
NOCTURNAL RITES - PHOENIX
RAGE - SEASONS OF THE BLACK (ED. LDA 2CD)
JAG PANZER - THE DEVIANT CHORD
MASTERPLAN - PUMPKINGS (ED. LDA)
SERIOUS BLACK - MAGIC
ICED EARTH - INCORRUPTIBLE (ED. LDA DIGI/ARTBOOK)
EDGUY - MONUMENTS 2CD+DVD/BLURAY
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

ARCHSPIRE

«Relentless Mutation»

[Season Of Mist]

A técnica da loucura ou a loucura da técnica? Vamos deixar o Gabriel Alves em paz mas, na verdade, este é mais um daqueles casos aparentemente paradoxais de dupla possibilidade. É sabido que, nos meandros mais extremos da música contemporânea, nomeadamente no death metal técnico, fazem-se coisas (quase) impossíveis e o nível de execução já não surpreende porque há muita banda espantosa por aí. No entanto – e ainda bem – há sempre aqueles tipos que trazem algo diferente dos outros, que não se limitam a "tocar o intocável", que escalam a uma fasquia imaginária de insana brutalidade complexa. Uns desses poderão ser, por exemplo, os Archspire. Por alguma razão, o grupo canadiano demorou mais de três anos após o soberbo «The Lucid Collective» para nos dar esta nova meia hora de proficiência demolidora. «Relentless Mutation», o terceiro álbum do quinteto, é rápido, ousado e arrasadoramente confiante. Há um baterista conhecido pelos seus vídeos de compassos ultra-sónicos, há uma dupla de guitarristas fluente em complicar o fácil (no bom sentido), há um baixista que encaixa "pausas" atmosféricas ao estilo Obscura só para reganharmos fôlego e nos embrenharmos num delírio sonoro guiados por um daqueles vocalistas que cospem dezassete palavras em dois segundos. À semelhança dos Cattle Decapitation, a espaços, os Archspire sabem como inflamar, de inteligência, uma tecnicidade extrema, que também se faz de temas – de canções, se quiserem – memoráveis. Mas estes rapazes de Vancouver também já podem reclamar, para si, um nome. [8.5] **N.S.**

ARGUS

«From Fields Of Fire»

[Cruz Del Sur]

Qualquer fã de heavy tradicional com laivos de doom metal com certeza que já conhece estes Argus que nos apresentam, quatro anos após o último lançamento, o seu quarto álbum.

Neste «From Fields Of Fire» o quinteto oriundo da Pensilvânia tenta aprimorar a fusão entre estes dois estilos, tendo como novidade a integração de dois novos elementos, Dave Watson na guitarra e Justin Campbell no baixo, desfazendo assim uma formação que já vinha dos primórdios da banda. A cavalgada arábica de «As A Thousand Thieves», a cativante «Devils Of Your Time», a depressiva «No Right To Grieve» e a longa e heterogénea «Infinite Lives Infinite Doors» são momentos a destacar. No entanto temos um Brian Balich a oscilar muito vocalmente, o que em nada favorece malhas como «216», por exemplo. «From Fields Of Fire» é um registo que dá aquela sensação que, limadas algumas arestas, poderia ser algo muito mais. [7] **C.G.**

AU-DESSUS

«End Of Chapter»

[Les Acteurs De L'Ombre]

Depois da surpreendente estreia com um EP homónimo, para onde podiam ir os Au-Dessus? Bem, tendo em conta a atitude aventureira contida nesse registo de há dois anos não se poderia esperar outra coisa que não fosse um passo definitivo em frente – e é precisamente isso que a misteriosa *troupe* de Vilnius, na improvável Lituânia, apresenta neste «End Of Chapter», a estreia em longa-duração. Apresentando sete longas composições, o quarteto mantém inalterada a sua visão post do que pode ser hoje o black metal, fundindo ambientes gelados com uma abordagem sumptuosa aos arranjos (ouça-se a abertura «VI»), que tanto se apoiam em colossos de peso dissonante («VII») como em crescendos muito eficazes («X»), ou descargas de *blastbeats* devastadores («XII – End Of Chapter»). No meio do furação de *tremolo picking*, não se furtam a embarcar por soluções pouco comuns nesta visão eclética da música cortante, como é o caso do apontamento muito neo crust (pensem nos Ekkaia se tivessem crescido a ouvir o «Under A Funeral Moon» em *repeat* em vez de screamo japonês) que se ouve em «IX». Tendo em conta esta falta de receio de arriscar e o facto de que o título deste disco soa premonitório – fazendo acreditar num fim de ciclo para que, no terceiro disco, iniciem um novo –, estes sete temas não só deixam os seguidores do grupo satisfeitos como ainda têm o condão de plantar a semente da curiosidade em relação ao futuro. [7.5] **J.M.R.**

CHELSEA WOLFE

«HISS SPUN»

[SARGENT HOUSE]

«Abyss» foi a ameaça, «Hiss Spun» é a concretização. A Chelsea Wolfe está a tocar metal. Se em discos anteriores andou pelos caminhos da folk («The Grime And The Glow» e «Unknown Rooms») e nos anteriores («Pain Is Beauty» e «Abyss») explorou elementos electrónicos, aumentando gradualmente as doses de peso, neste «Hiss Spun» a intérprete norte-americana constrói um novo universo sonoro com *low-end* redobrado, mantendo ainda assim um pouco de tudo o que fez no passado. Essa abordagem mais densa deve-se também ao guitarrista Troy Van Leeuwen (dos Queens Of The Stone Age e Failure) que contribuiu na composição de vários temas do disco, dando corpo a um conceito que retrata anos de vulnerabilidade, dor e de um historial familiar complicado. É curioso constatar que sendo um álbum que lida com assuntos muito pessoais da vida de Chelsea Wolfe, é também aquele em que mais se expande vocalmente, acompanhando a própria a maior extensão e contraste da música. Se «Abyss» tinha distorção sombria como complemento de tudo o resto, «Hiss Spun» é distorção sombria nas mais variadas nuances. E o negro do metal assenta que nem uma luva à enigmática Wolfe. O *flirt* de outrora deu lugar a uma relação séria. A forma como molda a voz à música, fria e ao mesmo tempo dramática, encontra um brilho especial nas secções mais extremas. Ouça-se «Vex», onde o registo angelical por cima das guitarras distorcidas resulta de forma absolutamente genial, em contraponto com o poderoso gutural do convidado Aaron Turner (Isis). A melodia de «16 Psyche», o post rock melancólico de «The Culling», o refrão pegajoso e miserabilista de «Static Hum», a serenidade despida de «Two Spirit», a teatralidade de «Scrape», tantas paisagens sonoras tão distintas e tão complementares! Chelsea Wolfe tem em «Hiss Spun» a obra mais obscura, diversa e intensa da carreira, e concretiza-a com as melhores e mais memoráveis canções que alguma vez escreveu, sem comprometer nada do que sempre foi como artista. É doom metal, é rock gótico, é noise, é qualquer coisa para a qual ainda não há nome, mas seja lá o que for é precisamente o que a compositora californiana parecia andar à procura. Bem-vinda a casa, Chelsea! [9] **J.A.R.**

BELPHEGOR

«Totenritual»

[Nuclear Blast]

Após a fase natural de crescimento, ainda nos anos 90, os Belphegor transformaram-se num dos nomes mais seguros e eficazes do black metal, não pela originalidade, mas pela eficácia do seu som. Para este décimo primeiro disco de estúdio, a novidade reside em Simon "BloodHammer" Schilling, baterista já conhecido dos At The Grave e Fleshcrawl, e que, aqui, tem uma excelente presença, quer em temas rápidos, como na faixa de abertura, quer em momentos mais lentos, como «Spell Of Reflection», com o pedal duplo omnipresente ao longo de todo o disco. No resto, o disco chega quer a quem procura um black/death intenso, quer a quem procura algo mais denso, *mid-tempo*, como nas duas últimas faixas, «Embracing A Star» e, a quase continuação, «Totenritual». No resto são os Belphegor que nos habituámos a ouvir e ver nos palcos nacionais, mesmo que nem sempre com um sistema de som à altura. Toda uma *trademark*: vozes guturais, por vezes *backing vocals* mais limpos, outras narrador em *samples*, criando atmosferas de filme de terror, sempre com uma dinâmica alta. O *frontman* Helmuth emprega diversas camadas de guitarra, e temos uma excelente captação de estúdio que permite escutar pormenores de bateria, como é o caso da excelente «The Devil's Son», uma das melhores faixas a par de «Embracing A Star». [8] **E.F.**

BENEATH

«Ephemeris»

[Unique Leader]

Os anos mais recentes têm-nos brindado com o despontar de toda uma efervescente e cativante cena de peso a emergir da terra do gelo, que é como quem diz da insular e algo improvável Islândia. E se a maioria dos nomes que têm ganho maior relevo entram por terrenos mais ou menos inóspitos, também os há que assumem deliberadamente as suas influências e que se colam automaticamente a um determinado género ou corrente musical. Os Beneath são um desses exemplos, uma banda que, ao terceiro disco de originais, permanece fiel ao tecnicismo e à brutalidade própria de Dying Fetus, de Suffocation, de Hate Eternal ou de Vile e que recriam em «Ephemeris» brutal death metal de alto calibre em todo o seu esplendor. São 36 minutos de intensas e incisivas descargas de peso e técnica em doses equilibradas, assombradas por um grunhido cavernoso e massificadas por uma parede sonora que impõe respeito. Em ano de novos e pujantes discos de Obituary, Incantation ou dos já citados Dying Fetus e Suffocation não é fácil uma afirmação num espectro que parece estar a ser alvo de atenções redobradas nos tempos que correm, mas os Beneath apresentam argumentos não só para honrar, como para valorizar um género musical que já encerra em si um legado de respeito. [8] **R.A.**

BIG | BRAVE

«Ardor»

[Southern Lord]

A ideia dos Big | Brave continua efectivamente a ser melhor do que o seu resultado aplicado. Há qualquer coisa que apela ao nosso lado aventureiro nisto, um trio que mistura as pachorrentas noções de desenvolvimento e de estrutura do post rock, mas que depois as enche com riffs de doom gigantes, com a aspereza do drone, com uma dualidade entre o feio e o suave muito interessante. Basicamente, parece uma "contratação" atípica para a Southern Lord, mas ao mesmo tempo percebe-se o que o Greg Anderson viu nisto. Só não se percebe bem é porque é que continua a insistir. É que depois do entusiasmo inicial, en-

quanto os três temas (de doze, catorze e dezasseis minutos respectivamente) vão passando por nós, os mesmos problemas que o «Au De La» e até o embrionário «Feral Verdure» tinham continuam iguais. Primeiro, a voz de Robin Wattie é, na melhor das hipóteses, um gosto adquirido, vá. E mesmo que se consiga, através de um esforço hercúleo, adquiri-lo, continua a ter zero relação com o resto da música, nem sequer numa de contrastar e dar nuances diferentes. *Doesn't fit*, e pronto. Pior do que isso, é que os Big | Brave continuam a ser chatos. Estrondosamente chatos. Do estilo de olharmos para o tempo que passou ao fim do que nos pareceu meia hora, e percebermos que foram cinco minutos do primeiro tema. Pouca volta há a dar a um disco bem executado, cheio de ideias pertinentes, mas que nos dá uma seca monumental de cada vez que o ouvimos. [5] **J.C.S.**

BROTHER O´BROTHER

«Neon Native»

[Romanus]

Este duo norte-americano é constituído por Chris Banta na voz/guitarra e Warner Swopes na bateria, mas em disco consegue soar como se de um quarteto se tratasse. «Neon Native» é uma espécie de reincarnação de uma The Jimmy Hendrix Experience em 2017, com as devidas distâncias, claro, mas a semelhança é chocante quer a nível vocal e instrumental. Sim, Chris Banta tem o timbre de Hendrix, a sensualidade e virtuosismo técnico que não deixa de deslumbrar o ouvinte mais incauto num garagerock que se mistura com o blues rock. Qual é o resultado? Um disco surpreendente e visceral. São doze composições cheias de *groove*, riffs sujos mas libidinosos. «Neon Native» é um daqueles álbuns que nos soa confortavelmente familiar, a sonoridade assola-nos num *flashback* assombroso. A emotividade arranha-nos a pele e a intensidade rítmica palpita-nos o coração, já em êxtase. É um dos grandes discos de rock do ano. [8] **A.F.C.**

BURN

«Do Or Die»

[Deathwish]

Os veteranos e influentes Burn, liderados pelo vocalista Chaka Malik e pelo guitarrista Gavin Van Vlack, não são propriamente a banda mais prolífica do mundo, mas agora que encontraram uma formação aparentemente estável, completa por dois ex-Glassjaw (Durijah Lang, na bateria, e Manuel Carrero, no baixo), parecem vir para ficar. «Do Or Die» é segundo álbum em dois anos e, como sempre, vai além do hardcore convencional, exibindo trejeitos que tanto lembram Bad Brains, como Faith No More ou os próprios Glassjaw. É certo que a alma e a emoção visceral do hardcore está toda lá, mas também tem toques de noise rock e partes de *spoken word* que remetem para o alucinado Henry Rollins. Mesmo fugindo do ortodoxo, os Burn escrevem riffs plenos de *groove*, muito bem suportados por uma secção rítmica criativa e super coesa. Aqui e acolá injectam sublimes doses de melodia nas guitarras que só ajudam a tornar os temas mais facilmente memorizáveis, como acontece com a excelente «Flame», tema onde cruzam o vigor do punk/hardcore com uma sensualidade e uma musicalidade originais e surpreendentes. Ajudado por mais uma excelente captação do cada vez mais versátil Kurt Ballou, «Do Or Die» é um disco que grita anos 90 por todo o lado e que fará os revivalistas e apreciadores da vertente mais alternativa e do hardcore rejubilarem. [7.5] **J.A.R.**

CELLAR DARLING

«This Is The Sound»

[Nuclear Blast]

Depois da cisão no passado ano dos suíços Eluveitie, a vocalista Anna Murphy, o baterista Merlin Sutter e o guitarrista/baixista Ivo Henzi juntaram-se para criar uma nova entidade. Adoptando como nome da banda o título do álbum a solo de Anna Murphy de 2013, temos aqui a estreia dos Cellar Darling. Musicalmente estão afastados da banda que lhes deu origem, embora mantenham bem presentes as influências folk célticas, aqui apresentadas numa roupagem de rock/metal mais moderno. A voz de Anna consegue ainda surpreender com um registo ao mesmo tempo doce e acutilante, com a sua sanfona a continuar a marcar presença e a destacar-se em malhas como «Hullaballo» ou «Rebels». Do inebriante «Avalanche» até a um «Redemption» a fazer recordar os melhores tempos dos The Gathering, encontramos um Ivo Henzi a dar o mote em músicas como «Black Moon», «The Hermit», «Fire, Wind & Earth» e «Starcrusher», a arrepiante «Challenge» ou uma esquizofrénica «Hedonia». «This Is The Sound» é um daqueles álbuns que se estranha no primeiro impacto mas que rapidamente nos cativa. [8] **C.G.**

MERCHANDISE OFICIAL
unkind
MERCHANDISE OFICIAL DE MÚSICA
MAIS DE 5.000 ARTIGOS DAS TUAS BANDAS FAVORITAS
VISITA A NOSSA LOJA EM WWW.UNKIND.PT
EPIC
PARADISE LOST
Medusa
10%
FINALIZA UMA ENCOMENDA NO SITE E INSERE O CODIGO SET22
DESCONTO VALIDO ATÉ DIA 30 SET PARA TODOS OS ARTIGOS DO SITE
EXCEPTO BILHETES/PACKS E ARTIGOS QUE ESTEJAM EM PROMOCAO

CHRIS ROBINSON BROTHERHOOD

«Barefoot In The Head»

[Silver Arrow]

Confesso não conhecer nenhum mau trabalho dos irmãos Robinson, seja através dos Black Crowes, seja nos vários projectos em que se envolveram a solo ou conjunto. Isto não significa que tudo é excelente, longe disso, muitas vezes os registos passam mais por um conjunto de tributos pessoais a músicos e estilos que necessariamente pelo rock a que os músicos nos habituaram. Este projecto, segundo o próprio Chris, iniciou-se como uma experiência e cresceu para uma banda já com seis discos de estúdio e dois ao vivo, em menos de cinco anos, o que revela o profícuo que o artista consegue ser, mas também que não reserve quanto ao que edita, desde que com um mínimo de fiabilidade. Isto explica que este disco de blues rock, uma viagem até um certo imaginário dos 70s, nem sempre possa soar bem a quem lá chega desprevenido, esperando um sucedâneo de Black Crowes, mesmo que temas como «Behold The Seer» ou «She Shares My Blanket» pudessem estar num disco deste grupo. Na realidade o que aqui temos é uma dezena de bons temas, bonitos, melódicos, executados de forma relaxada, aqui e ali com uma guitarra chorosa, outras com um banjo a convidar a dois passos de dança, por vezes com as teclas de Adam MacDougall demasiado presentes, criando um ambiente que remete mais para o imaginário de bar de hotel dos 70s. Como em «Good To Know», um tema que termina o disco num tom diferente do que inicialmente propõe. [8] **E.F.**

COCAINE PISS

«Piñacolalove»

[Hypertension]

Podemos tirar várias ilações da nova proposta dos Cocaine Piss, «Piñacolalove». O quarteto oriundo de Liege não só mantém o peculiar sentido de humor inalterado, como também continua francamente original. A banda sabe bem que o punk que pratica não é coisa para estar a massacrar ouvidos alheios durante horas. Sabia-o quando mandou o público do Roadburn para o caralho e despachou o *set* de 30 minutos em quinze, começando-o mais cedo do que anunciado só porque sim; demonstra-o aqui, despachando quatro novas bujardas em menos de dez minutos, utilizando «Nostalgia II» como um interlúdio e terminando com três bizarras *covers* deles próprios que pediram a outros artistas. De «Ugly Face On», cortesia do power electronics violento dos Onmens, até uma «Sex Weirdos» pelo banjo de Tommy La Menace, passando pela deliciosa «Happiness» em versão de Lord Hicks. Nem que seja pelo quão delicioso é ouvir "*this song makes me wanna touch myself / I see pink jizz coming from my chest / masturbation is the best / I just cannot take a rest*» cantada ao ukulele, vale bem a pena rodar o novo EP dos belgas. [6] **L.P.**

COMEBACK KID

«Outsider»

[Nuclear Blast]

Serão os Comeback Kid, em certa medida, *outsiders* da cena hardcore punk? Nem tanto. Nos seis trabalhos anteriores, o grupo canadiano já mostrou que não tem um som fechado; vai sempre um pouco para além da generalidade daquilo que se pode esperar de uma típica banda hardcore da América do Norte (sendo esse lote, já por si, suficientemente vasto e vago, claro). Mas, por acaso, na novidade «Outsider», o quinteto até vai beber bastante à fonte da sua energia inicial, fazendo desta novidade um belo equilíbrio disso, da experiência acumulada ao longo de quinze anos e daquele olhar em frente que não o coíbe, por exemplo, de convidar Devin Townsend a colaborar aqui num tema. Há também participações do *frontman* dos The Flatliners e do *folk punk rocker* Northcote, mas não restem dúvidas: «Outsider» é um álbum cheio de testosterona e com temas a pedir "porradaria" ao vivo. «Surrender Control» e «Somewhere, Somehow» são apenas alguns, denotando um som algo metalizado e, aí, a nova aliança com a editora Nuclear Blast talvez não seja mera coincidência. Estão de volta, os "putos". E fortes. [7.5] **N.S.**

CRADLE OF FILTH

«Cryptoriana – The Seductiveness Of Decay»

[Nuclear Blast]

Passados mais de 25 anos sobre a sua formação, talvez seja mais que altura de olhar para trás e prestar a devida homenagem aos Cradle Of Filth. Nem sempre bem-amados pela imprensa, muitas vezes renegados pelos próprios fãs, tiveram desde cedo uma forte ligação a Portugal, desde logo pelo fabuloso concerto numa edição

POR LUÍS RATTUS

Fresco como uma alface acabada de arrancar da terra, o primeiro longa duração dos **TT SYNDICATE**, em *self-titled*, chega-nos ao prato através da Migraine Records. A banda do Porto é tão só e apenas um dos projectos mais interessantes que pisou terras lusas, partilhando com Marta Ren (que participa no tema «No One´s Gonna Rule My World») o trono da música soul nacional. Liderados pelo carismático Pedro Serra (Mean Devils, ex-45 Special), uma verdadeira força da natureza, o grupo já extravasou o seu caldeirão de soul e rhythm & blues para os grandes festivais europeus e promete não ficar por aqui. Entretanto, quem os puder apanhar ao vivo, não perca a oportunidade ou arrepender-se-á para todo o sempre.

«SOM DAS RUAS VOL. III» já se encontra disponível. O terceiro volume da compilação com selo da Sindicato, dedicada ao punk nacional e derivados, conta com mais 25 bandas em actividade. Com tanta oferta encontramos punk rock, hardcore, oi! ou surf e garage, em bandas como Gume, Trinta & Um, Dr. Frankenstein, Scum Liquor ou Systemik Vïølence.

Os galegos **FRED AND THE PERRYS**, após o EP de estreia «Xa Non Hai Xustiza», editam agora através da Common People Records o mini álbum «Non Haberá Perdón», no formato 10" em vinil. Trata-se de um salto gigante em termos qualitativos para o primeiro EP, não só a nível de composição mas especialmente em termos de qualidade de gravação. A linha sonora continua no oi!/punk, com muita garra, som compacto e muito *feeling*. Sete temas que nos deixam água na boca para o que poderá vir aí, onde as influências do streetpunk britânico e francês predominam.

«Verdadera Fe» é o segundo 7" dos catalães **LA INQUISICIÓN**. Cinco temas editados pela Contra Records e Common People Records, que vão de encontro ao som dos Secret Army, banda que os membros possuíam antes, com a diferença de agora cantarem em espanhol em detrimento do inglês. Uma boa peça de vinil aconselhada para os apreciadores de punk rock na linha de Bombshell Rocks ou Rancid.

Vindos da Croácia, os **NAILED IN** debitam um hardcore punk raivoso na linha de Negative Approach, apresentando agora o seu *self-titled* 7" com seis temas rápidos e com produção suja. A banda de Zagreb tem estado bastante activa na estrada, com *tours* sucessivas e passagem recente por Portugal.

Continuando na senda dos 7" chega-nos a estreia dos **BROMURE**, com o EP «A La Roquette», na sempre activa UVPR. Os parisienses apresentam-nos um dos melhores discos do ano, com três temas a lembrar os extintos Maraboots (que também tinham na sua formação Wattie, membro em comum), muito por causa do saxofone. Oi! tipicamente francês, cantado na língua nativa e cheio de personalidade.

do Ultrabrutal, de onde saiu o conhecido vídeo *bootleg* «Live In Pena Field», assim mesmo intitulado. Erros de carreira, egos e acidentes de percurso levaram a que o fulgor inicial se perdesse, e também o surgimento do black metal nórdico paralelo que fez com que os Cradle Of Filth fossem colocados num saco que não era o deles. Aqui reside o primeiro erro na abordagem à banda, pois as suas raízes não estão no punk e na mensagem anti-religiosa de uns Impaled Nazarene ou Mayhem, mas antes no metal extremo britânico, principalmente no som inicial de Sabbat, a quem foram buscar a ideia das letras em inglês victoriano. Aliás, toda a imagética do colectivo bebe da literatura e do visual gótico desse período da história britânica, exultado nos anos 60 e 70 pela Hammer e tão bem retratado na série Penny Dreadful, ela mesma uma referência a um tipo de literatura de bolso popular na época. Do lado nórdico, só mais tarde se seguiria esse estilo, através dos Dimmu Borgir que acabaram por se tornar em expoentes do estilo, enquanto os COF faziam mais uma travessia no deserto. Com «The Manticore And Other Horrors» o grupo reinicia um percurso que fez dos últimos trabalhos muito mais interessantes do que se poderia esperar na década anterior, tornando, novamente, o sexteto britânico como um dos mais interessantes no estilo e no heavy metal extremo. Chega-se assim a «Cryptoriana – The Seductiveness Of Decay», um disco que não trará nada de novo, mas que ao mesmo tempo cativa pela versatilidade dos temas, e por manter inalterado o ADN da banda: está lá a voz narrativa, em «The Seductiveness Of Decay», as vozes femininas, em «Achingly Beautiful» ou «Vengeful Spirit», os solos de guitarra, o som de órgão, e todo aquele aspecto operático e o visual tão popularizado pelo «Bram Stoker's Dracula» de Coppola, porventura a pedra final na construção do imaginário gótico. A isto há que adicionar ainda um carácter mais melódico, não necessariamente na vertente mais lenta do termo, mas na melodia rápida, por vezes quase entrando no campo do heavy metal clássico, muito por culpa dos sucessivos solos de Rich Shaw e Ashok. Atente-se na faixa-título, uma óbvia referência musical aos Iron Maiden, e percebe-se como o som do conjunto é hoje bastante mais próximo do heavy metal extremo que do black em que foram inseridos inicialmente. É por isso que os Cradle Of Filth desta década são os melhores de sempre! [8.5] **E.F.**

CRUZ DE FERRO

«Guerreiros Do Metal»
[Ferro]

Os Cruz de Ferro já dispensam quaisquer apresentações pois assumiram-se merecida e rapidamente como uma das melhores bandas nacionais. Como o seu EP de estreia já estava há muito tempo indisponível, o grupo de Torres Novas decidiu reeditá-lo com a introdução de cinco novos temas a juntar aos já clássicos «Defensores», «Auto De Fé», «Gloria Ao Rey», «Piratas» e «Guerreiros Do Metal». As novas malhas iniciam-se com a instrumental «Carbonária», seguida de «Em Guerra», com o seu ritmo desenfreado, e da menos inspirada «A Toda A Brida». «Entre A Espada E A Parede» é um daqueles temas que cativa logo à primeira audição, sendo com certeza um dos hinos a ouvir nos concertos dos Cruz De Ferro, enquanto em «Ritual Da Cruz» somos envolvidos e levados literalmente pelas palavras cantadas pelo Ricardo Pombo. Enquanto aguardamos pelo sucessor de «Morreremos De Pé», estas novas malhas continuam a elevar a cruz bem alta. [7.5] **C.G.**

DÄLEK

«Endangered Philosphies»
[Ipecac]

"*We're the echoes of Martin, of Malcolm, of Evers, of Hampton, of Seale. My people won't kneel!*"

A declaração de intenções com que os dälek abrem «Endangered Philosophies» não podia ser nem mais clara nem mais apropriada; que se a violência policial de vincada componente racial – "*mistaken identity / but melanined equated enemy*" – já havia sido parte do motivo para o regresso do ano passado, as coisas só pioraram desde então. Em sentido contrário seguiram felizmente as composições do trio, mais subtis e diversas do que em «Asphalt For Eden», prova de uma nova formação mais oleada, e de um Will Brooks com uma renovada dose de inspiração. "*Regain perspective / we've all been off message*". Sim, um disco dos dälek é do mais pesado que aparece nestas páginas; enalteçam-se por isso as fantásticas e complexas construções entre o noise e o hip-hop. É apropriado que 30 anos depois do lançamento do pioneiro «Paid In Full», os dälek saquem desta inequívoca lição na transposição da actualidade em arte urgente. «*There is a vast difference between originators and mimics / substance versus gimmicks.*» Este é todo substância. [8.5] **L.P.**

EXPULSION

«Nightmare Future»
[Relapse]

Olhando para a capa deste disco, para o selo da editora no verso, para os títulos dos temas e para a formação no interior do livreto – sim, porque isto de ocasionalmente ainda se receber um *promo* em formato físico tem cada vez mais encanto – é fácil saber ao que vamos. E os Expulsion, que são Matt Harvey, Matt Olivo, Danny Walker e Menno Verbaten, fazem exactamente o que se espera de actuais e ex-elementos dos Exhumed, Gruesome, Repulsion, Phobia e Lightning Swords Of Death. «Nightmare Future» não peca pela falta de imaginação porque a pecha surge camuflada pelo engenho que o quarteto demonstra na composição, traduzido em sete micro-descargas de death metal injectado de crust e grindcore que não deixa os créditos dos envolvidos por mãos alheias. Isto é, senhores e senhoras, brutalidade de nível superior e temas como «Total Human Genocide», «Altar Of Slaughter» ou «Comatose» incluem tudo o que se pode desejar de um disco que remete para uma época em que o death metal ainda era um extremar do thrash, e em que o punk se estava a tornar mais pesado e metálico. Apoiados numa produção musculada – e, além dos *blasts* ultra-sónicos que remetem para os Nasum e Rotten Sound, isso é só mesmo o que nos impede de pensar que descobrimos um Tesourinho Pertinente da passagem dos 80s para os 90s –, não há defeitos a apontar ao quarto de hora que esta gravação de estreia dura. Os riffs são todos bons (a piscadela de olho aos Motörhead, ou será aos Discharge?, no tema-título é uma surpresa boa), os solos são tresloucados e as batidas certeiras, com Walker a ir da velocidade thrash ao proto-*blast* à Autopsy, passando por passagens pulverizantes, com uma facilidade impressionante. Se gostam de bom death/grind, em que a escrita de canções memoráveis conta bem mais que a brutalidade, não há que enganar aqui. [8] **J.M.R.**

GRANDE ROYALE

«Breaking News»
[The Sign]

Pois é, nunca nos cansamos de, uma, outra e outra vez, traçarmos elogios ao Nicke Andersson... Mesmo que, como é o caso aqui, o crédito seja apenas o de produtor. Seja a que nível for, não há como apreciar o facto do músico sueco estar a atravessar uma das fases mais profícuas numa carreira que está perto de comemorar o 30º aniversário. Só no último ano, o talentoso multi-instrumentista viu-se envolvido no regresso aos palcos dos Entombed e dos The Hellacopters (os dois projectos que o tornaram famoso), lançou um novo longa-duração com os seus Imperial State Electric, começou a compor e a gravar o segundo disco dos Lucifer e, vá-se lá saber bem como, ainda foi arranjar um espacinho na agenda

para gravar este disco de estreia com os conterrâneos Grand Royale. Percebe-se porquê; da primeira à última nota, «Breaking News», já o terceiro álbum para esta malta de Jönköping, é uma sentida homenagem à Detroit Rock City dos 70s e ao *revival* garage que, liderado pelo ex-baterista dos Entombed, explodiu na Escandinávia durante os 90s. Não é por isso estranho que, depois de dois álbuns auto-produzidos, os músicos tenham decidido ir directos à fonte do que fazem. Encontraram o parceiro perfeito; o talento de Andersson – que, às vezes, também responde pelo apelido Royale – está patente nos dez temas contidos neste disco e, apoiados na sua teoria de que todas as canções precisam de um gancho, os Grande Royale têm de passar a estar no radar de quem gosta de bom rock'n'roll. [7.5] **J.M.R.**

HELL

«Hell»

[Sentient Ruin]

Se não nos falha a contagem, este já é o quarto disco dos Hell chamado «Hell», contando com o segundo e o terceiro longa-duração onde ainda faziam a concessãozinha de meter números romanos para ajudar a contar. Depois há um EP chamado «Hell», curiosamente, e ainda vários *splits* cujo respectivo lado da banda norte-americana se chama, em todos, lá está, «Hell». As capas são sempre giras, mas desafiamos até os fãs da banda a olhar para elas sem os títulos e dizer qual é qual. E a verdade é que, desde 2006, a aproximação musical do cavalheiro M.S.W. (o único maluco por trás disto), à semelhança dos títulos, também não mudou muito – sludge negro a roçar o black metal e o doom mais desagradável, que se arrasta pelos caminhos mais tortuosos que se possa imaginar, com uma voz tão distorcida e tão saturada que não há vermelho suficiente nas mesas de mistura para a descrever. Portanto, isto só pode ser uma seca, não é? Todo igual, e o camandro. Pois, a beleza deste nosso peculiar mundinho da música esquisita é mesmo essa. Ao contrário dos Big | Brave, por exemplo, que este que vos escreve não hesitou em partir, umas páginas antes disto, a monotonia pastosa dos Hell não só resulta, como ainda é a principal característica que faz deles interessantes. Arrastam-nos pela merda, e nós ainda gostamos. Não vale a pena fingir que há alguma razão extraordinariamente técnica para isso, é só uma questão de tripas. Ou se sente a cena, ou não. Os Big | Brave, só para usar esse exemplo sem lhes querer bater mais, dão-nos vontade de esmurrar o botão de *stop*. O(s) Hell dão-nos vontade de esmurrar estranhos aleatórios, meia dúzia de polícias, a avó de alguém, e a parede, até sangrar. [8] **J.C.S.**

HOLOCAUSTO CANIBAL

«Catalepsia Necrótica»

[Larvae]

Uma *review* de Holocausto Canibal arrisca-se sempre a ser mais longa que qualquer das faixas do grupo, mas quando uma carreira ultrapassa as duas décadas e está recheada de actuações em tantos países, torna-se difícil ser breve, mais não seja porque só a história por trás deste trabalho é toda uma saga que se desenvolveu ao longo de dois anos entre o registo dos temas, *layout* perdido e prensagem censurada pela fábrica de discos. Mas vamos ao que interessa, «Catalepsia Necrótica». Ao contrário do que se possa pensar, não se trata de um novo trabalho de originais, mas da regravação dos dois primeiros trabalhos do grupo, «Opus I», de 1998, e «Gonorreia Visceral», de 2000. A edição não segue a ordem cronológica das edições, começando logo pelos temas do disco de estreia, à excepção da «Faixa 8». Após a *intro* de «Opus I», seguem-se alguns temas deste trabalho e tudo se conclui com a «Faixa 13». Com a regravação os temas ganharam outra dimensão, vozes mais perceptíveis, e, acima de tudo, guitarras mais cortantes, como se todo o sangue tivesse sofrido uma oxigenação violenta, tornando a hemoglobina mais forte e a fluidez plasmática mais intensa, predispondo o ouvinte para um melhor *singalong* de «Empalamento». [8] **E.F.**

LENG TCH'E

«Razorgrind»

[Season Of Mist]

Certinho, certinho; limpinho, limpinho. O grind quando é assim tão fácil perde metade do interesse. Já se sabe que os Leng Tch'e gostam de misturar uma porradona de extras ao género que praticam. Até aqui tudo bem e as incursões pelo death metal, não sendo particularmente inspiradas (o total de riffs acima do genérico é nulo), não incomodam muito; já inconcebível como boa ideia é juntar-lhe os *clichés* desinspirados do que de pior se fez no metalcore na década transacta; por exemplo, o bem foleiro final de «I Am The Vulture». Pese a razoabilidade dos seus momentos mais conservadores, «Razorgrind» soa demasiado comprimido e repleto de parvoíces desprovidas de qualquer chama criativa. Pode não ter saído pela Season Of Mist ou semelhante, mas um tal de «Ablutionary Rituals» lançado este ano é de tal forma melhor que este «Razorgrind» (seja na escrita ou na execução) que ouvir o segundo se torna numa experiência confrangedora. Obviamente dispensável. [4] **L.P.**

LORDS OF ALTAMONT

«The Wild Sounds Of Lords Of Altamont»

[Heavy Psych]

Os Lords Of Altamont, após dezoito anos, vestem a mesma roupa de cabedal e as correntes

MOONSPELL
APRESENTAÇÃO EXCLUSIVA DO DISCO EM PORTUGUÊS '1755'
30 OUTUBRO 17 - LISBOA AO VIVO . LISBOA - 21H30
31 OUTUBRO 17 - LISBOA AO VIVO . LISBOA - 21H30
01 NOVEMBRO 17 - HARD CLUB (SALA 1) . PORTO - 21H30
TICKETS AVAILABLE EXCLUSIVELY HERE WWW.LETSGO.PT

ILUSTRAÇÃO: BELA HILÁRIO

PARTIR PEDRA

POR PEDRO PEDRA

Quanto mais se escava mais minhocas aparecem, certo? Neste caso, há espécimes julgados enterrados que acabam por se revelar suprassumos da sobrevivência da sua espécie. Tomemos o exemplo dos **KARSERON** e do seu mais recente «Nail Your God Down». Aqui temos o clássico do que é escrever direito por linhas tortas, sendo estas tudo o que está mais do que predefinido, massificado e consumido até à exaustão. Os Karseron demonstram que na sua primitividade e simplicidade está a mais-valia de um death metal baseado nas raízes das suas origens, com músicas cativantes, envoltas de peso e obscuridade suficientes para merecerem ser desenterradas e apreciadas.

Os **MANDRAGORA MALEVOLA** inspiram e transpiram black metal numa abordagem sinfónica bem conseguida das melodias mais negras, com vocalizações poderosas, as chamas dançam ao sabor das tentações e dos pecados humanos. Mas o mais desafiante é ultrapassar o conceito *lo-fi* e atingir a essência da musicalidade deste «Awakening The Impvre». Se o nome Kam Lee não vos disser nada então, por favor, pesquisem quem é este Senhor. A sua participação nos **AKATHARTA** é demolidora, como sempre nos habituou, e a lentidão sufocante de «Spiritus Immundus» é perfeitamente genial. A irmandade da fatalidade e do fado ganham neste trabalho uma dimensão apenas ao alcance dos predestinados.

Entram sem pedir licença e espetam-nos com uma bujarda de disco de estreia de arregalar os olhos. Falo-vos dos **CONTAMINATED** e de «Final Man», um trabalho duro, vil e calejado do death metal mais feroz e podre que conspurca as nossas felizes cabeças já sem muito mais para dizer a não ser que nos rendemos a esta contaminação. Outro excelente exemplo de metal da morte deste ano são os **MORBID FLESH** que apresentam o seu «Rites Of The Mangled». Uma obra que transpira putrefacção, do início ao fim, que nos envolve no abraço da morte e nos leva a visitar o seu reino de pura assombração e fascínio.

Não muito distantes deste inferno carnal, os **INTERMINABLE CORRUPTIONS** também demonstram não ter qualquer dó pelos vivos embora nos transportem para outras dimensões. Com ou sem certezas de abdução, assim que entramos em «Xenodimensional Conflux» somos sugados para parte incerta, mas acompanhados por um poder triturador sem precedentes, tal é a sua força pulverizadora. Lado a lado poderiam viajar os **OMNIOID** já que, se em pó estávamos, agora seria a hora perfeita de nos reduzirmos à invisibilidade e insignificância existencial tal é o espancamento sónico que «Hex Dimensional Paralysis» nos proporciona. *Horns up for metal*!

de metal, e praticam o mesmo proto punk e garage rock que lhes está entranhado nas veias. De facto, este novo registo perpetua a mesma homenagem ao auge do punk americano dos anos 60, num revivalismo que vai dos Stooges aos MC5, cujo Michael Davis chegou mesmo a tocar com os Lords. Esta viagem sonora é deveras selvagem, rasgada e o mais a abrir possível… a mesma fórmula parece resultar durante um período do disco, tornando a partir de certa altura as composições desinspiradas, porque já as ouvimos outrora, inconscientemente, demasiadas vezes. «The Wild Sounds…» é um disco acima de tudo divertido, com bons momentos («Like A Bird» e «Revolution»), mas no entanto não deixa de ser irónico que a melhor música seja a versão de «Evil» do Howling Wolf, numa homenagem psych rock à voz mítica dos blues. Não há nada de especialmente excitante neste novo capítulo destes *punk rockers* irascíveis. Após tantas mudanças de elementos na formação da banda, salva-se a sempre carismática voz de Jake Cavaliere (The Bomboras) a comandar o gangue. [6.5] **A.F.C.**

THE MIDNIGHT GHOST TRAIN

«Cypress Ave»

[Napalm]

A variedade de estilos incorporados em «Cypress Ave» é um dos pontos fortes de um disco paradoxal e desconcertante do trio americano. Comparativamente ao último registo, «Cold Was The Ground», o lado sonoro mais agressivo foi posto de parte, sendo o som característico da banda substituído por um rock que vai beber influências ao country e até ao funk rock. O que poderia resultar num arriscado passo ao lado na carreira dos norte-americanos acaba por se tornar num belíssimo disco, uma total caixinha de surpresas. A cavernosa voz de Steve Moss destila pesar sobre sonoridades tão distintas como em «Red Eyes Junkie Queen», amostra hard rock com laivos de stoner e um baixo inebriante de pesado, em «Break My Love», uma canção folk que poderia facilmente ter sido composta por Tom Waits, ou em «The Boogie Down», com Sonny Cheeba a cantar hip-hop, num extasiante funk com uma secção de sopros em conformidade. Tudo desaba em seguida na sombria balada, «BlackWave», onde Moss se questiona "*What's happened to me?!*", e na funesta composição de blues country «Ecco». Esta ambiguidade emocional e sonora, ora festiva ora depressiva, transforma «Cypress Ave» num disco esquizofrénico, mas nem por isso confuso ou desintegrado. A inspiração é palpável num conjunto de canções de elevada qualidade. [8] **A.F.C.**

MONARCH

«Never Forever»

[Profound Lore]

Quando em 2013 os Moss editaram «Horrible Night», perdeu-se uma bela oportunidade de transpor os horrores do doom/drone para um registo melódico mas igualmente horrível, porque o corte foi demasiado radical e a escrita não acompanhou a mudança. O resultado ideal então é de certa forma o obtido pelos Monarch em «Never Forever», ainda com o bónus de evocar tanto os Turbonegro como a Kate Bush no título. O destaque tem de ir para a voz de Eurogirl, *alias* de Emilie Bresson na banda, que alterna entre gritos angustiantes, passagens faladas aterradoras e cânticos tranquilizantes como se nada fosse. Mais, fá-lo consoante a tonalidade do negrume que o instrumental pede sem entrar em toadas auto-indulgentes tão lamentavelmente comuns em vocalistas que descobrem novos truques. «Never Forever» desenrola-se num alternar entre três longos temas repletos de drone com duas canções directas mas nem por isso menos aterradoras. Se em momento algum nos deparamos com uma obra revolucionária ou genial, é tranquilamente o mais bem conseguido trabalho do grupo, naturalmente de digestão tudo menos fácil. [7.5] **L.P.**

MYRKUR

«Mareridt»

[Relapse]

Estes novos 38 minutos da constante dialéctica da escuridão (*myrkur*, em islandês) com a luz emanante do vestido branco e dos louros cabelos de Amalie Brunn passam bem, mas esse não é dos melhores elogios que se possam fazer a um disco, embora pareça. Da primeira vez que passaram, é certo, ficou logo na retina auditiva o momento "agressivo" e o momento de despudorada reverência a Lana Del Rey. Falo de «Maneblot» e «Crown», respectivamente. Boas malhas – para ser directo – e que nos fazem cá voltar. Mas nesta amálgama de post black metal atmosférico, dark folk, indie pop, dream rock e voz-etéreo-clássica-tipo-Enya com demasiados efeitos vocais e ruídos avulsos confirmam-se os mesmos tiques (e truques) dos anteriores trabalhos de Myrkur que não fazem com que toda a gente a venere como se fosse o último chocolate quente da Antártida. [6] **N.S.**

NEON ANIMAL

«Bring Back Rock'N'Roll From The Dead»

[Edição de Autor]

O nome do disco é, só por si, uma mensagem de desespero, percebida perfeitamente quando escutado o tema-título, também *single* de avanço, deste quarteto formado a partir dos Bubblegum Screw, apenas mudando o baterista. Numa missão para trazer de volta o rock'n'roll, o vocalista Mark Thorn mete as cordas vocais numa longa lista de *rockers* como Iggy Pop, Michael Monroe ou Johnny Thunders, secundado pelo português Miguel Martins, guitarrista, também produtor do trabalho, por sinal registado na cidade do Porto. Mesmo que o ADN e residência dos Neon Animal estejam na cidade de Londres. Este disco de estreia lança oito malhas de rock, com tanto de Stones como de punk, aqui e ali soando a New York Dolls, com um pouco de *swing* e boas malhas, como na excelente «Spin», o melhor tema deste primeiro trabalho, a par da faixa-título e de «Kiss Like Dynamite» ou da *rocker* «Gimme More». Há ainda espaço para o *mid-tempo* de «From Hero To Zero» e a *happy song* que é «Bedtime Stories», tudo temas evocativos de um imaginário londrino de finais dos anos 70 e inícios dos 80. Algures entre a banda sonora de um «Absolute Beginners», do saudoso Bowie e a narrativa de uns The Stranglers em temas como «Strange Little Girl». Se não conhecem os originais, visitem este excelente *revival* e sonhem, mesmo que "*full of drugs from yesterday's parties*". [7.5] **E.F.**

OCEANO

«Revelation»

[Sumerian]

Negro, pesado, arrastado ou sinistro são alguns dos adjectivos que podemos associar positivamente a «Revelation», o quinto álbum dos norte-americanos Oceano. Em igual proporção, podemos apelidá-lo de monocórdico, de aborrecido e de linear pela forma como debita quantidades absurdas de decibéis, alicerçados numa respeitável parede sonora que tem em "brutidade" o que lhe falta em carisma. O deathcore é o *habitat* onde se movimentam, cruzando o lado mais maquinal de uns Whitechapel com as referências primordiais a Deicide ou a Morbid Angel, presentes no death metal que está nas fundações da banda do Illinois. Pena é que nem só de profundos guturais e de um festim de riffs e *blastbeats* se dê corpo e alma a um disco, ficando a sensação de que, após o impacto inicial com entrada a pés juntos de «Dark Prophecy», entramos em modo *repeat* e ouvimos a mesma faixa ao longo dos 30 minutos de «Revelation». [6] **R.A.**

POISON BLOOD

«Poison Blood»

[Relapse]

Trata-se apenas de um EP de dezoito minutos, por isso não vale a pena andar aqui com grandes rodeios – «Poison Blood» é um dos melhores discos do ano, seja ele considerado o que for, e se for preciso inaugurar uma lista de EPs para o mencionarmos nas listas de final de 2017, somos gajos para isso. Se alguma vez o trabalho de Jenks Miller (Horseback) ou de Neill Jameson (Krieg) vos disse alguma coisa, é obrigatório comprá-lo já, de olhos fechados. Abrindo um bocado mais a rede: se qualquer tipo de black metal alguma vez vos disse alguma coisa, é igualmente obrigatório. De alguma forma, esta dupla conseguiu conjugar todo o ambiente místico e sombriamente psicadélico dos Horseback (em particular da inesquecível segunda metade do «The Invisible Mountain») com a crueza agressiva dos melhores discos dos Krieg, juntando-lhe um ímpeto imediatista quase punk, sem que o resultado final pareça, de todo, uma colagem de factores. São oito malhões que ficam todos na memória, variados, intensos, profundos, dinâmicos, que se ouvem repetidamente sem nunca cansar. E que desaguam na simplicidade estúpida de «Circles Of Salt», uma melancólica conclusão tão simples e tão perfeita deste disco brilhante, que quase nos leva às lágrimas. Agora, é *spammar* o Facebook desta gente a exigir que comecem a tocar ao vivo. *Go*! [9] **J.C.S.**

PRISTINE

«Ninja»

[Nuclear Blast]

Ao escutar a voz de Heidi Solheim, secundada pelo blues rock psicadélico dos seus Pristine, rapidamente vêm à memória os Blues Pills. E eis que, três temas depois, acompanhados de alguma investigação, se percebe que a dedicada compositora/vocalista norueguesa se sentou ao piano para escrever as canções de «Ninja», após uma *tour* com os... Blues Pills. Coincidência? Confesso que mesmo sem conhecer o que se passa nos anteriores três álbuns da banda – que tiveram distribuição diminuta – mas agora, na Nuclear Blast (lá está, companheiros de catálogo dos outros), Heidi e os Pristine poderão chegar aos muitos ouvidos revivalistas que habitam a cena. «Ninja» constitui-se de nove temas relativamente interessantes, dominados pelas palavras e tom sentido da cantora, com algum espaço para as teclas *setentistas* se evidenciarem e um ou outro apontamento de guitarra mais marcante. «The Perfect Crime» é uma intensa balada blues a descair para o gospel, «The Rebel Song» é mais *rockada* como o nome indica e ainda há uma quase-tripe *psych* em «Jekyll & Hyde». Bom, mas apenas q.b. [7] **N.S.**

QUIET RIOT

«Road Rage»

[Frontiers]

Da formação que gravou o disco de estreia em 1977 já ninguém resta, aliás dois deles (Randy Rhoads e Kevin Dubrow) já infelizmente faleceram, e do icónico «Metal Health» de 1983 só temos ainda o baterista Frankie Banali. Depois do desaparecimento do vocalista Kevin Dubrow em 2007 muitos pensavam ser este o fim merecido dos Quiet Riot, mas Banali preferiu continuar a lucrar com o nome do grupo por mais uns anos, tendo desde aí editado «Quiet Riot 10» (2014) e agora este «Road Rage». Após mais esta reunião, e à sexta tentativa, temos agora na voz James Durbin, um ex-finalista do American Idol, detentor de uma voz um pouco andrógina. Musicalmente, temos um bom disco de hard rock tipicamente norte-americano (leia-se com influências blues e glam), onde se destacam malhas como «Getaway», «Roll This Joint», «Freak Flag» ou «Make A Way». E que tal agora deixarem o legado dos Quiet Riot em paz em vez de continuarem a arra$tar-se? [6] **C.G.**

STONE SOUR

«Hydrograd»

[Roadrunner]

Após dois álbuns conceptuais, os Stone Sour regressam à forma clássica de um álbum de originais tão portentoso e diversificado quanto possível. Corey Taylor já tinha deixado o aviso à comunidade musical sobre a tentativa de excelência de «Hydrograd», mas ao dissecarmos esta obra, qualquer sentimento de dúvida é logo afastado. Em primeiro lugar, não foi fácil reinventarem-se após algumas peripécias internas, mas a banda que sempre foi o escape melódico para Taylor, onde pode testar as suas experimentações "fora da caixa", aparece na sua melhor forma. «Hydrograd» é um álbum comercial, mas não perde créditos por isso. Pelo contrário, é um disco deliciosamente variado, onde o hard rock sujo e cru tem lugar a par com baladas pop rock, e nem por isso a magia se desvanece. «Tapei Person/Allah Tea«, «Knievel Has Landed» e «Whiplash Pants» são faixas onde o esplendor do peso instrumental dos Stone Sour é claro, enquanto «Song#3» ou «The Witness Trees» seguem uma linha mais orelhuda, perfeita para as rádios. A capacidade vocal e de entrega de Taylor é notável, enquanto que a produção evidencia a maturidade de um grupo muito seguro de si mesmo. «Hydrograd» é um dos melhores discos dos Stone Sour, que, sem fórmulas pré-estabelecidas, arriscaram, criando um "monstro" marcante. [8] **A.F.C.**

BEFORE IT WAS AUTUMN AND FALL,
IT WAS HARVEST!

SYSTEMIK VIOLENCE
"SATANARKIST ATTACK"

CHAOSV028

LTD. EDT. 12" VINYL
200 BLACK VINYL + 100 YELLOW VINYL

MIDNIGHT PRIEST
"RAINHA DA MAGIA NEGRA"

CHAOSV022

LTD. EDT. 12" VINYL
500 COPIES

DISAFFECTED
"THE TRINITY THRESHOLD"

CHAOSCP027

LTD. EDT. CD
500 COPIES

A TREE OF SIGNS
"INITIATION OF LIGHT"

CHAOSCP026

LTD. EDT. CD
500 COPIES

COMING SOON:
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM "INMUNDITIA ODII PLENA" (KULTLP005)
150 COPIES (DIE HARD EDITION) - 12" SPLATTER VINYL GATEFOLD DELUXE EDITION WITH 12" BOOKLET + POSTER PLUS LIVE TAPE
350 COPIES (REGULAR EDITION) - 12" BLACK VINYL GATEFOLD DELUXE EDITION WITH 12" BOOKLET + POSTER

Glam-O-Rama ROCK SHOP

RUA VIRIATO Nº 12, 1050 - 235 LISBOA, PORTUGAL
WWW.GLAM-O-RAMA.NET . GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM

CHAOSPHERE RECORDINGS

UFOMAMMUT

«8»

[Neurot]

Os Ufomammut anunciaram que «8» marcaria uma nova etapa na carreira e pelo que se ouve neste 45 minutos não estavam a fazer *bluff*. Ao oitavo longa-duração a banda italiana vai directa ao assunto sem grandes rodriguinhos, soando a uma versão mais crua, corrosiva, pesada e, ainda assim, acessível, de si mesma. Este é um disco continuamente psicadélico, porém com muito menos espaços para respirar. Os riffs são a âncora da música, mas dividem o protagonismo com os sintetizadores, fundamentais para a criação das atmosferas sufocantes e negras que os Ufomammut nos sugerem neste novo álbum. Gravado ao vivo em estúdio, com toda a banda reunida (apenas foram feitos *overdubs* de vozes e sintetizadores), «8» soa como uma *jam* controlada, com todo o ímpeto, energia e magia orgânica de um actuação em palco. Nas passagens de maior densidade, o trio veste uma pele mais *sludgy* e suja do que nunca, conseguindo até ir buscar aquele *groove* malévolo de bandas como Eyehategod. A diferença é que este é um disco enorme em mais do que uma dimensão, daqueles que num momento nos está a esmagar e no outro nos coloca num processo quase transcendental e meditativo. Esse equilibro entre lamacento e etéreo, que se ouve perfeitamente numa bujarda como «Zodiac», espelha bem o poderio de «8» e a renovada identidade do colectivo transalpino, mais focado, incisivo e cativante. Sem perder o toque experimental e quase progressivo que sempre tiveram, os Ufomammut encontraram forma de condensar todos os seus atributos em verdadeiras canções ou, se preferirem, numa única, dividida em oito partes. Brilhante. [8.5] **J.A.R.**

WOLVES IN THE THRONE ROOM

«THRICE WOVEN»

[ARTEMISIA]

A *intro* de «Born From The Serpent's Eye» e o riff que entra logo a seguir bastam para perceber que os Wolves In The Throne Room não só estão de volta, como estão de volta em grande. O que não é grande novidade, realmente, numa carreira revolucionária e sem mácula (tendo talvez no «Black Cascade», ainda assim um disco pelo qual a maior parte das bandas venderia orgãos internos ao mercado negro para ter, o seu momento de menor inspiração), mas é um pequeno alívio perceber que o desvio pelo dark ambient não lhes esmoreceu a musa. Desde 2011 que não havia black metal novo dos manos Weaver, a quem agora se junta Kody Keyworth dos Aldebaran (ex-L'Acephale e ex-Oakhelm, também, já que falamos de coisas boas), e se foi preciso o «Celestite» para lhes tirar essas ideias do sistema – ideias que agora têm um sítio próprio para se desenvolverem, chamado Drow Elixir – e voltarem nesta forma, então valeu a pena a espera. O facto de Steve Von Till fazer de *wise old man* num dos temas, de Anna Von Hausswolff emprestar o seu considerável talento a mais dois, e de a harpista turca Zeynep Oyku Ilmaz (que já tinha aparecido no «Celestial Lineage») espalhar magia ao longo de todo o disco, podem parecer grandes destaques, mas não são. E não o são da melhor maneira possível – realce-se que não há nada menos que perfeito na qualidade e na pertinência das aparições dessas pessoas ao longo estes 42 minutos de música. Não se destacam precisamente porque o seu encaixe é perfeito, são "apenas" mais componentes na tapeçaria riquíssima que a banda tece durante estes quatro (mais um interlúdio) temas. Fazem parte de um conjunto indissociável, parece que sempre lá estiveram. Acima de tudo, como sempre aconteceu nos muitos bons momentos do catálogo da banda, há uma espécia de força invisível a empurrar esta música sempre para a frente, um ímpeto inigualável, e é aí que reside o apelo infindável do álbum. Já que desta vez eles foram buscar uma inspiração temática mais concreta, com a mitologia nórdica a entrelaçar-se ao habitual "misticismo florestal", chamemos-lhe assim, também nós podemos dar ar de intelectuais e fazer uma analogia mitológica gira – a composição de «Thrice Woven» é de tal forma fluída que não se dá pelo tempo passar, é como se os Wolves fossem o Sísifo a empurrar o pedregulho montanha acima incansavelmente, mas com a diferença de que estes conseguem chegar ao cume eventualmente. É para recomeçar tudo outra vez no tema seguinte, mas há sempre uma conclusão satisfatória, um *endgame*, e esta estrutura é notória tanto nas canções individualmente, como no próprio álbum em si. A fúria de «Born From The Serpent's Eye», a intensidade melancólica de «The Old Ones Are With Us» (a tal enriquecida pelo senhor Von Till), a sombria e expansiva «Angrboda», que explode em beleza terrível nos minutos finais como uma supernova, tudo converge em direcção a «Fires Roar In The Palace Of The Moon», um verdadeiro épico que soa como os Wolves In The Throne Room a tocarem os seus temas todos ao mesmo tempo. Ou como o desgraçado do Sísifo a mandar a merda da pedra lá de cima da montanha, farto disto tudo. Genial. [9] **J.C.S.**

UNSANE

«Sterilize»

[Southern Lord]

Apesar de serem uma das bandas mais injustamente ignoradas de todos os tempos, não é preciso fazer grandes contas de cabeça para perceber rapidamente que os Unsane são os derradeiros – e verdadeiros, porque não? – patriarcas do fenómeno noise rock que explodiu nos Estados Unidos na transição dos anos 80 para os 90. Tendo em conta que, por esta altura, grande parte dos seus contemporâneos há muito se separaram – e alguns voltaram a juntar-se com formações totalmente diferentes... os Helmet são um bom exemplo disso –, este trio representa a proverbial excepção à regra. Os Unsane foram criados em 1989 e mantêm a mesma formação desde 1994, o que faz com que Chris Spencer, Dave Curran e Vinnie Signorelli andem por aí a destruir tímpanos há mais de duas décadas. Pela amostra, a vontade de parar é coisa que não lhes assiste – e ainda bem. No primeiro álbum que grava desde o excelente «Wreck», de 2012, o trio continua a destilar raiva e frustração com uma energia que faria corar muitos músicos com metade da sua idade e serve exactamente o que dele se espera: rock angular e antagónico, assente em riffs enormes e numa secção rítmica elástica, que cresce apoiado num peso tonelar e avassalador. Sim, os Unsane apostam na anti-evolução de uma forma quase masoquista – a capa deste álbum é tão sangrenta como qualquer uma das anteriores, os títulos dos temas mantêm-se monossilábicos –, mas a mestria com que continuam a explorar apenas tons de cinzento, com salpicos de vermelho, nunca vai perder o seu encanto. No final, fica uma certeza – a passagem dos anos não amenizou nem um pouco a visão que estes músicos têm do que o rock mais agressivo pode ser, só a tornou ainda mais forte. [9] **J.M.R.**

VACIVUS

«Temple Of The Abyss»

[Profound Lore]

Objectivamente, não há grande coisa nos Vacivus que os separe da massa crescente de bandas que já perceberam que o death metal se calhar tem mais piada é mesmo quando é podre e cheio de *patches* dos Incantation e dos Autopsy cosidos na testa. É uma questão de efeito primário, há coisas que nos remexem nas entranhas pela convicção com que são feitas mais do que por qualquer tecnicismo específico. É pensar nos Grave Miasma, nos Cruciamentum ou nos Dead Congregation, juntar-se umas piscadelas de olho ao black metal mais encorpado, um *feeling* europeu apesar das influências marcadamente norte-americanas (é de Sunderland, esta gente), e aqui está um belo disco cheio de pestilência sonora. Aliás, para quem segue o underground de mais perto, até se pode dizer logo que é death metal à Profound Lore e percebe-se logo o que se quer dizer. É mais um daqueles que olhamos para o nome, pensamos ao início "outra destas? Não chega já?", mas depois vamos ouvir e quase que basta aquele UGH! aos quatro minutos da «Oubliette», ou seja, apesar do cinismo acabamos conquistados na mesma. Um dia este tipo de coisa há-de enjoar, mas ainda não é hoje. [7.5] **J.C.S.**

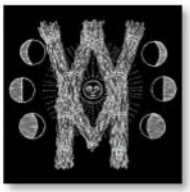
VULTURE INDUSTRIES

«Stranger Times»
[Season Of Mist]
Formados em 1998, ainda como Dead Rose Garden, os noruegueses Vulture Industries conviveram de perto, tanto fisicamente, quanto artisticamente, com o desafiante e visionário movimento de onde saíram referências absolutas do lado mais experimental e progressivo que evoluiu da segunda vaga do black metal norueguês, com Ulver, Ved Buens Ende ou Arcturus à cabeça. No entanto, apesar de contemporâneos e conterrâneos, de nomes de respeito, os caminhos que lhes haviam de estar destinados seriam muito distintos, permanecendo os Vulture Industries confinados a um certo anonimato ou ao reconhecimento de uma minoria que os segue de perto. E iluminada seja essa minoria! «Stranger Times» é o reflexo de uma banda que ousa fazer diferente, que ousa pisar territórios menos óbvios, que vai beber influência a uns Faith No More ou a uns Mr. Bungle, que revela algum fascínio por uns Mercyful Fate e que, aqui e ali, lembra uns Ghost. E o resultado dessa amplitude musical é um disco impossível de encaixar onde quer que seja, carregado de canções que desafiam o ouvinte a cada nova audição, dominado por melodias que se equilibram numa trave mestra de rock progressivo e de uma vontade inata de transpor barreiras. É fácil gostar e sentir o apelo de «Stranger Times». Difícil mesmo é perceber o porquê de não ouvirmos falar mais deles! [8] **R.A.**

WITH THE DEAD

«Love From With The Dead»
[Rise Above]
Quem achasse que, eventualmente, os With The Dead um dia iriam arriscar os territórios férteis da música experimental onde os Cathedral muito gostavam de passear de vez em quando, pode tirar já "o cavalinho da chuva". Apesar das mudanças de formação, com a entrada de Leo Smee (ex-Cathedral) para o baixo e Alex Thomas (ex-Bolt Thrower) para a bateria, ocupando o lugar deixado vago pelo "difícil" Mark Greening, os With The Dead continuam a ser um exercício de puro doom opressivo, de imagética obscura – tudo aqui sugere horror, drogas, distorção e o armagedão – e carregando nos ombros um peso contundente. E é, de resto, nesse registo que o segundo álbum do projecto abre, com a colossal «Isolation». Mais lenta que as canções mais lentas, do alto dos seus oito minutos de duração, o tema de abertura desenvolve-se em passo funerário, com o bom do Lee Dorrian, aos 49 anos, a recuperar o registo, entre o sofredor e o dopado, que fez muito boa gente ficar de boca aberta da primeira vez que ouviu a «Ebony Tears». «Egypt», o tema seguinte, mete uma mudança acima, Dorrian alterna entre um tom narratório e aquele registo um pouco mais agudo e irado que tão bem lhe conhecemos, mas controla o entusiasmo com quebras de tempo que lhe dão dinamismo e personalidade suficiente para nunca os podermos descrever com um simples Cathedral + Electric Wizard = With The Dead. E sim, é claro que há aqui vários elementos que tendem a remeter o ouvinte para essas duas bandas – a voz de Lee Dorrian é inconfundível e o Tim Bagsaw, mesmo embrulhado numa camada de distorção saturada de grão, já não sabe escrever riffs que não sejam monstruosos. No entanto, este monstro é diferente... Cambaleia e cambaleia, sem nunca cair, esmagando tudo o que está no caminho, com a força das seis cordas (coadjuvadas por uma secção rítmica poderosa) que borbulham como alcatrão. É uma pena que a épica «Cv1», autêntica orgia construída em cima de saturação paquidérmica e noise abrasivo, comece a perder gás a meio, deixando no ar a ideia de que, mesmo quando é muitíssimo bem feito, como é aqui o caso, o doom às vezes ganhava com um bocadinho de edição. Até porque, convenhamos, esta gente dos With The Dead já não precisa propriamente de brindar os seus ouvintes com uma explosão de *feedback* para os convencer que é realmente extrema. Pese a questão da duração, porque é preciso estar no estado mental certo para levar com mais de uma hora deste tipo de coisa, «Love From With The Dead» é altamente recomendado a quem gostou do álbum de há dois anos e das bandas em que os envolvidos neste projecto estiveram no passado. [8.5] **J.M.R.**

WOVEN MAN



«Woven Man»
[Undergroove]
Há duas questões por responder depois de escutar a estreia homónima dos Woven Man. Primeiro, como raio é que a mesma editora que lançou o disco dos Barrabus achou que isto merecia estar no mesmo catálogo? Segundo, será que a banda achava que este nome e a introdução de banjo do disco chegava para enganar alguém? É que o que se segue, após uma judiciosa remoção de redundâncias, i.e. cortar pelo menos 50% do tempo de duração de todos os temas (quando o Cisneros disse para repetir riffs, não era disto que estava a falar), é daquele rock/metal alternativo da transição dos anos 90 para os 2000 que passaria no Sol Música de madrugada um par de vezes antes de cair no inevitável esquecimento. É Faith No More sem riffs, sem Patton, sem génio ou ponta por onde se lhe pegue. Para que isto não se resuma a um virulento mas merecido "bater no ceguinho", fica aqui a receita de desintoxicação auditiva seguida por este escriba após as várias escutas a «Woven Man»: consumir a raiva desenfreada que os Civilized, Culture Shock e Grinning Death's Head largaram através da Youth Attack no passado dia 31 de Março. [2.5] **L.P.**

ARCH ENEMY
WILL TO POWER

OUT SEPTEMBER 8TH!
THE NEW ALBUM FROM OF EXTREME METAL ICONS! WITH THE BEST GUITAR DUO FROM THE XXI CENTURY: MICHAEL AMOTT & JEFF LOOMIS AND THE NEW FEMALE VOCALIST SENSATION: ALISSA WHITE – GLUTZ!!

FEEL THE STRENGTH,
RISE FOR ARCH ENEMY!!

THE HAUNTED
STRENGTH IN NUMBERS

OUT NOW!
The new studio album by Sweden's Thrash Metal powerhouse!
Produced by Russ Russell
(Napalm Death, Dimmu Borgir, The Exploited)

Available as Ltd. Mediabook CD (+ 2 bonus tracks & 3 stickers), Standard CD, Digital Download and as LP

SONY MUSIC
WWW.CENTURYMEDIA.COM
CENTURY MEDIA

Tesouro PERTINENTE

BURNT BY THE SUN

por José Almeida Ribeiro

ILUSTRAÇÃO POR STEBBA ÓSK

O ano de 2002 foi particularmente feliz para a Relapse, que lançou, entre muitas outras pérolas, dois longa-duração de estreia absolutamente incríveis, rotulados por muitos como o "futuro do metal". Um desses discos foi o maravilhoso «Remission», dos agora gigantescos Mastodon, e o outro o «Soundtrack To The Personal Revolution», dos já extintos – e daí em diante subvalorizados – Burnt By The Sun. A verdade é que quinze anos depois este continua a ser um disco monstruoso, capaz de fundir de forma perfeita diversos subgéneros que nunca ninguém se atreveu, ou conseguiu, misturar. Pelo menos desta forma. Do hardcore ao grindcore, passando pelo math metal e pelo sludge, com umas sublimes pinceladas industriais, «Soundtrack…» consegue ser muita coisa ao mesmo tempo sem nunca perder o foco. Ao contrário de outras bandas que congregam vários estilos distintos de música extrema, os Burnt By The Sun não se limitam a saltar de uns para os outros, preferem antes mesclá-los, incorporando as diferentes referências numa sonoridade própria.

«SOUNDTRACK TO THE PERSONAL REVOLUTION»

[RELAPSE RECORDS, 2002]

São técnicos e complexos, sem ser aborrecidos, diversos e dinâmicos sem dispararem em todas as direcções. Algo patente desde o arranque frenético com «Dracula With Glasses», onde em 1:46 minutos debitam *grooves* gigantescos, explosões de grindcore bruto e riffs angulares, até ao último segundo da instrumental «Rebecca», que fecha o disco em total contraste com tudo o que se passou até aí, numa toada melódica e melancólica. Os Burnt By The Sun andam sempre em alta rotação e mesmo assim conseguem manter uma intensidade constante. Passagens que lembram o que os Converge viriam a fazer uns anos mais tarde cruzam-se com outras a evocar o que os contemporâneos Mastodon mostrariam uns meses depois – ouça-se o riff da «Human I Steamrroler» a partir dos dois minutos. Pelo meio o balanço contagiante de «Soundtrack To The Worst Movie Ever», a brilhante «Dow Jones And The Temple Of Doom», um dos temas onde exibem todo o manancial de influências, ou o peso absolutamente esmagador da tresloucada «Shooter McGavin». É técnico, é extremo, é incisivo e é, acima de tudo, genuíno. São 25 minutos implacáveis onde há pouco ou nenhum tempo para respirar. Daí os já referidos quatro minutos finais – sim, o álbum não chega a ter meia-hora – servirem para voltarmos a ganhar fôlego até carregarmos no *play* outra vez. Porque sem sem ser um disco fácil, é viciante e cresce a cada nova audição, soando ainda melhor agora, quinze anos depois, do que na altura.

A voz de Mike Olender, num registo muito cru e gritado, reforça a ligação da banda ao hardcore, por oposição com o incrível trabalho de bateria de Dave Witte (também dos Municipal Waste, Iron Reagan, Discordance Axis, e muitas outras), que assina uma das suas melhores prestações de sempre, exibindo aquela "tarola nervosa", muito característica do Brann Dailor, dos Mastodon, em particular no… «Remission».

Outro ponto que distingue o disco são os títulos *sui generis* e as referências cinematográficas (as letras incluem frases retiradas de filmes como os «Os Ricos E Os Pobres» ou «O Maluco Do Golfe») presentes em todos os temas. No entanto, essa opção de dar um toque humorístico e pouco sério aos títulos de algumas canções mais não é do que uma subversão do seu verdadeiro significado, afinal o conteúdo lírico dificilmente poderia ser mais corrosivo e cáustico do que é.

Se há um ponto negativo no «Soundtracks…» é a mistura final, que deixa o baixo completamente enterrado. Com duas guitarras tão acutilantes e em constante duelo com a bateria de Witte, o provedor maior de *low-end* acaba por ficar resumido apenas e só a essa função.

O estilo aqui apresentado pelos Burnt By The Sun acabou por ter um enorme número de seguidores nos anos vindouros, e muito poucos, para não dizer nenhuns, o conseguiram fazer com esta contundência, fluidez e musicalidade. Esta banda-sonora ajudou a revolucionar e a renovar a música extrema e merecia ser elevada ao patamar de clássicos como «Jane Doe», «Calculating Infinity», «We Are The Romans», «Prowler In The Yard», ou o repetidas vezes mencionado «Remission» (que até é uns meses mais novo). Mais do que não seja, porque de maneira mais ou menos óbvia tem em si um bocadinho de todos eles.

LIVE & LOUD!

EPICA
FOTOS: JORGE BOTAS

VOA HEAVY ROCK FEST

17.08.04-06 – Quinta da Marialva, Corroios

DIA 1

Às primeiras horas do VOA Heavy Rock Fest, a uma sexta-feira, e com o termómetro acima dos 30 graus, a tarefa dos **Process Of Guilt**, escalados para darem início às hostilidades, parecia hercúlea. E foi mesmo. Com muito menos público do que merecia, a banda de Évora encarou o sol de frente e assinou meia-hora de peso demolidor e hipnótico, com duas incursões ao vindouro «Black Earth», que pelo pano de amostra, vai ser uma autêntica bomba. A sempre incrível «Faemin» pôs os resistentes a repetirem com Hugo Santos "*nothing breeds, nothing heals, nothing ceases*", numa altura em que o calor queimava, mas ninguém parecia preocupado com isso. Cabia aos **The Charm And The Fury** manterem a fasquia elevada, mas apesar de ter gerado as primeiras movimentações em frente ao palco, o metalcore genérico dos holandeses só terá convencido os fãs mais acérrimos. Os **Névoa** foram a primeira banda a pisar o palco LOUD! e deram um concerto competente. O black metal atmosférico foi ideal para desenjoar da actuação anterior, ainda que pedisse outro tipo de ambiência para causar maior impacto. Os **Insomnium** decidiram tocar o excelente «Winter's Gate» na totalidade, mas a ideia não resultou como seria de esperar. Os primeiros 25 minutos foram mornos, prejudicados pelo som muito embrulhado, que foi melhorando à medida que a luz diminuía. A segunda metade o concerto, pelo contrário, fez-se em clima de festa, contrastante com a melancolia do death melódico do quinteto finlandês: três temas do «Above The Weeping World» e quatro do «Shadows Of The Dying Sun» obtiveram as melhores reacções da tarde até então, com destaque para os solos do guitarrista Markus Vanhala. A mistura de stoner, rock alternativo e psicadelismo dos **Earth Drive** trouxe uma toada muito mais descontraída ao palco secundário e colocou toda a gente a bater o pé, num desempenho cheio de garra. Seguiram-se os **Epica**, liderados pela sempre impressionante Simone Simons. A vasta legião de fãs que se encontrava nas primeiras filas acompanhou a par e passo cada palavra da vocalista. A empatia entre banda e público foi clara, com Simone a declarar o amor pelo nosso país, revelando que aproveitou para ir à praia, de onde trouxe alguma areia no corpo... Voltando à música, goste-se mais ou menos do estilo sinfónico, os holandeses voltaram a mostrar que são uma banda super coesa e, em determinadas partes, mais pesada que outras mais extremas. Os efeitos pirotécnicos ajudaram a tornar a actuação ainda mais explosiva e nenhum fã do grupo terá saído defraudado de Corroios, sobretudo depois de Simone anunciar o regresso a Portugal, em nome próprio, em Novembro. Que os nortenhos **The Black Wizards** são das mais interessantes propostas que o rock pesado nacional tem hoje para oferecer, já se sabia, e o quarteto fez questão de não deixar créditos por mãos alheias no palco LOUD!, com uma actuação cheia de garra, assente nos temas da estreia e ainda com tempo para servir o aperitivo para a novidade «What The Fuzz!». Para o fim tinha ficado, efectivamente, o melhor. Os **Carcass** voltaram a demolir Corroios com um concerto impecável que percorreu toda a sua carreira, desde os tempos grindcore com «Exhume To Consume» e «Reek Of Putrefaction» até ao mais recente e intocável «Surgical Steel», passando ainda pelo mal-amado «Swansong», com a habitual «Keep On Rotting In The Free World» (e introdução da «Black Star»). Foram, aliás, vários os temas que tiveram uma pequena *intro* com riffs de outras canções, caso de «This Mortal Coil» com um cheirinho da «Edge Of Darkness» ou da final «Heartwork», com a «Ruptured In Purulence» a fazer de prelúdio. Músicos em topo de forma, malhas de qualidade e um público inteiramente dedicado à causa, só podia resultar num grande concerto.

DIA 2

Com muito mais gente no recinto à hora de arranque que no dia anterior, os **Terror Empire** foram o tónico perfeito para a tarde e noite que se seguiria. O thrash/death metal da banda da zona centro do país suscitou uma óptima reacção por parte do público, o que só será estranho para quem não tem visto a sua evolução em palco no último par de anos. Já os espanhóis **Childrain** acabaram por ser os The Charm And The Fury do segundo dia. Chatos, previsíveis e tão genéricos quanto possível. Bandas melhores do que esta, temos cá aos pontapés. No entanto, tendo em conta o reboliço à frente do palco, nem toda a gente terá achado o mesmo... No palco LOUD!, e infelizmente sem a mesma atenção dada a *nuestros hermanos*, tivemos os **Adamantine** a mostrarem como se faz thrash moderno sem concessões, assinando um concerto pleno de vigor. O recente «Heroes & Villains» resulta ainda melhor ao vivo e a nova formação da banda lisboeta mostrou já estar bem oleada. O que se seguiu foi uma lição de thrash metal dada pelos veteranos **Death Angel**. A banda de São Francisco centrou a actuação no excelente «The Evil Divide», do qual tocou quatro canções, e ainda teve tempo para visitar cada um dos restantes álbuns (com excepção para o dispensável «Frolic Through The Park»). Tecnicamente assinaram um *set* irrepreensível e com um estilo único, próprio de uma banda cheia de personalidade. O colectivo norte-

CARCASS

THE BLACK WIZARDS

DEATH ANGEL

THE DILLINGER ESCAPE PLAN

OBITUARY

TRIVIUM

GROG

THE OMINOUS CIRCLE

-americano puxou pelo público e pediu trabalho para os seguranças, instalando o caos. O único senão foi a excessiva simpatia de Mark Osegueda, que abusou nos discursos de união e fraternidade entre metaleiros. Uma vez bastava. Por falar em união entre a comunidade metaleira, os **Cruz De Ferro** são a epítome desse tipo de mensagem, embora não tenham convencido toda a gente. Num concerto que assinalou a reedição de «Guerreiros Do Metal», o colectivo ribatejano "morreu" de pé, assinando uma prestação cheia de entrega. Ainda assim, A voz de Ricardo Pombo dividiu opiniões, mas a presença em palco da banda não deixou ninguém indiferente. Logo depois, subiram ao palco os **Venom**. Para gáudio dos presentes, Cronos e companhia deram um concerto bem melhor do que há uns anos em Barroselas, ainda assim não isento de falhas. Começaram com temas mais recentes e terminaram com os clássicos «Black Metal» e «Witching Hour», levando o público ao rubro. Um espectáculo à parte foi ver o baterista Danté, em constantes malabarismos, demasiados para o contexto em que se encontra. Por momentos, pareceu que estávamos num concerto dos Mötley Crüe. Entreteve, mas não deixou de ser estranho. O que já não parece nada estranho para o público nacional é o thrash metal dos **Rasgo,** que continuam a dar cartas em palco e a mostrar que são um dos valores mais promissores do metal português. Apesar de não ter beneficiado de um som equilibrado – talvez demasiado alto –, o quinteto voltou a conquistar o público num ápice, com temas como «Vulgo Vulto» ou «Homens Ao Mar (Puxa)». A fechar a noite, estiveram os finlandeses **Apocalyptica** numa actuação composta apenas por temas dos Metallica (excepto uma breve passagem por «Thunderstruck», dos AC/DC). Apesar de ser impressionante a forma como recriam com violoncelos canções tão complexas como «Battery» ou «Master Of Puppets», a verdade é que, após um dia inteiro de festival e passado aquele primeiro impacto, o entusiasmo desvanece. De meio do concerto em diante, e mesmo com a entrada da bateria em «Fade To Black», o espectáculo dos Apocalyptica acabou por não justificar a escolha como cabeça-de-cartaz.

DIA 3

Coube aos **Colosso** darem o tiro de partida para o dia mais "extremo" do VOA 2017 e, mesmo sob o calor abrasador que se fazia sentir à hora que subiram ao palco, a banda do Porto "detonou" uma descarga de death metal para ninguém pôr defeito, assente em elevados níveis de proficiência técnica. E como não há suas sem três, os espanhóis **Killus** foram os The Charm And The Fury e Childrain deste terceiro dia do evento. Num ápice foi como se estivessemos de volta a uma época em que o Rob Zombie e o Marilyn Manson ainda eram relevantes, com a banda a "dar tudo" no que toca à imagem e, talvez porque o seu metal musculado pincelado de electrónica não podia ser mais previsível, a provocarem mais comentários jocosos que aplausos. Valeram-nos os **Don't Disturb My Circles** que, no palco LOUD!, assinaram um dos concertos do dia. Ainda apoiado no material da estreia «Lugubrious Cacophonous», o quarteto lisboeta "detonou" cheio de garra e energia, com a abordagem angular à música extrema a deixar de queixo caído quem ainda não os conhecia. De seguida, os **Obituary** contagiaram a audiência com boa disposição e *grooves* gigantescos. Cada visita ao passado e a clássicos como «Chopped In Half» e «Slowly We Rot» foi recebida com entusiasmo redobrado pela plateia, que a certa altura parecia dividir-se entre pessoal em pé e *crowd surfers*. Brutal! Ainda assim não tão brutal como o que se seguiu, que basicamente foram os **Grog** a chacinar os presentes com o *set* mais selvagem e doentio dos três dias de festival. Se nos primeiros temas a resposta do público foi de estupefacção perante a descarga vinda do palco, para o fim, e já depois de Pedro Pedra perguntar se era preciso tocarem um tema dos Obituary, os reis do death/grind nacional puseram as filas da frente em verdadeira polvorosa. O que se passou a seguir foi único. Único pela genialidade da banda em questão e por ter sido, ao que tudo indica, a última vez que os **The Dillinger Escape Plan** tocaram em solo nacional. Desde os primeiros acordes de «Prancer» percebeu-se que este é um conjunto de músicos diferente dos outros. Uma espécie de quinteto jazz experimental, cada um para seu lado, mas alinhados como nenhuns outros em todo o festival. A queda do guitarrista Ben Weinman, logo no tema de abertura, após um dos saltos tresloucados que lhe são característicos, não inibiu a banda de percorrer todo o palco. O incansável Greg Puciato, que além de ser um vocalista de uma versatilidade inacreditável – da berraria desumana ao falsete perfeito sempre com a mesma qualidade –, não se coibiu de distribuir pancada em amplificadores, colunas, na bateria e em si mesmo, com o microfone. A cacofonia controlada de temas como «Panasonic Youth» ou «Limerent Death» contrastou com os *grooves* e refrães orelhudos de «Black Bubblegum», «One Of Us Is The Killer» ou «Hero Of The Soviet Union», cantados a plenos pulmões por uma grande parte do público. A presença, distribuição e movimentação dos TDEP em palco foi simplesmente perfeita e a execução irrepreensível, cheia de energia e sentimento. Foi, de longe, o melhor concerto do festival, pelo que custou vê-los partir. Cabia aos **Trivium** tentarem igualar os compatriotas e, diga-se em abono da verdade, Matt Heafy e companhia assinaram uma excelente prestação, mostrando que são banda de estádio. Com muitos fãs a acompanharem cada riff e refrão, a banda da Florida percorreu toda a carreira e ainda teve tempo para a apresentar um tema novo, intitulado «The Sin And The Sentence», muito bem recebido pela plateia. A voz limpa do baixista Paolo Gregoletto é difícil de suportar, mas nem esse pormenor os impediu de terem o público na mão desde «Rain»; aliás, foram as visitas ao «Ascendancy» que melhor reacção geraram, mostrando bem que a faceta mais pesada da banda é, porventura, a mais apreciada. Antes os **The Ominous Circle** provaram a razão pela qual são a nova coqueluche do metal extremo português. Uma actuação poderosa e imponente que certamente os terá ajudado a granjear novos fãs. Feitas as contas, o saldo foi francamente positivo, tanto em termos organizativos como de ambiente e qualidade dos concertos. Venha o próximo! [**J.A.R.**]

MILHÕES DE FESTA

17.07.21-22 – Barcelos

No seu décimo aniversário, o Milhões de Festa continua a manter a sua raíz underground, com nomes menos sonantes que no passado, divididos por quatro palcos inseridos num cenário natural magnífico. O Milhões é um *puzzle* que se vai montando ao longo de cada edição, de maneira que no fim cada um teve o seu próprio festival. A LOUD! esteve presente nos dois dias mais "LOUD!áveis", e o nosso pontapé de saída surgiu no Palco Taina, com os **Tau** (projecto de Shaun Mulrooney dos Dead Skeletons). O mini-palco improvisado acolhe na assistência não mais de que dez pessoas mas nem por isso este duo psicadélico se deixou abalar: munidos apenas de jambés e viola eléctrica, construíram um punhado de melodias rítmicas tribais que fizeram balançar os corpos presentes. Já os *heavy rockers* **Blown Out** desfilaram todo o poder das guitarras em *reverb*, num doom sensaborão que entreteve uma plateia mais composta e pronta para os explosivos **Systemik Viølence**… que não estão para brincadeiras. Durante 45 minutos, a banda interagiu com o público com provocações, insultos e apelos a um mini *moshpit*, enquanto a intensidade dilacerante do punk era potenciada ao máximo pelo vocalista mascarado e seus companheiros instrumentais. No entanto, os senhores do final de tarde seriam os consagrados bracarenses **Vai-te Foder.** Já com o pôr-do-sol a surgir sobre o Rio Cávado, surgiram em palco e tudo tremeu. Uma *performance* categórica de suor e energia, em que Paulo e Patife (vocalistas), quais animais de palco, gritaram, gesticularam e invadiram a massa humana presente. Mais à noite, as energias focaram-se totalmente nos **faUSt & GNOD**, numa parceria inédita entre uma banda pioneira do krautrock e outra puramente influenciada pelos faUSt com toques de psicadelismo. O cenário *Lynchiano* foi avassalador: duas betoneiras transformadas em instrumentos de percussão, baldes, varridelas de chão, um solo de clarinete ao som de passarinhos envolvidos por um *groove* psicadélico em modo *loop* sombrio… Uma peça teatral musical com toques subtis de dadaísmo. Não foi fácil de assimilar e assistiu-se a alguma debandada do público, o que foi pena, perante esta *performance* libertadora de sentidos. A noite encerraria com a adrenalina dos **Cocaine Piss.** O punk rock dos belgas estava bem oleado, rasgando a pele dos presentes numa descarga de rebeldia que acabou com Aurélie Poppins, a vocalista, a debandar no meio da assistência, após tocarem os êxitos «The Dancer» e «Pinãcolalove». O guia para o terceiro dia vinha em jeito de BD, numa *fanzine* alegadamente feita pelo alunos da C+S de Corvos (Anais). Escusam de procurar a escola fictícia, mas a referência aos suecos como uma antiga banda de versões de Abba, para casamentos, cai bem nestes **Graveyard** a anos-luz daquela primeira passagem no Milhões que seduziu tanta gente. Joakim Nilsson assume todo o protagonismo nesta versão de 2017, e se os *hits* estão lá, o brilho nem por isso. Esperava-se mais dos autores de «Hisingen Blues», que fizeram um *encore* quase tão longo como o resto de um concerto onde faltou o rock que a audiência certamente desejava. Mesmo assim, nas filas da frente percebia-se o entusiasmo de muitos. A surpresa da noite estava reservada para **Sex Swing**, resultado da fusão entre Part Chimp, Dead Neanderthals e Mugstar, um misto de drone e post rock. O grupo atacou no palco secundário, usando electrónica e um saxofone visceral que roubou o protagonismo aos restantes membros. Um concerto muito curioso daqueles que faz valer dar um salto ao Milhões. **[A.F.C.+E.F.]**

VAI-TE FODER
FOTOS: EMANUEL FERREIRA

SYSTEMIK VIØLENCE

GRAVEYARD

SCORPIONS

17.07.15 – Marés Vivas, Vila Nova de Gaia

Esta visita dos Scorpions deu-se durante a Crazy World Tour, na única noite esgotada do Festival Marés Vivas – mais vinte cêntimos para a conversa de que o metal não vende – e actuando perante um público diversificado, por entre adolescentes que esperavam por um qualquer grupo de miúdos em palco, casais saudosos das baladas, festivaleiros que vão sem saber a quê, e, claro, os metaleiros que preferem estes espaços a festivais de metal, ou a pequenas salas com bandas realmente interessantes. Arrancando ao som de «Going Out With A Bang», do último disco de estúdio, seguido de «Make It Real» enquanto era projectada a bandeira nacional com as silhuetas dos músicos, seguiu-se «Bad Boys Running Wild» que fez logo perceber que os alemães sabem bem quais os seus temas de maior sucesso, e que não era pela carreira pré-anos 80 que o público lá estava. A idade dos músicos já pesa e Klaus Meine está longe do cantor de «Dynamite» em «World Wide Live». Um *medley* com «Top Of The Bill» durante o qual Klaus explicou que já foram um grupo que andava numa carrinha, e «Catch Your Train», trouxeram algum psicadelismo numa altura em que a presença de Mikkey Dee já se fazia notar. Uma visita rápida pelos anos 90 e seguintes, com «Delicate Dance» a terminar com uma espécie de solo de Matthias Jabs, que levou um segundo guitarrista ao palco para ajudar. Os primeiros acordes de «Always Somewhere», libertaram um "cá vem a primeira" de um dos casais presentes. Três baladas depois, os cinco músicos tentavam explicar que eram uma "*rock'n'roll band*", prosseguindo com «Can't Get Enough» e Klaus a contar mais uma história, explicando a razão para a versão de «Overkill». Não foi das melhores versões do tema, mas as fotos de Lemmy a passar no ecrã meteram respeito. Obrigado Mikkey, obrigado Scorpions. «Blackout» e «Big City Nights» já encontraram uma banda exausta. O *encore* veio também directo dos 80s: «Coming Home», «Still Loving You» e «Rock You Like A Hurricane». Inesquecível? Longe disso. **[E.F.]**

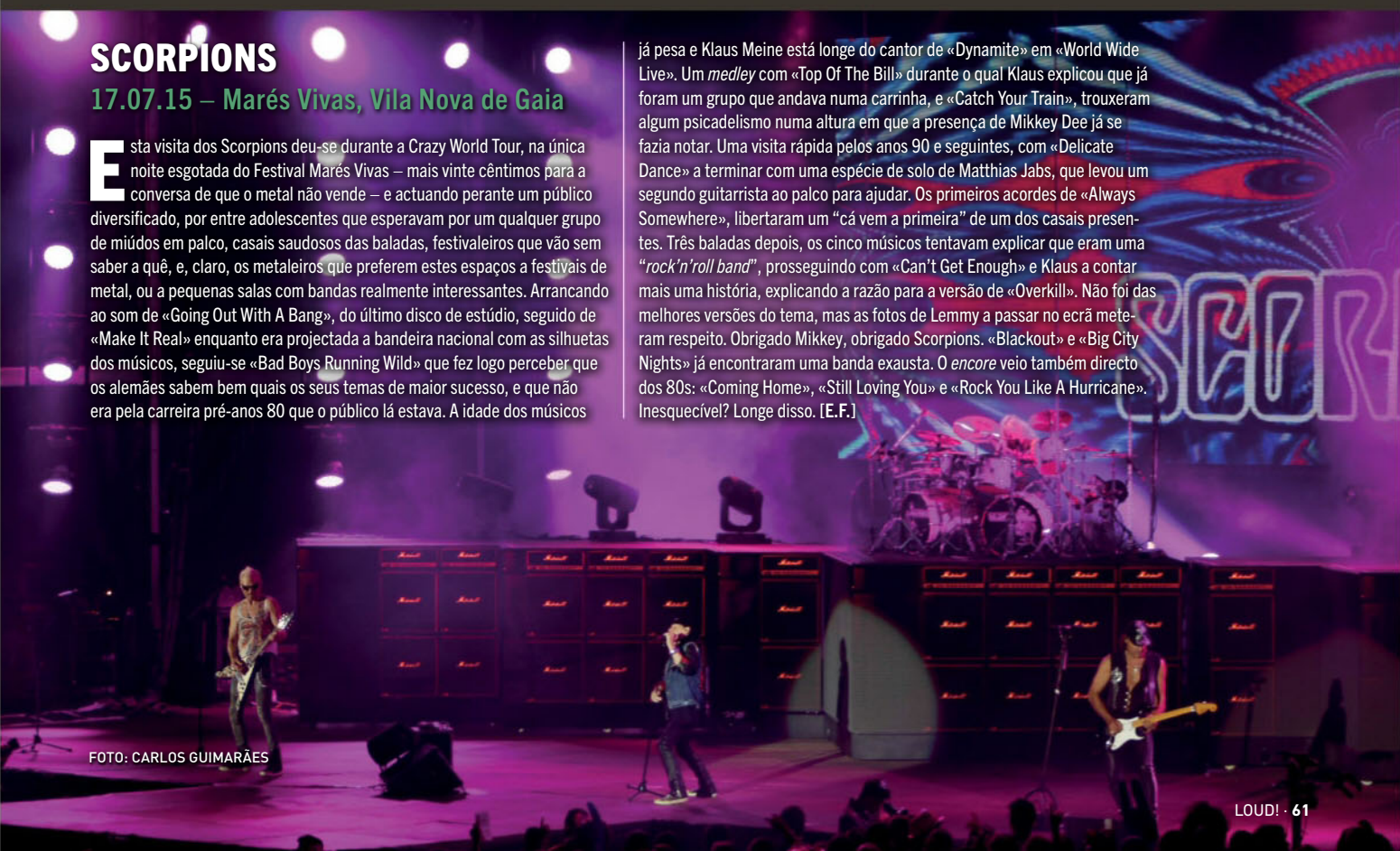


FOTO: CARLOS GUIMARÃES

NASHVILLE PUSSY + PATRULHA DO PURGATÓRIO + ROÄDSCÜM

17.07.05 – Stairway Club, Cascais

Um conjunto curioso de estilos que se juntou em Cascais, aparentemente díspares, mas mostrando que o que há mais são pontos de contacto entre o rock, o punk e o metal. Somos todos cornos do mesmo diabo. E foi com cornos bem ao alto que os Roädscüm iniciaram as hostilidades, com o seu speed apunkalhado sempre a rasgar, de forma meio atabalhoada, sem tecnicismos (longe, longe disso), no fundo, sem fineza nenhuma. Mas é mesmo esse o objectivo, e não tinha tanta piada se fosse de outra forma. Quando assim é, até uma das guitarras pode deixar de debitar som, como aconteceu perto do fim do concerto, que não é um drama assim tão grande. Bebe-se mais um copo e fica tudo bem. Foram os primeiros copos de muitos, até porque logo de seguida levámos com a Patrulha Do Purgatório. Em boa hora este projecto meio espontâneo de Hugo Conim cresceu para se transformar numa banda "a sério", porque encarnam um espírito que muitas vezes se julga perdido. Não só isso, mas ajudam a voltar a trazer à memória, em conjunção com o documentário para o qual a banda foi criada, uma série de artistas e temas que merecem ter um papel mais presente no nosso imaginário musical colectivo. A homenagem ao punk português é de tal forma bem feita que muita gente nem percebe que a maior parte do *set* da banda é composto por *covers*. Não há mal em quem não der por isso (desde que depois se vá investigar a proveniência dos originais), porque na verdade, a maneira como a banda faz "suas" aquelas músicas emblemáticas é notável, seja pela intensidade aplicada pelos quatro ou até pela forma única de expressão do vocalista Miguel Newton. Finalmente, hora de *rockar*, com os Nashville Pussy, já um clássico dos palcos portugueses. A aproximarem-se da dezena de prestações em território nacional (e depois desta data ainda foram ao Porto e a Loulé), não se dá muito pela passagem dos anos nesta gente. Parecem ter encontrado no nosso país o local ideal para debitar as suas malhas bem-dispostas, encharcadas em *whisky*, charros, suor, sangue e eventualmente outros fluidos corporais. Com o destaque habitual para a máquina de riffs que é Ruyter Suys, foi uma excelente noite para um ataque de coração, realmente, parafraseando um dos títulos do conjunto norte-americano. Com o suor a escorrer das paredes, de «I'm So High» até «Go To Hell», com «Go Motherfucker Go» a fechar quase uma vintena de descargas em beleza, não houve um segundo de descanso na sala. Às vezes é preciso uma noite destas – pretensiosismo zero, diversão máxima. **[J.C.S.]**

NASHVILLE PUSSY
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

UGLY KID JOE

17.07.15 – AgitÁgueda Art, Águeda

Foi uma surpresa para muitos a presença dos Ugly Kid Joe no AgitÁgueda, sendo de louvar a organização deste festival de arte por esta aposta. Numa tenda coloridamente decorada com os tradicionais guarda-chuvas, o grupo norte-americano brindou-nos com uma actuação exemplar, aclamada tanto pelos seus verdadeiros fãs como por aqueles que só lá foram pela «Everything About You» ou pela «Cats In The Cradle». Abrindo com «Neighbor», um Whitfield Crane em excelente forma vocal guiou-nos pela não muito extensa mas rica discografia dos Ugly Kid Joe, com destaque para «C.U.S.T.», «Panhandlin's Prince» e «Devil's Paradise», onde aproveitou para apresentar a banda. Depois de «So Damn Cool», o vocalista mostrou a sua surpresa por ver tantas crianças a assistirem ao concerto, dedicando a seguinte «Cats In The Cradle» aos pais que os trouxeram em vez de os deixarem em casa a jogar na consola. O entusiasmo com este tema prolongou-se com «I'm Alright» e essa grande malha que é «Milkman's Son». Whitfield Crane entretanto confidenciou ao público que não sabia o que esperar deste concerto e que, quando chegou ao recinto e viu tantos guarda-chuvas coloridos, nunca suspeitaria da fantástica recepção e entusiasmo com que foram brindados. Em «Mr. Recordman» foi o guitarrista Klaus Eichstadt o centro das atenções, assumindo também as funções de vocalista. Entre o público e no palco, o clima era de festa, dando azo a que o técnico de guitarra Soldier fosse convidado a fazer um pequeno solo, onde não faltou um curto excerto de «Painkiller» dos Judas Priest. De uma forma original, foi proposto ao público que, em vez de enveredarem pela habitual ladainha de sair do palco, o público gritar e eles voltarem para o *encore*, a banda parasse como estátuas e, conforme o barulho, decidiam quantas mais músicas tocariam. O início deste original *encore* não poderia ter sido melhor, com a versão de «Ace Of Spades» a animar a frente do palco. Depois de um «Funky Fresh Country Club», que pôs a outra parte do público a abanar o corpo, seguiu-se «Everything About You», o momento mais esperado por muitos e que soou quase a uma obrigação pela forma menos inspirada como foi cantada por Whitfield Crane. Nas despedidas houve oportunidade para uma criança chamada Paulo subir ao palco, com o vocalista norte-americano a reforçar o seu contentamento pela presença de tanta juventude neste evento. Foi uma noite de surpresas. Surpresa pela existência deste evento e surpresa maior ainda por ver os Ugly Kid Joe a darem um grande concerto que será inesquecível para quem lá esteve. **[C.G.]**

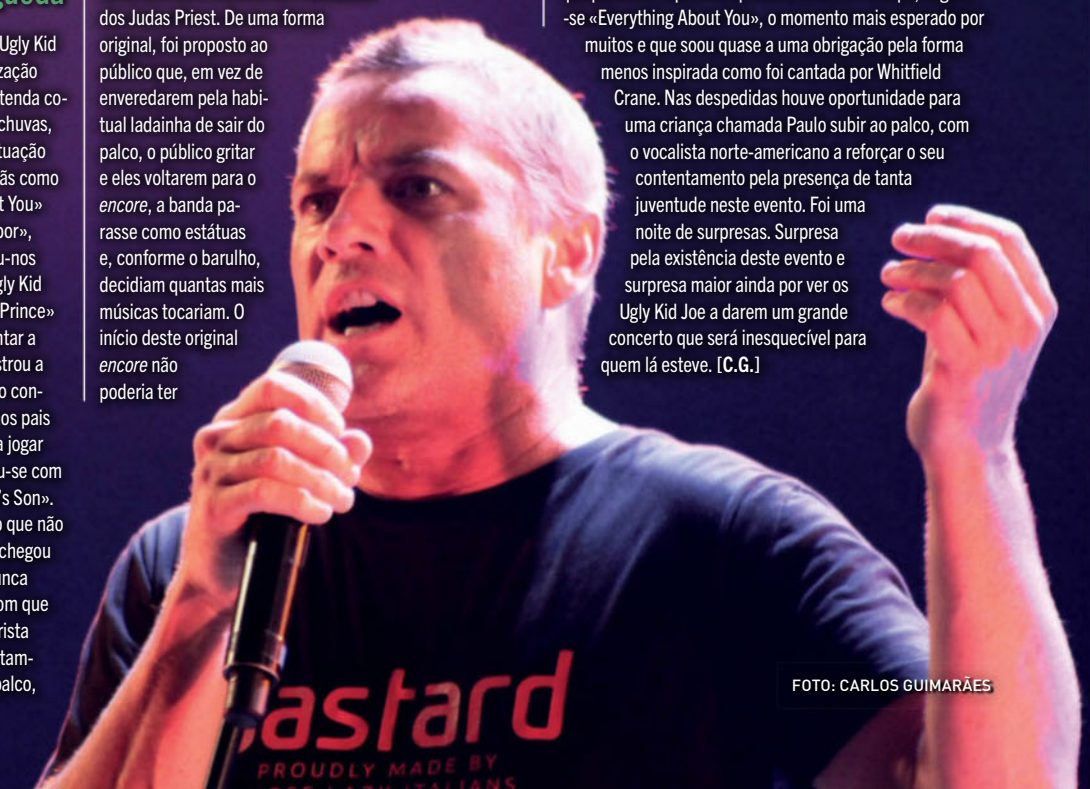


FOTO: CARLOS GUIMARÃES

VAGOS METAL FEST

17.08.11-13 – Quinta do Ega, Vagos

ARCH ENEMY

FOTOS: JORGE BOTAS

SOULFLY

DIA 1

A romaria a Vagos para mais uma edição do seu festival prometia, e muito! Três dias, um cartaz heterogéneo e vários motivos de peso para passar um fim-de-semana na Quinta do Ega. Os conimbricenses **Tales For The Unspoken** abriram o primeiro dia com o seu vocalista Marco Fresco a ser um verdadeiro mestre-de-cerimónias, culminando a sua actuação com a contagiante «N'Takuba Wena». Ji-In Cho e os seus **And Then She Came** bem tentaram manter o nível com o seu metal mais alternativo mas a voz da coreana não ajudou muito. De bem perto vieram os **Revolution Within** que foram responsáveis pela primeira *wall of death* do festival e por muita poeira levantada no recinto. Depois do thrash pleno de peso e *groove* chegou-nos o thrash desenfreado e a energia contagiante dos **Gama Bomb**. Com o sempre bem-humorado Philly Byrne ao leme – a sua fatiota amarela com desenhos de tesouras foi um sucesso – os rapazes da Irlanda do Norte não deixaram uma alma que fosse parada, ao som de malhas como «OCP» ou «Slam Anthem». A reunião dos **Rhapsody** era um dos momentos mais aguardados do festival. Desde os primeiros acordes de «Emerald Sword» até à última nota de «Holy Thunderforce», conseguiram pôr o público a cantar, com um Fabio Lione em excelente forma (bastou ouvir «Lamento Eroico») e a comunicar num português brasileiro quase perfeito. O soar do novo tema «The World Is Yours» deu início a um momento de êxtase ao som dos **Arch Enemy**, com Alissa White-Gluz a fazer esquecer que antes estava uma Angela Gossow no seu lugar. Quem tem malhas como «War Eternal», «We Will Rise» ou «Nemesis» e músicos deste calibre, só por muito azar ou incompetência poderia dar um mau concerto. Muitos não sabiam o que esperar dos **Wintersun** num evento como este, pois a sua música é tudo menos festivaleira. Mesmo assim os finlandeses conseguiram agarrar o interesse do público com o tema primaveril do seu novo «The Forest Seasons», num alinhamento onde não faltaram momentos de todos os seus álbuns. Depois de uma paragem por motivos de saúde, Christofer Johnsson voltou aos palcos com os **Therion**. Os presentes tiveram o privilégio de assistir a uma actuação memorável com três irrepreensíveis vocalistas (Thomas e Linnéa Vikström – pai e filha – e Chiara Malvestiti) que nos emocionaram ao som de «The Rise Of Sodom And Gomorrah», «Son Of The Sun», «Wine Of Aluqah» e, obviamente, «To Mega Therion». A noite só terminaria com o festim S&M dos **Grunt** que conseguiram manter o público bem desperto, não só pela presença da sua escrava em palco mas principalmente devido à qualidade e intensidade do seu death/grindgore.

DIA 2

Pouco mais de doze horas depois, o segundo dia do VMF iniciou-se com a mesma intensidade, com os germânicos **Implore** a acordarem quem ainda dormia nas tendas. Os **Brutality Will Prevail** trouxeram uma pitada de hardcore ao cartaz, seguidos na mesma onda, embora bem mais pesada, pelos nacionais **Hills Have Eyes.** O primeiro grande momento do dia estava reservado para os **Metal Church** que surpreenderam pela vitalidade de Mike Howe e pela reacção do público a malhas como «Fake Healer», «Start the Fire» ou «Badlands». Numa noite em que se previam diversos tipos de celebração, os **Primordial** cumpriram bem o seu papel, com Alan Nemtheanga e restante trupe irlandesa a conseguir cativar o público com momentos como «Where Greater Men Have Fallen» ou «As Rome Burns». O espírito solene quase contrastou com a alegria que se seguiu com os **Korpiklaani** a mostrarem que sem eles a festa não seria a mesma. As contagiantes «A Man With A Plan», «Rauta» e as inevitáveis «Vodka» e «Beer, Beer» criaram um salutar rebuliço na plateia. A maior assistência do festival estava reservada para os **Soulfly**, ou não estivéssemos perante a verdadeira lenda que é Max Cavalera. No meio da alucinante sessão de *mosh* e *crowdsurfing* poucos deram importância ao facto do brasileiro mal tocar na sua guitarra, estar vocalmente em baixo de forma ou ter arrastado por vezes penosamente o alinhamento. Valeu a Max um Marc Rizzo a segurar as pontas na guitarra e a soberba demonstração de bateria do seu filho Zyon. Uma das melhores actuações do VMF foram os **Powerwolf** que surpreenderam com uma colecção dos seus melhores temas e surpreenderam-se eles próprios com a fantástica reacção do público. Após uma longa espera de uma hora, numa noite que já se tornava fria e húmida, os polacos **Bathuska** apresentaram-nos de forma convincente a sua liturgia composta pelas oito Yekteniya.

DIA 3

O pouco público presente no início da actuação dos *thrashers* espanhóis **Reaktion** comprovava o cansaço das jornadas anteriores. De seguida os **Attick Demons** com a força do seu heavy metal mais tradicional e os **Miss Lava** com a sua boa onda e irrepreensível demonstração da sua qualidade comprovaram que estamos muito bem servidos de bandas em Portugal. Este dia era para o público mais jovem adepto do metalcore, com uns **Chelsea Grin** a fazerem alguns jurar que estava o Agir em palco e os **Whitechapel** com uma demonstração de peso, alguma indiferença pelo público entre as músicas e uma actuação estranhamente encurtada. Pelo meio tivemos mais uma lição de thrash metal neste VMF, com os norte-americanos **Havok** a serem uma das grandes surpresas do evento. Meia hora antes do previsto, fruto do *set* mais curto dos Whitechapel, subiram ao palco os **Hammerfall** que não esconderam o contentamento pelo regresso ao nosso país e nos presentearam com alguns dos seus clássicos como «Renegade», «Let The Hammer Fall», «The Dragon Lies Bleeding» e «Glory To The Brave», finalizando com «Hearts On Fire». Se estivemos de boca aberta a cantar com os Hammerfall, assim continuámos com os **Gorguts**, desta feita sem produzir qualquer som, apenas de queixo caído com o death metal inventivo da banda liderada por Luc Lemay. Para terminar este VMF tivemos os **Cough** que trouxeram a Vagos o seu temível doom/stoner de elevado impacto. [**C.G.**]

PRIMORDIAL

RHAPSODY

WHITECHAPEL

ORANGE GOBLIN
FOTOS: EMANUEL FERREIRA

ACID KING

SONICBLAST

17.08.11-12 – Moledo

DIA 1

De véspera anunciava-se que os passes de dois dias estavam esgotados, por isso a piscina onde decorreu a primeira tarde de festival revelou-se exígua para os que foram chegando. O final das actuações do dia nesse palco deu-se em apoteose com os **Black Bombaim**, subitamente cancelados no ano anterior e aqui com um alinhamento baseado no seu último trabalho, com Pedro Sousa a "fazer de" Peter Brötzmann. Passando para o palco principal, os **The Well** basearam o seu concerto em «Samsara», disco de estreia, embora já se escutasse um pouco do novo «Pagan Science». Pena terem tocado ainda de dia, pois o seu stoner doom foi das melhores coisas da noite. Uma das características do SonicBlast passa por explorar várias vertentes do psych e stoner, tornando o cartaz diversificado, mesmo que isso cause melhores e piores momentos para quem queira escutar mais uma coisa que outra. Talvez por isso os suecos **Yuri Gagarin** tenham soado demasiado space rock e electrónicos para os ouvidos deste escriba, que procurava algo mais rock. Os japoneses **Kikagaku Moyo** também se revelaram experimentais, por vezes entrando em terrenos próximos do jazz, mas com abordagens simples que se revelavam intrincadas quando tecido o tema geral. Embora interessantíssimos, a sua actuação revelou-se longa, com os japoneses a entrarem por *jams* demasiado longas. O rock chegou enfim com as descargas poderosas dos **Monolord**, numa actuação intensa que soube a pouco. O trio sueco até poderia parecer deslocado no cartaz, mas foi a melhor banda da noite, se não mesmo do festival. Tocaram «Rust», mas foram também aos outros dois discos de estúdio, e soube bem. Com o cancelamento dos Kadavar, tocou aos **Elder** a posição de cabeça de cartaz, num concerto bonito, técnico e mais prog que stoner, que se revelou arrastado para a hora e principalmente depois do rolo compressor dos Monolord. Mesmo assim, foram muitos os resistentes que chegaram até aos escoceses **The Cosmic Dead**, que fecharam a noite.

Dia 2

Ambiente a fervilhar no segundo dia com a piscina mais uma vez a apresentar lotação esgotada. A azáfama dos festivaleiros em arranjar um singelo lugar à sombra era contrastante com a motivação para a contemplação sonora que se desenrolava no palco. As vítimas deste aparente desinteresse foram os lisboetas **LÖBO**, que perante uma audiência composta mas distraída foram enchendo a paisagem sonora de riffs em articulação perfeita com uma bateria sincopada e um sintetizador bem psicadélico. A descarga de negrume foi bem oleada, mas a atmosfera demasiado festiva para que muitos aplausos se fizessem sentir. O dia lentamente desaparecia no horizonte quando os **Sasquatch** inauguraram o palco principal. O trio americano parecia soar a um sexteto, tal a potência sonora com que dedilhava um stoner rock magnético. A intensidade vocal de Keith Gibbs (vocalista e guitarrista) era irrepreensível e a crueza das linhas de guitarra abria o apetite.
O *fuzzdelicious* deste *power trio* arrebatou a multidão, atordoada pela qualidade técnica deste concerto, que viria a ser um dos melhores desta edição. Já era noite cerrada em Moledo quando surgiu o primeiro cabeça-de-cartaz deste dia, os veteranos **Acid King**. O ecrã gigante, com o logótipo incandescente da banda, gerou uma espécie de ansiedade colectiva descarregada mal o poderio sonoro do quarteto explodiu. O doom do deserto irrompeu pelo palco principal, numa dinâmica mais melancólica do que se poderia esperar mas que abona a favor destes senhores de palco. Durante o (longo) concerto, «Silent Pictures», «Laser Headlights» e a icónica «Electric Machine» foram os testemunhos maiores da qualidade destes músicos, num concerto intenso, bem tocado, apesar de a voz de Lori S. por vezes ser imperceptível . Para refrear os ânimos, nada melhor do que presenciar uma estreia absoluta por estas paragens, os alemães **Colour Haze**. O seu psicadelismo *Doors-iano*, carregado de acid blues, tornou-se inebriante após a descarga de doom metal do concerto anterior. A interacção com o público foi no entanto quase inexistente e o espectáculo foi perdendo intensidade lá mais para o final, numa estreia morna onde nitidamente a plateia já ansiava pelo grande nome do festival. Após 22 anos de carreira, os **Orange Goblin** mostraram a todos a grande banda de palco que nunca deixaram de ser. Agarraram o público do início ao fim, com uma mão cheia de êxitos, dignos de um dos grandes nomes do heavy metal inglês. Ben Ward é um verdadeiro *animal* de palco, e desde o tema de abertura «Solarisphere», passando por «The Devil's Whip», até «The Filthy & The Few», a banda exibiu todo o esplendor de um metal visceral, cru, tão bem oleado hoje como há dez anos atrás. A debandada pós-Goblin foi quase geral, com os festivaleiros a movimentarem-se de forma apressada e algo confusa para a entrada principal. A sensação que, naquele momento, ficou no ar era a de que o SonicBlast 2017 tinha terminado após a máquina de rock inglesa ter abandonado o palco. No entanto, alguns resistentes assistiram ainda ao concerto dos **Dead Witches,** em que Virginia Monti dançava sensualmente, apesar de a sua voz estar uns decibéis acima do que é possível ao ouvido suportar. A banda que conta com Mark Greening, ex- Electric Wizard, encerrou esta edição de forma competente, mas após a actuação dos Orange Goblin, seria difícil para qualquer grupo suplantar o que ali acontecera. **[E.F.+ A.F.C.]**

MONOLORD

ELDER

LAURUS NOBILIS MUSIC

17.07.28 – Vila Nova de Famalicão

Terceira edição para um festival nortenho que cada vez mais aposta no metal, particularmente em português. Novidade para este ano, além de nomes internacionais, a presença de um segundo palco, que certamente trará mais-valia se inserido no recinto e a alternar com o palco principal. Em ambos os dias raramente se ultrapassou as escassas dezenas de assistentes, por vezes nem chegando a uma dezena, como no caso da tarde de Sábado. A LOUD! focou-se nos nomes principais, começando pelos **Heavenwood**, que tiveram uma recepção calorosa por parte do público aos primeiros acordes de «The Arcadia Order» provando com o alinhamento subsequente, como se isso fosse necessário, a diversidade e a riqueza do seu repertório. Com a dupla Ernesto Guerra e Ricardo Dias a funcionar em pleno na sua dicotomia vocal, mal se notaram algumas falhas resultantes da ausência do vocalista do país (confidenciou-nos ter chegado apenas no dia anterior) mas quem tem temas como «The High Priestess» ou a imprescindível «Suicide Letters» pode dar-se a esse luxo. Duas malhas do último álbum, «Under The Red Cloud», o tema-título e «Sacrifice», deram início a mais uma saudada actuação dos **Amorphis** no nosso país. Com Tomi Joutsen empunhando o seu original microfone, os finlandeses conseguiram, graças a um alinhamento equilibrado, cativar a atenção dos presentes, quer fossem fãs relativamente recentes ou aqueles que ainda se recordam da mítica estreia em solos lusos em 1995, saudando-se para os efeitos da nostalgia o regresso do baixista original Olli-Pekka Laine. As boas memórias continuaram com «Against Widows» e a imprescindível «My Kantele». Depois de «House Of Sleep» surgiu o *encore* com duas excelentes escolhas, a recente «Death Of A King» e a inevitável «Black Winter Day». Infelizmente, muitos decidiram abandonar o recinto antes da entrada em palco dos **Holocausto Canibal**. Com os seus aventais negros envergados, os membros desta instituição nacional do grind/gore mostraram logo ao que vieram com «Vagina Convulsa». São já vinte anos de uma carreira que se tem notabilizado pela projecção internacional que lhes permite ser presença habitual em grandes festivais do género. Com apenas os indefetíveis presentes, a descarga sonora continuou, e até final os pontos altos foram a versão de «Zombie Apocalypse» dos Mortician, ironicamente um dos momentos mais calmos da actuação, e a sempre visual «Violada Pela Moto-Serra». O segundo dia continuou penoso em termos de afluência no palco secundário e mesmo no recinto, e os **Killimanjaro** foram muito mais interessantes que a quantidade de público presente. Já com mais gente chegaram os **Paus**, de Lisboa, actuando num palco reduzido, quase uma cápsula, que funcionou inicialmente, mas o decorrer do concerto revelou uma actuação monótona. Já os britânicos **Neon Animal** trouxeram tudo menos monotonia, com o vocalista Mark Thorn a revelar um misto de genes de Iggy Pop e Mick Jagger, rodeado por um trio de músicos que criaram um som punk *sleazy* a recordar os New York Dolls. Sem dúvida a surpresa do festival. [**C.G.+E.F.**]

HEAVENWOOD
FOTOS: EMANUEL FERREIRA

AMORPHIS

FOTO: JORGE BOTAS

DEFTONES

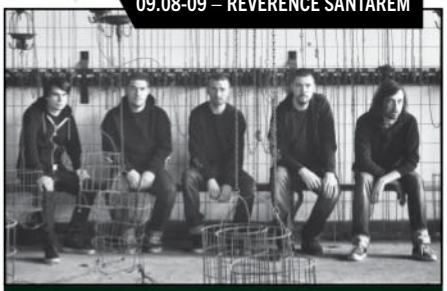
17.07.15 – SBSR [MEO Arena], Lisboa

Dado que já não tocavam em Portugal desde 2010, pode dizer-se, sem grande margem de erro, que este regresso dos Deftones ao nosso pais era bastante aguardado e, porventura, mesmo depois deste concerto, urge que voltem tão depressa quanto possível para darem um espectáculo em nome próprio. Não porque queiramos que a banda esteja sempre cá "batida", correndo o risco de diluir o impacto que, até à data, tem tido sempre, mas porque os 50 minutos que estiveram em palco na MEO Arena – inseridos no cartaz do último dia da edição deste ano do SBSR, entalados entre os *stadium rockers* em ascensão Foster The People e o eterno Fat Boy Slim –, souberam a pouco. Foram, no entanto, 50 minutos à campeão, em que o incansável Chino Moreno e o restante do grupo californiano suou as estopinhas para assinar uma prestação super poderosa e que, talvez devido à brevidade, não teve um único momento sem fulgor. Com as, por esta altura, já "velhinhas" «Head Up» e «My Own Summer (Shove It)» a fazerem as despesas da abertura, os músicos não se fizeram rogados e foram directos à jugular, provocando desde cedo movimentações entre as filas da frente de um pavilhão mais vazio do que mereciam. Antecedida por uma canção mais recente, a «Swerve City», do «Koi No Yokan», a sequência «Digital Bath», «Elite» e «Diamond Eyes» tornou claro que aquilo a que íamos assistir seria a um alinhamento de clássicos. Pois bem, à excepção do *single* «Phantom Bride», o único tema interpretado do último «Gore», foi isso mesmo que serviram. Este é, exactamente, o ponto de contenção em relação a esta última passagem dos Deftones por Lisboa... Se, por um lado, foi alucinante levar com uma sequência de clássicos que nem nos deixou respirar; por outro, os fãs mais acérrimos teriam certamente apreciado um enfoque maior no disco deste ano. No entanto, nada que ouvir, de seguida, a «Knife Prty», a «Change (In The House Of Flies)», a «Back To School (Mini Maggit)», a «Be Quiet And Drive (And Drive) e a «Rocket Skates» não nos tenha feito esquecer no momento. Ajudou também que a recta final, dedicada ao malogrado baixista Chi Cheng, que faria anos neste dia se fosse vivo, tenha fugido ao mais óbvio, com a obscura «Rosemary» a anteceder a revisitação do passado mais longínquo em «Bored», «Teething» e «Engine No.9». Resultado: foi muito bom, mas pouco – e com sabor a reencontro fugaz. [**J.M.R.**]

AGENDA

POWERED BY
WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
— RESEARCH & DEVELOPMENT —

09.08-09 – REVERENCE SANTARÉM



SETEMBRO

02 – **Holocausto Canibal** / **Decayed** / **Sacred Sin** / **Disaffected** / **Systemik Violence** – RCA Club, Lisboa ***Chaosphere Fest***
08 – **Moonspell** / **Amenra** [Bel] / **Oathbreaker** [Bel] / **Sinistro** / **Bo Ningen** [Jap] / **10,000 Russos** / **Desert Mountain Tribe** [Ing] / **Névoa** / **Wildnorthe** / **Dead Rabbits** [Ing] / **Pretty Lightning** [Ale] / **Zarco** / **Gossamers** / **Tren Go! Soundsystem** / **The Melancholic Youth Of Jesus** / **Cut** / **Quentin Gas & Los Zíngaros** [Esp] / **Two Pirates And A Dead Ship** / **F'rrugem** / **Iguana** – Parque da Ribeira de Santarém ***Reverence Festival Santarém***
09 – **Mono** [Jap] / **Gang Of Four** [Ing] / **Esben And The Witch** [Ing] / **Siena Root** [Sue] / **Hills** [Sue] / **Träd Gräs Och Stenar, Träden** [Sue] / **The Underground Youth** [Ale] / **Löbo** / **Throw Down Bones** [Ale] / **Asimov & The Hidden Circus** / **Pás De Problème** / **Nonn** / **In Bliss** / **The Janitors** [Sue] / **Conjunto!Evite** / **Cows Caos** / **The Gluts** / **Chinaskee & Os Camponeses** / **Royal Bermuda** / **Groal** / **Doctor Space** / **I Am The Ghost Of Mars** – Parque da Ribeira de Santarém ***Reverence Festival Santarém***
23 – **The Ominous Circle** / **Enlighten** – Bar Marginália, Portimão
23 – **Affäire** / **Venice Cathouse** / **El Bastard** – Another Place, Almada
23 – **Sinistro** – Sabotage Club, Lisboa
28 – **Melt-Banana** [Jap] – Maus Hábitos, Porto
29 – **Melt-Banana** [Jap] – Galeria ZDB, Lisboa
30 – **Decayed** / **Sacred Sin** / **Blame Zeus** / **Stone Cold Lips** / **Okkultist** – Famões, Odivelas ***Silveira Rock Fest***
30 – **Radio Moscow** [E.U.A.] – Hard Club, Porto

OUTUBRO

01 – **Radio Moscow** [E.U.A.] / **Kaleidobolt** [Fin] / **Her Name Was Fire** – RCA Club, Lisboa
06/07 – **Mata-Ratos** / **WAKO** / **Albert Fish** / **Terror Empire** / **Artigo 21** / **Challenge** / **Somber Rites** / **Medo** / (…) – A.R.C.M., Faro ***Faro Alternativo 7***
08 – **Swans** [E.U.A.] / **Baby Dee** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
09 – **Swans** [E.U.A.] / **Baby Dee** [E.U.A.] – Lisboa ao Vivo, Lisboa
12 – **Mayhem** [Nor] / **Dragged Into Sunlight** [Ing] – Cine-Teatro, Corroios
12 – **Brant Bjork** [E.U.A.] / **Sean Wheeler** [E.U.A.] – Cave 45, Porto
12 – **Blood Incantation** [E.U.A.] / **Spectral Voice** [E.U.A.] – Metalpoint, Porto
13 – **Brant Bjork** [E.U.A.] / **Sean Wheeler** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
13 – **Skyforger** [Let] – Cave 45, Porto

10.08-09 – SWANS

13 – **Blood Incantation** [E.U.A.] / **Spectral Voice** [E.U.A.] – Another Place, Almada
14 – **Skyforger** [Let] / **Gwydion** – RCA Club, Lisboa
15 – **Air Raid** [Sue] / **Evil Killer** [Esp] – Metalpoint, Porto
17 – **Papa Roach** [E.U.A.] / (…) – Coliseu dos Recreios, Lisboa
20 – **Soen** [Sue] / **Madder Mortem** [Nor] – Hard Club, Porto
20 – **Our Last Night** [E.U.A.] / **Blessthefal** [E.U.A.] / **The Color Morale** [E.U.A.] / **Your Life & Mine** [Ing] – RCA Club, Lisboa
21 – **Soen** [Sue] / **Madder Mortem** [Nor] – RCA Club, Lisboa
21 – **Our Last Night** [E.U.A.] / **Blessthefal** [E.U.A.] / **The Color Morale** [E.U.A.] / **Your Life & Mine** [Ing] – Hard Club, Porto
25 – **Black Bombaim** – Musicbox, Lisboa
26 – **Harem Scarem** [Can] / **Yellow Dog Conspiracy** – Paradise Garage, Lisboa
28 – **Unleashed** [Sue] / **Unfleshed** / **Cape Torment** – Hard Club, Porto ***Deathmania Portugal***
29 – **Alter Bridge** [E.U.A.] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
30 – **Moonspell** – Lisboa ao Vivo, Lisboa ***Apresentação «1755»***
31 – **Moonspell** – Lisboa ao Vivo, Lisboa ***Apresentação «1755»***

NOVEMBRO

01 – **Moonspell** – Hard Club, Porto ***Apresentação «1755»***
02 – **Omnium Gatherum** [Fin] / **Skálmöld** [Isl] / **Stamina** [Fin] – Hard Club, Porto
03 – **Omnium Gatherum** [Fin] / **Skálmöld** [Isl] / **Stamina** [Fin] – RCA Club, Lisboa
04 – **Sacred Sin** / **Arcanus** [Ale] / **Raw Decimating Brutality** / **Enzephalitis** [Fra] / **Bleeding Display** / **Revolution Within** / **Lapidated** [Esp] / **Dead Meat** / **Steal Your Crown** / **Humanart** / **Ravensire** / **Trepid Elucidation** / **Konad** / **Yar** – Pavilhão Multiusos, Malveira ***Oeste Underground Fest II***
04 – **Heavenwood** / (…) - Ass. Música Velha, Pernes, Santarém ***XIV Rock da Velha***
11 – **Master** [E.U.A.] / **Omission** [Esp] / **Dehuman** [Bel] / **Scum Liquor** / **Booze Abuser** – RCA Club, Lisboa
12 – **Dying Fetus** [E.U.A.] / **Psycroptic** [Aus] / **Beyond Creation** [Can] / **Disentomb** [Aus] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – **Master** [E.U.A.] / **Dehuman** [Bel] / **Pestifer** / (…) – Porto
17 – **Sinistro** / **Redemptus** / **Greengo** – Hard Club, Porto
18 – **Sinistro** / **Pigball** / **Lâmina** – Nirvana Studios, Barcarena
18 – **Freedom Call** [Ale] / **Mindfeeder** / **Leather Synn** – RCA Club, Lisboa
21 – **Epica** [Hol] / **Vuur** [Hol] / **Myrath** [Tun] – Sala Tejo, Parque das Nações, Lisboa
22 – **Epica** [Hol] / **Vuur** [Hol] / **Myrath** [Tun] – Hard Club, Porto
25 – **Graveyard** [Sue] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
30 – **Earth Electric** / **Painted Black** / **When Nothing Remains** [Sue] / **Mourning Sun** [Chi] – RCA Club, Lisboa ***Under The Doom V (dia 0)***

10.12-13 – BRANT BJORK

DEZEMBRO

01 – **Lacuna Coil** [Ita] / **Liv Kristine** [Nor] / **Green Carnation** [Nor] / **The Foreshadowing** [Ita] / **Cellar Darling** [Sui] / **Inhuman** – Lisboa Ao Vivo, Lisboa ***Under The Doom V***
02 – **In The Woods...** [Nor] / **Novembers Doom** [E.U.A.] / **Ahab** [Ale] / **Acherontas** [Gre/Ale] / **GOLD** [Hol] / **Funeralium** [Fra] – RCA Club, Lisboa ***Under The Doom V***
02 – **Marthyrium** [Esp] / **Irae** / **Infernus** / **Mons Veneris** / **Ordem Satânica** / **Degredo** / **Trono Além Morte** – Metalpoint, Porto ***Invicta Requiem Mass III***
07 – **VNV Nation** [Ale] / (…) – Hard Club, Porto
10 – **Napalm Death** [Ing] – Hard Club, Porto
11 – **Napalm Death** [Ing] – RCA Club, Lisboa
30 – **Heavenwood** / **Attick Demons** / **Inner Blast** / **Toxikull** / **Venice Cathouse** / **Leatherplain** / **Zurrapa** – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Milagre Metaleiro***

JANEIRO

06 – **Acid Reign** [Ing] / **Tokyo Blade** [Ing] / **Picture** [Hol] / **God Macabre** [Sue] / **Panychida** [R.C.] / **Holocausto Canibal** / **Revolution Within** / **Bleeding Display** / **Mr. Miyagi** / **AntiVoid** / **Rotten Rights** – Centro Cultural Santo André, Mangualde ***24º Mangualde Hard Metal Fest***
19/20 – **Katalepsy** [Rus] / **Extermination Dismembrement** [Bie] / **Gutalax** [R.C.] / **Grog** / **Analepsy** / **Korpse** [Hol] / **Omnipotent Hysteria** [Ing] / **Serrabulho** / **Bleeding Display** / **Guineapig** [Ita] / **Ho-Chi Minh** / **Kalyuga** [Fra/Tun] / **Besta** / **Dead Meat** / **Embrace Your Punishment** [Fra] / **The Voynich Code** / **Trepid Elucidation** / **Shoryuken** / (…) – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest 2018***

FEVEREIRO

01 – **Metallica** [E.U.A.] / **Kvelertak** [Nor] – MEO Arena, Lisboa
18 – **The Haunted** [Sue] / **Norunda** / **The Descent** [Esp] – RCA Club, Lisboa
21 – **Therion** [Sue] / **Imperial Age** [Rus] / **Null Positiv** [Ale] – Hard Club, Porto
22 – **Therion** [Sue] / **Imperial Age** [Rus] / **Null Positiv** [Ale] – Lisboa Ao Vivo

PRÓXIMA LOUD! 10.2017
IRON MONKEY • SAMAEL • ENSLAVED
AMENRA • KADAVAR • THE BLACK DAHLIA MURDER
GRAVE PLEASURES • THE HAUNTED • PROCESS OF GUILT

MONO MOONSPELL GANG OF FOUR
AMENRA SINISTRO OATHBREAKER
ESBEN AND THE WITCH BO NINGEN SIENA ROOT HILLS
TRÄD, GRÄS OCH STENAR DESERT MOUNTAIN TRIBE 10000 RUSSOS
THE UNDERGROUND YOUTH THE JANITORS THROW DOWN BONES
ASIMOV & THE HIDDEN CIRCUS DEAD RABBITS PRETTY LIGHTNING
NÉVOA PÁS DE PROBLÈME WILDNORTHE
ZARCO LÖBO QUENTIN GAS & LOS ZINGAROS
THE MELANCHOLIC YOUTH OF JESUS NONN COWS CAOS
THE GLUTS CHINASKEE & OS CAMPONESES
CUT GOSSAMERS TREN GO! SOUND SYSTEM
CONJUNTO!EVITE IS BLISS ROYAL BERMUDA
TWO PIRATES AND A DEAD SHIP F'RRUGEM GROAL
DR SPACE IGUANA I AM THE GHOST OF MARS
E MUITO MAIS...
REVERENCE SANTARÉM 2017
8 • 9 SETEMBRO • PARQUE DA RIBEIRA DE SANTARÉM • PORTUGAL
BILHETES: BOL.PT • FNAC • WORTEN • CTT • EL CORTE INGLÉS • REVERENCEFESTIVAL.COM
PARCEIRO INSTITUCIONAL
TV OFICIAL
RÁDIO OFICIAL
ANTENA 3
MEDIA
VICE
LOUD!
ARTE SONORA
O Gosto De SANTARÉM
PARCERIAS
COMBOIOS DE PORTUGAL
FUZZ CLUB

"THIS IS WITHOUT A DOUBT PARADISE LOST'S MOST EXTREME WORK SINCE YEARS."
ROCK TRIBUNE (B)

PARADISE LOST

Medusa

CD-DIGIBOOK
LP IN GATEFOLD
LIMITED BOXSET
CD | DOWNLOAD

IN STORES NOW

DIGITAL SINGLES
"THE LONGEST WINTER" AND
"BLOOD & CHAOS" AVAILABLE

The Twelfth Studio Album From The UK's Most Visionary And Hellish Outfit

CRADLE OF FILTH

CRYPTORIANA

THE SEDUCTIVENESS OF DECAY

CD-DIGIPAK | CD | 2LP OR 2PIC IN GATEFOLD | DOWNLOAD - IN STORES 22.09.

DIGITAL SINGLES "HEARTBREAK AND SEANCE" AND "YOU WILL KNOW THE LION BY HIS CLAW" AVAILABLE

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-92 80 26 - Fax +49 (0) 7162-24 954 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!